Pearl Jam ao vivo • Dead Kennedys

Soulfly

SHOW BIZZ

EDIÇÃO 168 - ANO 15
Nº 9 - SETEMBRO 2000 - R$ 5,00

Esta é sua nova SHOWBIZZ

Mike Patton
A vida depois do
Faith No More

EXCLUSIVO!

Madonna

A entrevista mais esperada do ano

Entenda as piadas
do **Bloodhound Gang**

SÍMBOLO

Travis, Belle & Sebastian, Delgados: o novo rock da Escócia

Gravador de CD é Philips. O CD com a sua cara.

Acabamos com o troca-troca de CDs e com o pula-pula de faixas. Chegou o Gravador de CD 570 da Philips. O aparelho ideal para você gravar e ouvir seus CDs com resultados surpreendentes. Ele reproduz discos de áudio digital tipo CD-R e CD-RW, possui controle remoto, além de ser compatível com todos os aparelhos de som com entrada e saída de áudio. De agora em diante, todas as músicas do seu CD vão ser as preferidas.

www.philips.com.br

PHILIPS

Let's make things better.

BARULHO

4 Video Hits, Manu Chao, Everclear, Rock In Rio

10 Cabra Cega
Dinho, do Capital Inicial

12 Que Fim Levou
Negrete, ex-Legião Urbana

14 Até Quando Esperar
Queens Of The Stone Age, Built To Spill

16 Palco
Marisa Monte, Pearl Jam

NESTE MÊS

22 Madonna
A Rainha do Pop com tudo novo: disco, filho e marido

34 Mike Patton
Sem sucesso, mas com liberdade

38 Bloodhound Gang
Aprenda a rir das gracinhas da banda

40 Ed Motta
Você sabia que ele já teve sua fase metal? Nem nós

44 Jello Biafra
Vivo protestando contra tudo e todos

48 Rap X Censura
Juiz proíbe veiculação do clipe do Facção Central

52 Álbuns Perdidos
Raridades em vinil do pop brasileiro

56 Rock Escocês
Panorama do país em que homens usam saias

DISCOPAGIA

59 Soulfly, Pixies, Duran Duran, Mundo Livre S/A

67 Importe-se
Jeff Buckley, David Holmes, Coldplay

68 Os10 mais...
Álbuns para dissecar o punk

69 Minha Coleção
Marcelo Bonfá

70 Discoteca Básica
Bryter Later, de Nick Drake

72 Democracia
La Carne, Walverdes, Usina Le Blond

76 Sem Dúvida

78 Cartas

82 Detalhes
Os Beatles descobrem a maconha

Toca o telefone. É da recepção. "Tem um cara aqui querendo subir, um tal de Arnaldo. Posso autorizar?" Arnaldo? Tudo bem. Quem será? Oito andares depois, ele abre a porta da redação e dá uma espiada, já com o sorriso quase infantil no rosto e o olhar muito vivo. Arnaldo Baptista! Pára tudo que o mestre está entre nós! Acompanhado da esposa, Lúcia, e da amiga do casal, a jornalista e DJ Sônia Abreu, o gênio veio pegar umas cópias da edição passada, que trazia uma reportagem com ele sendo entrevistado por Lobão. Antes de entregar os exemplares, desespero e angústia atrás de uma polaróide para registrar o momento histórico. Todo mundo bate uma foto com ele – só não publicamos nenhuma porque ninguém conseguiu evitar a cara abobalhada de fã diante do ídolo. Revistas na mão, o trio se despede e vai embora. Ainda comentávamos a visita inusitada quando caiu a ficha: "Putz, a gente devia aproveitar o Arnaldo aqui e pedir a ele, que sempre tem um trocadilho na manga, algumas sugestões de nomes de seções para a novo projeto editorial e gráfico!". Bom, perdemos a chance. Mas a revista chega às suas mãos completamente diferente neste mês. Mais organizada, mais bonita, com mais informação. Para a capa, simbolizando esses 15 anos de metamorfoses e reinvenções, uma artista que também já fez o diabo no mundo pop. Como BIZZ, Madonna fica melhor a cada ano. A essas alturas, você já percebeu que o clima aqui é de "cachorrada lambendo a cria". É que, de tanto entrevistar figuras da música, acabamos pegando alguns de seus cacoetes. Um deles é sempre dizer que o último trabalho é o ponto alto de sua carreira. Pois bem: estamos convencidos de que esta edição dá de goleada na anterior. Mas, com certeza, nem chegará perto da próxima.
Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

PS.: Os 30 anos da morte de Jimi Hendrix estão devidamente lembrados em uma revista-pôster dedicada ao maior guitarrista de todos os tempos.

Capa: Carlos Cultura/Stock Photos

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***The Keyboard King At Studio One*, Jackie Mittoo** O tecladista mais funk da Jamaica mostra que nem só de reggae vive o som da ilha. Grooves do tempo em que os artistas locais ainda eram ingênuos.

***Le Slow Motion Boogie Woogie*, Monsieur Leroc** Não se engane com o nome em francês: essa novidade vem da Alemanha e investe num lounge modeminho, com levadas cool e timbres escolhidos a dedo.

***First Step*, Small Faces** Por incrença que parível, Rod Stewart já foi um cara legal, mandando muito bem o rock'n'roll culpado pela (pouca) fama da banda, que depois tirou o "Small" do nome.

***Baja Sessions*, Chris Isaak** Sim, o macho que não tem vergonha de chorar por amor deixou todo mundo aqui comovido com seus refrãos bovinos e climas saídos diretamente de alguma estrada no meio do nada.

Todo mundo virou brother de um dos reis do funk brasileiro (*no centro*), enquanto o "Príncipe" (*abaixo*) não conseguiu conter as lágrimas

Pintou para a emoção

A gauchada do Video Hits invade o Rio de Janeiro para gravar seu disco de estréia e ainda faz a gentileza de desenterrar Gerson King Combo e botar Ronnie Von para chorar

Video Hits é a mais nova banda gaúcha a sair na seção Democracia e se dar bem. De contrato assinado com a Abril Music, graças a uma forcinha do superfã Marcelo Camelo (vocalista do Los Hermanos, que é da mesma gravadora), o septeto deixou o frio de Porto Alegre para gravar seu pop rock psicodélico no Rio de Janeiro. Durante o mês de agosto, os cinco rapazes e as duas moças que compõem o grupo ficaram hospedados na casa de Kassim, do Acabou La Tequila, e tiveram uma ótima idéia.

Aproveitando a bocada, o líder da patota, Diego Medina, chamou alguns convidados mais do que especiais para incrementar o álbum de estréia. Gerson King Combo, um dos reis do funk brasileiro nos anos 70, foi o primeiro a dar as caras no estúdio Nas Nuvens no sábado reservado para as participações. O que seriam apenas backing vocals numa parte da pesada faixa "Furacão", virou vocal de apoio em toda a música. Combo, que vai lançar disco novo pelo selo União de Idéias, distribuído pela Trama, divertiu e se divertiu à beça com a gauchada e, para honrar sua nova fase religiosa, despediu-se com um tipo de oração: "O caminho é árduo e longo, mas vocês vão conseguir. É isso aí, brother!".

As gravações continuaram quando Ronnie Von, o homem que batizou os Mutantes (há controvérsia) chegou. Recentemente, começou a rolar um culto aos álbuns psicodélicos que o "Príncipe" lançou no fim dos anos 60, principalmente ao vinil que contém a linda "Silvia 20 Horas Domingo", que ganhou uma versão fiel do Video Hits num dueto de Medina com o próprio autor da melodia. "Fui execrado quando gravei isso. O disco só vendeu duas cópias, uma para mim e outra para minha mãe. Mas outro dia um cara me ofereceu 350 dólares pelo LP e eu não tinha nenhum!", brincou Ronnie. Quando o atual "mãe de gravata" ouviu a banda executando sua canção, não se conteve e chorou. "Talvez, minha carreira esteja justificada hoje, por causa de vocês", disse aos pupilos. O primeiro disco da Video Hits chega às lojas no começo de outubro.

José Flávio Júnior

CallieAssumpção

Busca. Comunicação. Compra.

Do You YAHOO!?

YAHOO! BRASIL
www.yahoo.com.br

Art (*à esq.*): um álbum agora, outro daqui a pouco

Dois de uma vez só

Famoso pelos hits "Santa Monica" e "Everything To Everyone", o grupo americano **Everclear**, que acaba de lançar *Songs From An American Movie, Vol. 1: Learning How To Smile*, vai cometer a insanidade de soltar outro álbum nos próximos meses, intitulado *Vol. 2: Good Time For A Bad Attitude*. "Se o Led ou outra banda que eu curtia quando garoto fizesse dois discos no mesmo ano, ficaria pasmo", reconhece o guitarrista e vocalista Art Alexakis.

O líder do Everclear diz que o primeiro redefine o significado da palavra pop. Longe do que a molecada americana assimila (Backstreet Boys, Britney Spears), o disco traz canções açucaradas, mas com doses de rock e folk num altíssimo nível de musicalidade. Já o segundo volume, agendado para sair no fim do ano, vai fundo no rock sujo e podrão que fez Art, Craig Montoya (baixo) e Greg Eklund (bateria) alcançarem o sucesso. Num mercado musical competitivo, em que dezenas de lançamentos saem diariamente, já é difícil para bandas venderem apenas um álbum. Dois, então, não seriam demais para o público? "Não", garante o vocalista. "Boa música é boa música. Acredito que as pessoas comprarão dois discos diferentes de um ou dois artistas."

Cabeça aberta, Art tem se envolvido em projetos fora da música. Em abril, ele estreou no cinema com o filme *Committed*, no papel de um ladrão de carros viciado em drogas. "Mas o cara se recupera. Como nas letras do Everclear, sempre há luz no fim do túnel", diz o músico de 38 anos, que teve sérios problemas com drogas e álcool.

Em março, Art foi ao Congresso americano, em Washington, representar uma associação que apóia crianças carentes. Abandonado pelo pai na infância, ele brigou por um mandato que obriga pais irresponsáveis a darem suporte financeiro a seus filhos. "Essa não é uma causa na moda. Não é como ficar aparecendo na floresta amazônica com amigos famosos", diz, claramente sacaneando o trabalho pró-ambiente de Sting no Brasil.

Daniel Oliveira

MANUCHAOMANIA

Num intervalo de quatro meses, três artistas brasileiros lançam discos incluindo versões para músicas de Manu Chao, o francês rebelde que integrou uma das bandas mais inventivas da virada dos anos 80 para os 90, o Mano Negra. Solo, ele gravou o superlativo e melancólico álbum *Clandestino*, lançado por aqui no começo do ano. Recentemente, Manu voltou a fazer suas andanças pelo Brasil e – beleza! – está com presença confirmadíssima no Free Jazz, em outubro (*leia mais sobre o festival na página 12*). Enquanto o original não vem, o público brasileiro vai se contentando com covers do menestrel das angústias do Terceiro Mundo. Confira abaixo quem entrou com tudo na Manuchaomania:

Artista	Cover	Álbum	Como ficou
Adriana Calcanhoto	"Clandestino"	*Público*	Acústica e deveras constrangedora
Tihuana	"Clandestino"	*Ilegal*	Parecida com a original, mas com uma autocitação no refrão ("Tihuana/ ilegal")
Mundo Livre S.A.	"Minha Galera"	*Por Pouco*	Virou uma batucada, ideal para ser cantada em boteco, depois de uns copos de cerveja

Quem quiser entrar na onda e faturar um kit com o CD *Clandestino* e uma camiseta bacana de Manu Chao tem de responder à pergunta: **O que é necessário para fazer parte da sua galera?** Mande sua resposta para Promoção Virgin/SHOWBIZZ: Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo (SP), CEP 01333-000. As 20 cartas mais criativas levam o mimo para casa. As eleitas saem na edição de novembro.

Seu par ideal:
Bonito, moderno
e pontual.
COSMOS
QUALIDADE INDISCUTÍVEL
OS 29571Q
À prova d'água
Pulseira em aço
Mecanismo à quartzo
Design exclusivo

Como num filme

Tudo é de cinema no Cidadão Quem: a idéia para o nome da banda, a beleza dos integrantes e a proposta de falar da realidade. Resta saber se o enredo vai agradar ao público

Duca, Luciano e Paula: além de rostinhos bonitos

Cidadão Quem? Não, não, não é nenhum sujeito com crise de identidade, e sim mais uma banda gaúcha que sai do underground e assina com uma grande gravadora. Após dez anos de atividade e alguns discos gravados por selos próprios, o trio de Porto Alegre conquista a simpatia da Warner e lança *Soma*, um álbum que traz músicas compostas durante toda a sua carreira. "Queríamos homenagear Cau Hafner, então colocamos as músicas que ele ajudou a compor. Não seria justo deixá-lo de fora agora que conseguimos um espaço. Esse sonho era dele também", explica o guitarrista e vocalista Duca Leindecker, referindo-se ao amigo e ex-integrante da banda, que morreu em 1999 em um acidente de pára-quedas.

O nome do grupo foi tirado do clássico do cinema *Cidadão Kane*, de Orson Welles, por ter a ver com a proposta de falar da realidade, das coisas simples da vida. Segundo Duca, "as pessoas hoje estão reavaliando sua conduta e até Hollywood já sacou isso. Tanto é que *Beleza Americana*, um filme que contesta a moral da sociedade, ganhou o Oscar no ano passado".

Os outros dois integrantes são Luciano Leindecker (baixo) e Paula Nozzari (bateria), que já tocou no De Falla e Colarinhos Caóticos. Todos ostentam uma beleza quase cinematográfica. Luciano, por exemplo, já chegou até a trabalhar como modelo, mas confessa que não era muito a sua praia.

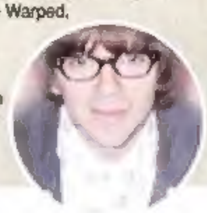
Rostinhos bonitos, sim. Cabeças vazias, não. Com muita personalidade, dizem não pretender usar a boa aparência como trampolim para o sucesso. "Existe um público que não é nem um pouco fiel a música, que vai e volta. Esse público a gente não quer", afirma Duca, também escritor nas horas vagas. Seu primeiro livro, *A Casa Da Esquina*, foi adotado pelas escolas do Rio Grande do Sul como leitura obrigatória para o 2º grau. Baseado em histórias verídicas, a obra relata as experiências de um garoto durante a infância e a adolescência. Se a fórmula do sucesso estiver mesmo na vida real, a banda está no caminho certo.

Fabiana Batistela

SERÁ QUE ELES PIRARAM?

Axl Rose Após brigar com todos os integrantes originais do Guns N'Roses e estar embaçando há quase uma década para pôr material inédito na praça, Axl regravou *Appetite For Destruction* com a nova formação da banda (que inclui o guitarrista e amigo de infância Paul Hudge, o ex-Replacements Tommy Stinson no baixo e o tecladista Dizzy Reed). Não se sabe se o novo *Appetite* é uma versão fiel do antigo, só que com outros músicos, ou se virou um álbum de rock industrial (tipo de som que fez um pouco de sucesso no começo dos 90 e que Axl parece só ter descoberto agora). Mais: ninguém garante que o material será lançado. Talvez possamos conferir em janeiro, já que rolam sérios rumores de que o Guns fará sua volta triunfal aos palcos no festival Rock In Rio Por Um Mundo Melhor.

River Cuomo Os alternativos do Weezer só haviam lançado um álbum quando o líder Rivers decidiu acabar com a história, alegando que precisava voltar para a universidade. Pouco tempo depois, o nerd esquisito largou Harvard e concebeu o segundo e brilhante álbum do grupo (*Pinkerton*, 1996) e conquistou mais fãs pelo mundo, inclusive no Brasil. Desde então, Rivers não consegue gostar de nenhuma de suas composições. Recentemente, destruiu as fitas master contendo o repertório que formaria o terceiro álbum do Weezer, atrasado há mais de dois anos. Longe dos palcos desde 1997, o grupo fez algumas apresentações no Japão e na turnê Warped, com o Green Day, quando começou a rolar um papo de que Rivers parou de tomar banho, trocar de roupa e cortar o cabelo.



Kevin Shields Não fossem os riffs dilacerantes desse guitarrista, que era a alma do My Bloody Valentine, uma geração de bandas *noisy* teria ficado perdida no espaço. Por causa de *Isn't Anything* (1988) e *Loveless* (1991), o americano criado na Irlanda virou o *guitar hero* predileto da moçada do underground. O que ele fez com a fama? Lhufas. Ninguém mais soube precisar se o grupo existia, se lançaria trabalho novo ou se voltaria aos palcos. Kevin construiu um estúdio caseiro, concluiu dois discos, mas decidiu não lançá-los. Depois de remixar uma música da banda escocesa Mogwai, em 1999, ressurgiu neste ano como membro semifixo do Primal Scream, participando em faixas do álbum *Xtrmntr* e segue excursionando com Bobby Gilespie e sua gangue, cabeludo e bem mais gordo do que no começo da década.

Mais que adivinhar, a idéia é coletar "achismos" sobre os sons

CABRACEGA

Dinho Ouro Preto

"Song 2", Blur "Conheço isso... (*Depois do 'hu-huh'*) É Offspring? Sempre achei que isso fosse Offspring, tem a maior pinta de banda americana. (*O repórter revela que é Blur*) É estranho, porque o Dado (*Villa-Lobos*) é alucinado por Blur, e eu sempre preferi o Oasis. Ele sempre insistia para eu ouvir. Então, comprei três discos. Saía um CD novo deles e eu pensava: 'Tá, vou dar uma chance para o Dado'. Aí, botava para rolar e não gostava. Mas dessa música eu gosto. Deve ser do disco que eu não tenho (*risos*). Tenho a impressão de que Blur é uma banda de universidade e o Oasis, da rua. Você percebe que eles são uma coisa de *college*, de arte, mais cerebral, intelectual. É muito conceito para pouco som. E o Oasis é o contraponto disso."

"Public Image", PiL "(*Com 2 segundos de música*) É 'Public Image', do PiL. A gente tocava isso. É muito fácil, só tem duas notas. Esse primeiro disco deles foi avassalador, ainda bem parecido com Sex Pistols. Sabia que PiL é a banda da qual mais vi shows na minha vida? Fui a três. Acho esse cara (*John Lydon*) o melhor showman do rock. Era o Elvis da nossa geração, uma inspiração constante."

"Damaged Goods", Gang Of Four "(*Com 2 segundos de música*) Gang Of Four! Esse primeiro disco é fantástico. Eles se diziam a única banda marxista do mundo (*risos*). Os Titãs têm um som que a gente até achava que citava essa música. 'Às vezes acho que é amor...' (*N. do E.: a música é 'Corações E Mentes' e tem versos como 'às vezes acho que te amo, às vezes acho que é só sexo'*). Aliás, pergunte a eles se citavam ou não, porque a gente achava que sim."

"Kill All Hippies", Primal Scream "(*Com 30 segundos de música*) Vai entrar algum vocal? Não conheço, vou tentar adivinhar pela voz. Legal, chocante. É o novo Leftfield? Adoro esses barulhinhos. Muito bom, vou comprar. (*Depois que entra o vocal*) Cara, é incrível, isso não parece com nada! Lembra Propellerheads. (*O repórter revela o artista e a música*) Primal Scream? Está tão diferente... Adoro esse híbrido de rock com eletrônica. Aliás, o que eu gostei na primeira vez que ouvi Prodigy foi dessa mistura, achei que era o caminho para o rock. Quando a gente ouvia New Order, gostava dessa coisa de misturar tecnologia com guitarra."

"I Feel A Little Spaced Out", Mutantes "Parece uma coisa Motown, de época. (*Entra o vocal*) Cara, essa melodia é supertamiliar, uma coisa anos 60... Lembra a Grace Slick (*do Jefferson Airplane*) cantando. (*O repórter conta que é um artista brasileiro*) Cacete, o que é isso? (*Depois de saber que era Mutantes*) Não é possível!"

"Preta Pretinha", Novos Baianos "Ah, isso é Caetano Veloso. Moraes Moreira. Não, desculpa, é Novos Baianos. Um pouco antes de a gente começar a ouvir punk, tivemos uma pequena – e única – fase de ouvir MPB. Mas passou muito rápido (*risos*). Depois, odiávamos isso."

"Glory Box", Portishead É aquele cara que agora virou ator... Tricky? Não? Massive Attack? Pô, tenho esse disco em casa, é Tricky, sim (*risos*). Ouvi bastante... Morcheeba? Cacete, tenho esse disco! O único que eu não disse é... Me deu um branco. Eu até achava que não era uma banda, e sim um artista-solo... Portishead! Esse álbum eu achei legal, é aquele primeiro, com capa azul. Mas desses todos, eu gostei mais do Massive Attack. Mas, hoje, confesso que tem uma coisa que me incomoda nisso. Sabe o que é? Me dá um bode porque é chique demais, é cool demais."

"Breaker Fall", Pearl Jam "É uma versão, não é? Parece Iggy Pop... (*cantarola por cima da música*) Pô, isso é 'Seek & Destroy'! É Bush? Chris Cornell? Ah, é Pearl Jam! Olha, cara, das quatro bandas principais de Seattle – Soundgarden, Alice In Chains, Nirvana e Pearl Jam –, a que eu menos gostava era o Pearl Jam. Comprei o *Ten* e gostei, é um bom disco. Acho que o problema do Eddie Vedder é... Essa coisa de estar acima do bem e do mal, de ser um santo. Essas causas nobres... Isso me parece um pouco de oportunismo. Mas não é só neles, não. Isso me incomoda também no Fugazi, em todas essas bandas alternativas. Vira uma coisa meio religiosa, perde o que eu acho fundamental no rock, que é a diversão. Os caras esquecem o 'gabba-gabba-hey'. O Eddie Vedder tem uma frase, muito boa, que entra em contradição com a postura que adota. Ele falava: 'amem a música, não os músicos'."

Emerson Gasperin

Um brinde ao emprego garantido

Nem Pai Manuel, nem a vidente Marisa, nem a cigana Dona Lena foram capazes de prever esta. Nenhum dos profetas do Viaduto do Chá (SP) que consultamos no mês passado adivinharam que os **Titãs** velhos de guerra sairiam da gravadora Warner para arrumar abrigo na Abril Music. É a primeira vez, em quase 20 anos de carreira, que o grupo troca de companhia. O anúncio da nova casa serviu para afastar os rumores de que o septeto estaria encerrando atividades. Todos os integrantes vão tocar projetos individuais no decorrer de 2000: o novo disco de Nando Reis já está pronto (tem Peter Buck, do R.E.M., na guitarra e Barrett Martin, ex-Screaming Trees, na bateria), Gavin garimpa jóias esquecidas do cancioneiro popular para lançar em CD, Sérgio Britto compõe material para estrear solo... Cada titânico na sua. Mas eles viram uma banda de novo no primeiro semestre de 2001. "Não sabemos como será o novo disco dos Titãs. A única certeza é que ele será de composições inéditas", garante Britto. Aleluia!

Rock'n'roll
é isso aí

Stamp Rock Wear
CAMISETAS OFICIAIS
ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE
RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR
FRETE GRÁTIS
PROMOÇÃO ESPECIAL
VÁLIDA ATÉ 31/10/2000
TEL : 0**11 6979 7344
FAX : 0**11 6979 5456
stamp@uol.com.br
R$ 19,90 cada camiseta
TS 451
TS 453 KISS · TS 457 KISS · TS 459 KISS · TS 455 OZZY · TS 462 OZZY · TS 463 OZZY
TS 458 B.SABBATH · TS 452 B.SABBATH · TS 460 DOORS · TS 454 DOORS · TS 214 I. MAIDEN · TS 264 I. MAIDEN · TS 365 I. MAIDEN · TS 385 I. MAIDEN · TS 389 I. MAIDEN
TS 422 I. MAIDEN · TS 436 I. MAIDEN · TS 439 I. MAIDEN · TS 446 I. MAIDEN · TS 447 I. MAIDEN · TS 231 L. ZEPPELIN · TS 291 L. ZEPPELIN · TS 326 L. ZEPPELIN · TS 330 L. ZEPPELIN
TS 441 L. ZEPPELIN · TS 440 TWIST SISTER · TS 340 RAMONES · TS 412 RAMONES · TS 446 RAMONES · TS 450 RAMONES · TS 325 SLAYER · TS 431 SLAYER · TS 440 SLAYER
TS 445 SLAYER · TS 204 PINK FLOYD · TS 227 PINK FLOYD · TS 339 PINK FLOYD · TS 413 PANTERA · TS 442 PANTERA · TS 444 PANTERA · TS 252 SEPULTURA · TS 383 SEPULTURA
TS 402 SEPULTURA · TS 443 SEPULTURA · TS 393 M.MANSON · TS 435 ANGRA · TS 321 RATOS · TS 342 F. KRUEGER · TS 409 JASON · TS 434 CRAD. FILTH · TS 407 CRAD. FILTH
ENVIE O CUPOM AO LADO (POR CARTA, FAX OU E-MAIL) PARA A STAMP:
RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 SÃO PAULO,SP
PREENCHA CORRETAMENTE NOME, ENDEREÇO ,REFERÊNCIA E TAMANHO (P,M,G).
VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
ACEITAMOS TROCA EM CASO DE DEFEITO OU TAMANHO
DESCONTO PARA REVENDEDORES
REF | TAM | REF | TAM | REF | TAM
NOME:
END:
CEP: CID: EST:
TEL: ASSINATURA:
BIZZ/SET/00

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz na padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Renato Rocha, o Negrete

Só faltava um personagem para que a história do rock de Brasília fosse totalmente recuperada. E ele apareceu em uma situação até natural, não fosse seu rosto o mais sumido de toda a geração 80. Renato Rocha, o Negrete, ex-baixista da Legião Urbana, participou, no fim de julho, de um show do reformado Finis Africae no Rio. Com alguns quilinhos a mais e 100% de cabelo a menos do que na época de *Que País É Esse*, antes mesmo de subir ao palco ele já era a alegria da imprensa, que na grande maioria estava lá por sua causa. Rolou até uma resposta "proibida", quando o repórter da MTV perguntou o motivo de sua saída da banda de Renato Russo: "Drogas, cara, muitas drogas", declarou Negrete.

Klar Robson

No palco, uma hora depois, ele parecia feliz da vida: tocou com habilidade seu baixo de seis cordas e dançou ao som de "O Quê", dos Titãs, e "Sossego", de Tim Maia, além do improvisado bis com "Fátima", do Capital Inicial, ao lado de Philipe Seabra, da Plebe Rude, e do Finis Africae.

O cansaço e a sede depois de tocar não o impediram de falar compulsivamente. Em poucos minutos, ele contou sua história desde que deixou a Legião, de trás para a frente: atualmente mora em Barra de Guaratiba, distante praia carioca, com a esposa Rafaela e os filhos Vitória e Renatinho. "Lá é lindo, as praias são virgens e a gente toca o tempo todo", diz, empolgado com canções de sua nova banda, como "Harley Davidson".

Antes de voltar para o Rio, onde nasceu, ele passou por Curitiba (imediatamente após deixar a Legião) e por cidades do interior dos estados de Goiás e do Rio de Janeiro.

Com direito a muitas aventuras, é claro. "Encontramos o Jander (*Bilaphra, da Plebe*) em Mendes (*interior do Rio*) uma vez e pedalamos juntos por mil quilômetros, eu, minha mulher e ele", lembra. O dinheiro da Legião ainda o sustentou por um bom tempo, até que recentemente teve que pedir 200 reais emprestados ao ex-companheiro Dado Villa-Lobos. "Mas vou pagar, com certeza", garante o baixista.

As relações entre os dois não são muito boas. Tranquilo, Dado diz que Negrete foi expulso da Legião (que passou a tocar com baixistas contratados) porque as drogas tinham levado embora seu senso de responsabilidade. Renato não nega o passado (embora hoje só fale em Deus e não toque mais em drogas ou álcool), mas pergunta: "Será que só eu era vacilão?".

Bernardo Araujo

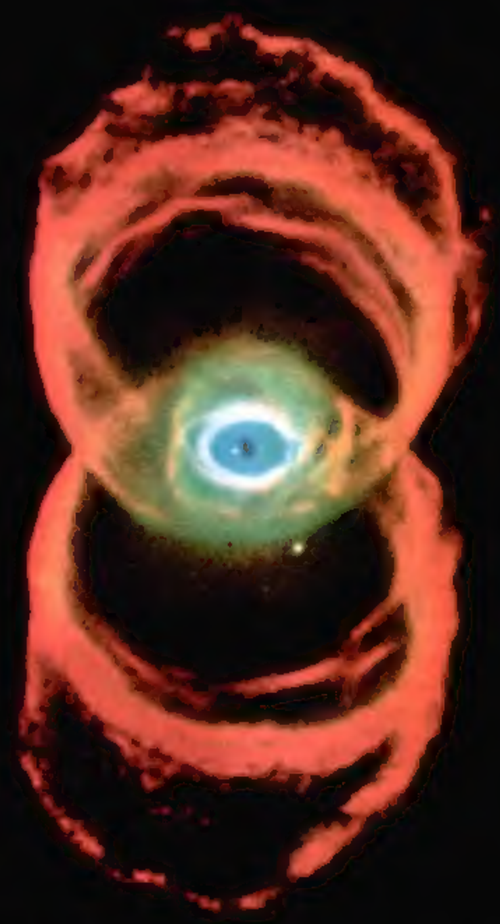
Festivais estranhos, gente idem

O anúncio dos Red Hot Chili Peppers como atração do **Rock In Rio Por Um Mundo Melhor** foi providencial. Já haviam mensagens de usuários do provedor/patrocinador America Online no mural dos assinantes com dizeres como "Vamos fazer como no Woodstock III e botar fogo em tudo se não tiver rock" ou "Medina (*organizador do evento*) é do PFL, o bastardo está nos enganando". A revolta era motivada pela confirmação das primeiras atrações internacionais do evento: a cantora teen Britney Spears, o grupo N'Sync e o jurássico James Taylor (pergunte para sua avó quem foi ele). Quem se deu ao trabalho de ir ao site www.rockinrio.americaonline.com.br votar nos artistas que não poderiam faltar no evento deve ter se surpreendido com bizarrias como o cantor Beto Guedes entre os seis mais pedidos no ranking popular. Entre os internacionais, a situação não esteve menos cômica. O guitarrista Mark Knopfler não lidera mais a pesquisa há um tempo, mas ganha dos Foo Fighters, por exemplo, assim como Sheryl Crow está milhares de votos à frente de Alanis Morissette, que é ameaçada de perto por Peter Gabriel.

NÃO SE ASSUSTE COM O JAZZ

São poucas as oportunidades de se assistir a um show de médio porte por aqui. Ou é AC/DC em estádio, ou Superchunk em biboca. A não ser no **Free Jazz**, que abriga aqueles artistas bacanas, muito respeitados lá fora, mas desconhecidos aqui. Apesar da lamentável ausência do trio pop Ben Folds Five (que chegou a ser anunciado), a organização do evento divulgou uma apetitosa escalação, que vai dos geniais Manu Chao e Femi Kuti ao noise do Sonic Youth, passando pelos eletrônicos Moloko, Talvin Singh e Leftfield e pelo R&B fino de D'Angelo. Até Sean Lennon, aquele, vem para o festival que acontece no Rio e em São Paulo entre os dias 19 e 22 de outubro.

esta é a cara do álbum mais esperado do ano.



BINAURAL

PEARL JAM

novo cd já nas lojas

Sony Music
www.sonymusic.com.br

ATÉ QUANDO ESPERAR

Para você se exibir e dizer que já sabia disso

Queens Of The Stone Age

Esta revista estava certa quando apontou o Queens Of The Stone Age como uma das principais bandas a chacoalhar o cenário roqueiro no ano 2000 (edição de fevereiro). Oriundos da Califórnia, o guitarrista Josh Homme e o baixista Nick Oliveri (as cabeças que pilotam o monstro) foram capa do semanário inglês *New Music Express* em agosto, com a humilde chamada: "A maior ameaça a surgir no rock desde Nirvana". Muitos não queriam enxergar, mas estava claro que seria um grupo americano pesado o encarregado de devolver brio ao combalido rock (e não o Doves, Echoboy ou qualquer um desses grupos bundas-moles da terra da Rainha). Os vícios, mais sexo, monstros, alienígenas e falhas de comportamento, são os temas principais de *Rated R*, que tem o mérito supremo de agradar a fãs de música pop, thrash metal e punk. Convencionou-se chamar o som deles de *stoner rock* (rock chapado). Mas, quem quiser, pode dizer que o nome disso é apenas rock'n'roll. Daquele que a gente gosta.

José Flávio Júnior

Foto: Divulgação

Influenciados por:
Kyuss, Black Sabbath, Ween

Disco essencial:
Queens Of The Stone Age (1998)

Built To Spill

No meio de todo o turbilhão alternativo que varreu a década de 1990, um nome parece ter permanecido incólume. Criado na cidade de Boise, no estado de Idaho (EUA), o Built To Spill é a típica banda que sempre se contentou em ser apenas figurante de um grande espetáculo. Até 1996, lançou um punhado de ótimos álbuns por selos minúsculos e independentes. Desde então, vem gravando por uma multinacional sem se preocupar muito em ter a forma de clone de terceira ou aparecer na MTV ostentando rostinhos bonitos acima de tudo. O Built To Spill chega à virada do milênio mais sólido do que nunca, sem perder a identidade lapidada desde os primeiros registros quase artesanais. O disco ao vivo recém-lançado no mercado americano é a prova cabal da grande forma em que se encontra o grupo que gravita em torno de seu líder, fundador, guitarrista e vocalista Doug Martsch. *Live* é o encerramento de um ciclo iniciado em 1997 com *Perfect From Now On* (estréia sob a bênção da Warner) e atingiu de vez o êxtase em *Keep It Like A Secret* (badalado por muitos críticos como um dos melhores títulos do ano passado). O trio proporciona um grande encontro entre a veia eternamente pulsante do classic rock e a fúria barulhenta herdada das raízes punk. Prestam reverência a ídolos (Neil Young é homenageado na arrepiante versão de 20 minutos de "Cortez The Killer") e amigos em longas jams onde não faltam muitos improvisos, barulhos, sobreposições de guitarras, riffs matadores e muitas melodias ganchudas de irresistível e imediato apelo. Emocionam em disco e promovem grandes performances ao vivo. *Live*, coletânea de gravações ao longo de 1999, consegue unir essas duas vantagens.

Abonico R. Smith

Influenciados por:
Neil Young, Superchunk, Sonic Youth

Disco essencial:
Keep It A Secret (1999)

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel./Fax: (0xx11) 223-5300
londoncd@uol.com.br

A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

Todas as mulheres em Uma.
SÍMBOLO
Setembro nas bancas. Aguarde.

Sob medida para ser adorada pelo público

Profissional acima de tudo, Marisa Monte pensa em todos os detalhes para fazer um espetáculo no qual o único sentimento que concede à audiência é a reverência deslavada

DirecTV Hall, São Paulo, 4/8

É fácil reconhecer um show de exibicionismo quando se está na frente de um. E este é dos grandes. Marisa Monte pensou em tudo: o repertório de seu novo espetáculo, *Memórias, Crônicas e Declarações de Amor*, tem rock, samba, brega, pop, metal, tem dois batuqueiros vestidos de batuqueiros, tem um guitarrista vestido de *guitar hero* e uma diva vestida de diva. Na primeira parte, Marisa quase não conversa com o público, para que a gente não pense que ela é falastrona; na segunda, ela conta histórias mil para que a gente não a julgue antipática. Durante toda a apresentação, sua voz soa cristalina para que a gente veja como ela canta bem; durante as pausas, ela se torna ofegante para que a gente sinta seu esforço.

No fundo, projeções que lembravam Pink Floyd

Uma artista perfeita, que recebeu uma devoção quase que religiosa da platéia

Fotos: Heloísa Bichuetti

A obsessão da cantora com os detalhes de sua carreira, com o controle sobre sua imagem, com sua "independência artística", suplantou até a sua música, por incrível que pareça. Não é à toa que o encarte de seu novo CD traz tantas imagens. Nem que na foto de sua coleção de discos cult, estrategicamente posicionados para aparecer, haja tantos discos da EMI, sua gravadora, e todos ainda lacrados. No mundo de Marisa, música não é feita para ouvir, mas para exibir.

Seu novo show é *pinkfloydiano* – e as projeções do cosmo durante "Enquanto Isso" matam a charada. Nele, não há espaço para humanização. O único sentimento que a artista concede a seu público é a adoração deslavada, a reverência, o culto. Seria um show de rock progressivo se os *progs* não fossem deuses malvados e vingativos, como o Deus do Antigo Testamento, ao passo que Marisa é o Deus do povo, do Amor (I Love You), tipo Novo Testamento.

SEM "JEITINHO"

Fica evidente o esforço dela para "descer" ao nível dos mortais, desde a abertura, com o hino cult-de-motel "Je T'Aime Moi Non Plus", até o encerramento, no qual somente o público canta "Bem Que Se Quis", passando pela rendição ao clássico "Eu Te Amo, Eu Te Amo, Eu Te Amo", de Roberto Carlos. Só que essa humanização soa como um favor à audiência, uma benevolência, que reverte em culto ainda mais febril e agradecido.

O negócio é que Marisa Monte, ao lado de Sandy & Junior, é um dos poucos nomes brasileiros a peitar o profissionalismo acima de tudo. Não há "jeitinho" em seu trabalho, não há passo mal pensado, não há declaração infeliz, não há acorde nem repertório fora do lugar.

É óbvio que a perfeição é qualidade bem-vinda. Sempre houve artistas buscando a perfeição na música mundial, gente bacana e faceira. Brian Wilson, Paul McCartney, Roberto Carlos – um doido de pedra, um suburbano macoconheiro, um menino pobre sem uma perna –, todos humanos, de carne e osso. Marisa Monte, mais rápido do que se poderia esperar, está virando uma artista sintética fazendo música eletroacústica. Não que isso vá refletir em queda de suas vendas ou de sua popularidade. Ela apenas está abrindo mão de seu lugar na História da Música Brasileira, se é que isso a preocupa. Urge dar uma rasteira no óbvio, formar um power trio de hard rock e fazer um show se esgoelando toda, feito a "Fa-tal" que Gal Costa foi antes de virar a diva que Marisa Monte nasceu encarnando.

Olha... Pensando direito, Marisa não precisa de conselhos. Se ela não precisa nem lançar discos a cada dois anos como todo mundo, nem aparecer para receber o prêmio da MTV, nem se submeter à indústria, nem ir ao Faustão, nem sequer de seu público – pelo clima religioso do show em São Paulo, é o público que precisa dela –, ela vai necessitar de conselho? Deixa para lá, então.

Ricardo Alexandre

A opinião de quem estava lá
IMPRESSÕES

Camilla Gbur
22 anos, modelo e atriz
"Era tudo o que eu precisava ouvir hoje. Gostei muito do momento em que ela deixou a platéia cantando 'Bem Que Se Quis', porque quem faz o artista é o público."

Andréa Alves
20 anos, estudante
"É um bom show, adoro as harmonias de suas músicas, mas achei a cantora meio distante no palco. Já vi outros shows dela e gostei mais da turnê do *Barulhinho Bom*."

Ricardo Solano
19 anos, estudante
"Achei muito legal. Marisa é muito simpática, cativa o público. É um ótimo show para assistir acompanhado."

Felicidade e alívio pela volta de Scott

Stone Temple Pilots
Hard Rock Live, Orlando, Flórida (EUA), 26/7

Nem o fato de a banda estar há muito fora do circuito, devido aos vícios do vocalista Scott Weiland, foi capaz de diminuir a procura de ingressos para o show dos Stone Temple Pilots – um mês antes, as entradas já estavam esgotadas. Na fila, deu para perceber que o público seria formado por pessoas mais velhas do que na noite anterior, quando os Deftones tocaram só para "menores de idade".

Após o aquecimento com a abertura do Palo Alto, banda da Califórnia com nítidas influências de folk e Radiohead, os Stone Temple Pilots subiram no palco e, durante uma hora e meia, despejaram sua coleção de hits no público alucinado, começando com "Crackerman". Weiland apareceu quase que fantasiado: maquiagem nos olhos, chapéu, casaco e calça preta colada. Quem esperava um cara meio down, magro e paradão, viu um vocalista malhado, com o cabelo moicano pintado de loiro, dançando e se movimentando bastante. Com uma postura bem glitter, ele mexia os braços o tempo todo, fazendo caras e bocas e lançando olhares insanos para a platéia.

O início foi tumultuado, mas a banda não aliviou e mandou "Wicked Garden", "Tumble In The Rough" e "Meatplow". O som estava excelente; a cozinha baixo/ batera, colada e pulsante; e a guitarra de Dean DeLeo, com uma baita pegada, cuspindo riffs pesadões.

Após "Big Empty", veio o set acústico, com "Sour Girl" (único hit do álbum *Nº 4*), "Plush" (anunciada como "Livin' La Vida Loca") e "Creep". Depois, voltaram para o elétrico e continuaram a detonar com "Interstate Love Song", "Tripping On A Hole In A Paper Heart" e "Unglued".

"Dead and Bloated" e "Sex Type Thing" ficaram para o bis. Scott Weiland retornou usando luvas compridas e uma máscara de purpurina em formato de mariposa. Deu para sentir nos integrantes da banda uma felicidade e um alívio enorme por ter o cantor de volta e bem – até se beijaram na boca antes de sair do palco...

Bianca Jhordão

O vocalista espantou a uruca e fez caras e bocas

Alegria de viver (e voltar para o bis)

Pearl Jam e Sonic Youth
Ice Palace Arena – Tampa, Flórida (EUA), 12/8

O Pearl Jam continua vivinho. Apesar da tragédia na Dinamarca que abalou a banda (nove fãs morreram esmagados durante a apresentação deles no festival Roskilde), 22 mil pessoas lotaram a arena de hockey em Tampa para ver de perto (e sentados) aqueles que há pouco tempo rolavam da fama e de longas turnês.

Barbado e descabelado, com guitarra ou sem, Eddie Vedder não precisava fazer muito esforço para que o público delirasse diante dele e da banda que mandou duas horas e quinze minutos de puro rock n' roll. Um repertório diferente do que vinha fazendo na turnê incluindo músicas como "Porch" "State Of Love And Trust" (da trilha sonora do filme "grunge" *Singles – Vida De Solteiro*), "Garden" e "Jeremy". Ao vivo, o Pearl Jam está bem redondo, apesar de os integrantes parecerem (e estarem) um pouco mais velhos.

O público da noite era composto de fãs da época da explosão das bandas de Seattle, alguns jovens e muitos "coroas com-cara-de-rock anos 70" (aliás, cada vez mais a banda se aproxima do som dessa época) que fizeram com em "Even Flow", "Daughter" (com direito a citação do clássico "Another Brick In The Wall" do Pink Floyd), "Animal" e "Better Man". No meio do repertório cheio de hits, as novas músicas de *Binaural* ate que funcionaram bem, ao contrário do que acontece no disco.

Antes de entrar para o bis, Vedder, com uma polaróide, tirava fotos dele e da banda, do público e uma só dele a qual jogou para a galera. Sozinho, pegou o ukelele (guitarra típica do Havaí) e agradeceu emocionado ao público que não parava de gritar. Parecia que ia chorar. Parou de falar, respirou fundo e tocou "Soon Forget", do recente álbum. Os quatro companheiros voltaram para tocar "Indifference" e tentar encerrar o show mais uma vez.

Cinco minutos depois, as luzes do estádio se acendem e, quando todos achavam que o show havia acabado de vez, eles cedem ao apelo delirante do público e retornam para uma versão de "Rockin In The Free World", de Neil Young, com direito a cambalhota de Vedder no meio da música. No final, com tantas voltas para o bis, ficou a impressão de que, apesar de estarem mais velhos e paradoes, os caras ainda se divertem tocando ao vivo.

A abertura do show ficou a cargo de ninguém menos que os nova iorquinos do Sonic Youth. No pouco tempo que tiveram, (meia hora), fizeram um show bastante conciso. Contando com um quinto integrante, que toca baixo, guitarra e teclados com sons estranhos, abriram com dois hits. "Sunday" e "Bullet In The Heather". Kim Gordon tocou guitarra em algumas músicas e, quando ficou só nos vocais, fez uma dança meio new wave, extremamente cool. Encerraram o aquecimento de luxo com "NYC Ghosts And Flowers", com vocais do guitarrista Lee Ranaldo e, para variar, muito noise.

Bianca Jhordao

Steve Gossard (acima) e Eddie Vedder, do Pearl Jam: felicidade só no palco

Dedinhos no ar que a Slipknot está na área

Sol na moleira, metal na garganta

Tattoo The Earth
Orange Pavilion – San Bernardino, Califórnia (EUA), 12/8

Durante os anos 80 e o início dos 90, a competição do heavy metal era para ver quem solava com mais melodia, cantava com mais agudo ou bumbava com mais velocidade. De cinco anos para cá, o negócio é quem berra com mais força, afina a guitarra mais grave ou explora efeitos sonoros com mais loucura. Saudando a combinação de metal e tatuagem, o festival Tattoo The Earth englobou alguns dos nomes mais brutais do estilo, saciando milhares de pessoas numa calorenta tarde californiana.

Como atração principal, o Slipknot – no momento, a banda de metal mais badalada nos Estados Unidos – criou um fantástico caos visual e musical. Os nove mascarados bateram cabeça, pularam como dementes e explodiram fogos de artifício no palco. O vocalista Corey Taylor até se arriscou a dizer: "Vocês estão vendo o show mais pesado do planeta". Mesmo com tanto frenesi, o grupo apresentou um metal técnico, cativante e bem elaborado.

OK, o Slipknot tem seu potencial, mas ver o Slayer tocando antes foi um tanto ridículo. O quarteto californiano possui mais história, discos e, principalmente, influência no metal. A reação animalesca do público – mais forte que nos demais shows do dia – comprovou o vacilo da produção. Durante clássicos como "Necrophiliac", "Raining Blood" e "Chemical Warfare", o mar humano derrubou latas de lixo, acendeu fogueiras com os detritos e espancou-se em várias rodas de pogo. Atiçando os presentes, o vocalista Tom Araya disse: "Continuem quebrando tudo por aí". Seguranças e policiais odiaram a sugestão, é claro.

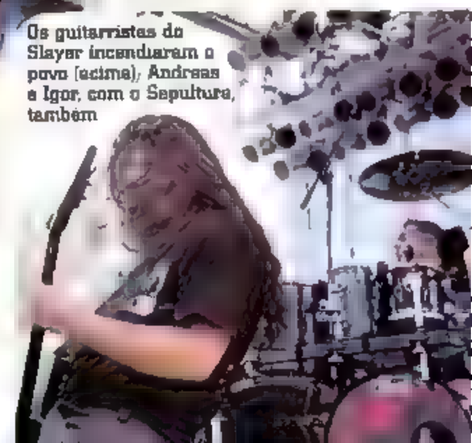
O grupo anterior, Sevendust, mostrou o lado vergonhoso do novo metal americano. Alguns momentos musicais da banda são muito leves para admiradores de metal. Outros, pesados demais para fãs de alternativo. O público só poderia reagir com indiferença. Melhor opção era visitar os estandes de tatuagens e gravadoras espalhados pelo local.

Mesmo sem Max, o Sepultura satisfez ao público exigente. Igor Cavalera roubou o show. Os ritmos tribais, as viradas rápidas e as bumbadas intensas fluíram maravilhosamente nos ouvidos dos fãs. Infelizmente, o quarteto concentrou-se demais nos discos Roots e Chaos A.D., ignorando seus ótimos trabalhos antigos. Com álbum novo no forno, o grupo apresentou duas músicas inéditas, "Saga" e "Sepulnation" – está última, com andamento moderado e riffs à Black Sabbath. Estranho foi ver o vocalista americano Derrick Green gritando "um, dois, três, quatro", assim como é esquisito ouvir Max Cavalera usando termos de negros americanos nas músicas do Soulfly.

Nas horas anteriores, várias outras bandas exploraram os elementos do metal contemporâneo, cada qual à sua maneira. No meio de tanta porradaria vocal e instrumental, deu saudade da melodia do Metallica, do Iron Maiden, do Anthrax e de outros mastodontes que deram cara ao heavy metal nos anos 80.

Daniel Oliveira

Os guitarristas do Slayer incendiaram o povo (acima); Andreas e Igor, com o Sepultura, também



FAÇA SUA PRÓPRIA RÁDIO. ACESSE USINA DO SOM.

USINA DO SOM

www.usinadosom.com.br

TODO MUSICAP VOCÊ SÓ DISCUTE. ACESSA.

- MINHA RÁDIO: CRIE SUA PRÓPRIA RÁDIO, COM MÚSICAS, ARTISTAS E ESTILO DE SUA PREFERÊNCIA.
- NOSSAS RÁDIOS: MAIS DE 80 RÁDIOS, COM DIFERENTES ESTILOS E REPERTÓRIOS MUSICAIS.
- INFORMAÇÃO: NOTÍCIAS, ENTREVISTAS EXCLUSIVAS, AGENDAS DE SHOWS, DISCOGRAFIAS E BIOGRAFIAS.
- MINHA BANDA: AS MÚSICAS DE SUA BANDA DISPONÍVEIS PARA QUEM QUISER OUVIR NA USINA DO SOM.
- BUSCA E COMPRA: ENCONTRE SUAS MÚSICAS PREFERIDAS E COMPRE DIRETAMENTE NA USINA DO SOM.

PARCEIRO OFICIAL

AMERICANAS.COM

Fotos Divulgação

Madonna

Mulher superior

Que já vai longe a fase em que ela assustava o mundo propondo prazer a qualquer custo, não é novidade para ninguém. Que "acalmou" depois que Lourdes Maria nasceu, também. O que surpreende nesta entrevista exclusiva é seu encanto com o amor. Ironia das ironias: a fêmea fatal, acostumada a jogar com os sentimentos, encontrou um homem para chamar de seu e se mostra totalmente apaixonada e confortável no papel de mãe e esposa. Agora é que o pop vai ficar chocado...

por Miranda Sawyer/The Face/Planet Syndication
Tradução: Fabiana Batistela e Maira Mee

Madonna tem um aperto de mão firme e imediato, um olhar fixo, direto, embora inocente, e um rosto que você conhece tão bem quanto o seu próprio. O delicado queixo pontudo, os olhos de pálpebras longas, a falha entre os dentes: tudo muito familiar, mas também estranho. Ela se parece com Madonna, mas 300 vezes mais bonita. Ela se parece com Madonna, mas menor. Caminha levemente para dentro da toda acortinada suíte Duke Of Newcastle, no Home House, um hotel-casa noturna em Portman Square, Londres, e fala de modo ofegante. Explica que uma vez ficou nessa mesma suíte por um bom tempo. "Minha filha ficou naquele quarto" – Lourdes teve de se aconchegar em uma cama do tamanho do playground de uma escola – "e eu fiquei no quarto ao lado. Foi normal, exceto pelo fato de realmente não gostar de banheiros de hotel. Aqueles roupões de banho..."

Há seis meses, Madonna está procurando uma casa para morar em Londres. Mas parece muito mais tempo. Afinal, desde que ela decidiu se fixar na cidade, a imprensa inglesa fixou-se nela. Nenhum tabloide vai para as bancas sem mencioná-la. O lugar onde faz luzes no cabelo (Daniel Galvin); onde sai para comer (San Lorenzo); beber (The Sanderson); lavar o carro (uma garagem no norte de Londres); como seu namorado é realmente elegante (o filho de uma lady); durão (tem uma cicatriz no rosto), comprometido (ele colocou a mão no joelho dela!); ou não (Madonna volta correndo da América para o encontro decisivo da relação).

Madonna, indo morar com o diretor Guy Ritchie, de *Jogos, Trapaças E Dois Canos Fumegantes*, transformou-se de um fantástico e remoto holograma de superstar em uma garota da região, da vida real. E, porque ela está perto, nos a queremos ainda mais perto.

Então: de perto, a Madonna de 41 anos é bonita, loura e grávida (*N. do E.: a entrevista foi feita antes do nascimento de Rocco, no dia 11 de agosto*), usando calças indianas azuis, blusa vermelha com uma letra chinesa estampada e chinelos de quarto vermelhos e pontudos. Ela chega sem rebuliço ou sequito, puxa um breve papo furado – sobre o quarto, sobre estar grávida ("vou comer todas essas azeitonas, estou lhe avisando"), sobre meu sotaque – e depois se senta no chão, entre o sofá e a mesa de centro e concorda em começar.

Fui avisada por vários amigos que já entrevistaram Madonna de que ela era uma pessoa meio satânica e desagradável de se entrevistar. "Fria, insensível", disse um deles. "Muito, muito difícil", disse outro. Mas seu assessor de imprensa garante que Madonna relaxou e oferece o fato de ela ir a uma academia de ginástica pública como exemplo de que está realmente descontraída: "A velha Madonna teria insistido para que tudo fosse organizado em sua própria casa".

Quer dizer, eu não sabia o que me aguardava. Realmente não imaginava que Madonna fosse engraçada. Mas ela é. Suas respostas vêm retorcidas, desvirtuadas, com um olhar de lado afetado, ou um meio sorriso. E eu não esperava que ela fosse uma companhia fácil. Mas ela é, também.

O sotaque de Madonna tem toques de Los Angeles e uma ocasional sonoridade britânica (suas vogais são mais arredondadas do que as da maioria dos americanos). Ela fala rapidamente, mas faz várias pausas. Pensa antes, durante e depois de responder. Eu diria que ela é naturalmente honesta, precisa, mas tem consciência de que, quando fala, o mundo todo ouve. "Se eu não fosse obrigada, não daria nenhuma entrevista", diz. "Porque a) acho chato ficar elevando meu trabalho à enésima potência e não deixar a pessoa descobrir e julgar por si só, e b) também não estou muito interessada em tagarelar sobre minha vida pessoal."

Sua postura tem o equilíbrio de um dançarino: impõe um certo prestígio, mas sem estrelismo. Conheci alguns *indie boys* de terceira divisão cuja linguagem corporal superior poderia encobrir os gestos econômicos de Madonna. Contudo, ela sabe como se mover. Quando vai embora, o faz abruptamente. Apenas se vira e desaparece.

Mas, antes de fazer isso, estamos aqui para conversar sobre seu novo álbum, *Music*. Madonna anda tendo problemas com o Napster – conseguimos ouvir o primeiro single do álbum pela internet antes mesmo de ele chegar à gravadora. Por isso não me concederam um CD, porque eu mesma poderia pirateá-lo. "Das pessoas não comprariam meu disco. E como eu pagaria a escola de minha filha?", diz ela, com um de seus olhares de lado. "De qualquer forma, não queria que você ficasse entediada."

Antes da entrevista, fui ao seu escritório de assessoria de imprensa e ouvi sete faixas algumas vezes. Duas são do tipo "jogue-se na pista de dança": "Music", o descarado primeiro single, no estilo do Daft Punk; e "Impressive Instant", uma complicada e vertiginosa faixa à Chemical Brothers, com uma base de baixo disco music que desafia Donna Summer. Depois, tem "I Deserve It", "Amazing" e "Don't Tell Me" – espaciais, mostrando um pop desajustado, e todas sobre o amor. A letra de "Amazing" inclui: "É surpreendente o que um garoto pode dizer/Não posso parar/Parece que te amo mais do que ontem/Amo você e ninguém mais". Se Mr Ritchie não estiver corado – sim, eu sei que ele não faz esse estilo – então, menininas, ele deveria ficar. Finalmente, ouvi a cativante e reluzente "What It Feels Like For A Girl" (provavelmente o segundo single) e "Paradise (Not For Me)". Cinco das faixas são produzidas por Mirwais, o francês de 39 anos apresentado a Madonna pelo fotógrafo Stephane Sedanoui. "Amazing", por William Orbit; "What It Feels Like For A Girl", por Guy Sigsworth (Bjork, Seal). E são todas nota 10: progressões pop e eletrônicas da nova arena musical em que ela se encontra desde *Ray Of Light*.

Enquanto conversamos, Madonna bebe vinho Cabernet em um enorme copo e mastiga uma grande quantidade de azeitonas e batatinhas.

Music parece ser um LP muito positivo...

Mais ou menos... Algumas músicas têm um pouco de tristeza (*olha de lado*). Esse álbum, mais do que qualquer outro, cobre todas as áreas da minha vida. Deixei de lado a "festa" do *Ray Of Light*. Mas eu tinha acabado de ter um bebê, então meu humor estava completo, eu estava maravilhada e intrigada com os aspectos místicos da vida e cheia de ideias. Você poderia conectar *Ray Of Light* com *Like A Prayer*. Com você procurando por uma espiritualidade, procurando um significado, procurando... Deus. Não que eu não tenha mais o que procurar. Espiritualidade ainda é importante para mim, mas não me sinto mais inspirada a escrever músicas sobre isso. Quer dizer, vou a igrejas: anglicanas, católicas, vou a sinagogas, tomo parte em todas as religiões. No fundo, sou católica porque é como eu fui criada, mas o judaísmo me intriga tanto quanto o catolicismo.

Entre esses dois álbuns que você citou, houve longos anos "perdidos". Você parecia estar dando tiros para todos os lados.

Claro. Foi uma combinação de várias coisas. Meu casamento acabou e fiquei incrivelmente cínica quanto ao amor por bastante tempo, aí minha fama aumentou e eu tinha uma relação de amor e ódio com isso, me sentia trapaceada por ela e tinha raiva. Eu sentia toda a variedade de emoções possível e isso se refletia na minha criatividade.

Como estava o seu humor quando você fez _Music_?

Para dizer a verdade, não sei. Eu me sinto como... Um animal que está pronto para ser libertado da jaula (*ri*). Tenho vivido uma vida doméstica bem pacata... E sinto falta de algumas coisas. Por exemplo, de me apresentar, de dançar, de estar na estrada, esse tipo de energia. Uma parte do álbum é sobre isso. E a outra é sobre amor. Então, tem o lado frívolo da minha vida e o lado não-frívolo – espero. Geralmente, faço álbuns que são ou uma coisa ou outra e acho que este tem as duas.

Você senta em casa e escreve músicas e depois as leva para o estúdio ou você trabalha quando já está lá?

Tenho um caderno de cabeceira. Jogo coisas nele – sonhos, poe-

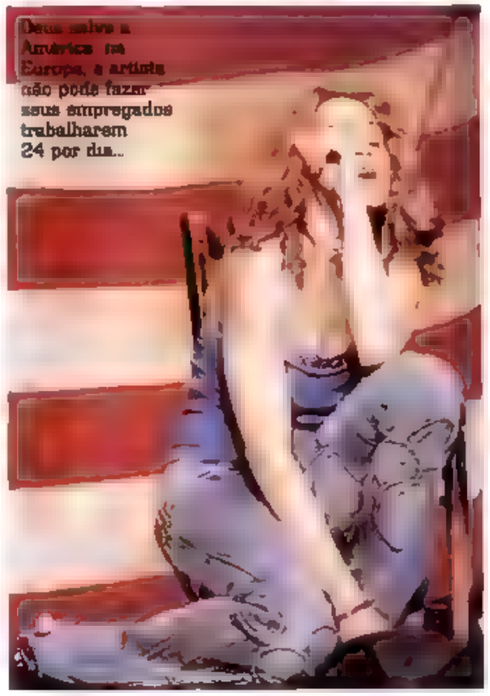
"É música que me põe pensando ou sentindo de uma certa maneira. Acredite se quiser: só atinjo meu ponto máximo de criatividade quando estou na frente do microfone, sob pressão"

mas ou coisas que li. Ou passagens de diário, recortes de jornal, algo de que eu queira me lembrar. Então, guardo esse rascunho e muitas vezes volto a ele e tiro uma idéia para fazer uma canção. Mas, geralmente, é música que me põe pensando de uma certa maneira ou sentindo alguma coisa e eu confio profundamente nas pessoas que colaboram comigo para me inspirar para as letras. Acredite se quiser: meu ponto máximo de criatividade é quando estou na frente do microfone, sob pressão.

"Impressive Instant" parece ser sobre quando você está numa casa noturna e vê alguém e pensa...
"Vou passar o resto da minha vida com ele!" É por isso que tem esse nome ("Instante Impressionante") – é aquele momento em que tudo fica "uou" (*bate palmas*)! Claro que ajuda se você tiver bebido um pouco.

"What It Feels Like For A Girl" quem fala no começo?
Charlotte Gainsbourg (*filha de Serge Gainsbourg, cineasta e compositor francês*). Já viu um filme chamado *The Cement Garden*, no qual ela tem um caso com o irmão? Numa cena, ela diz para ele: "Não há problema em garotas se vestirem como garotos, vestir camisas e botas e blablabla. Mas um garoto vestir-se de garota é degradante, porque você acha que ser uma garota é degradante – mas secretamente você adoraria saber como é". Pensei: "Meu Deus, isso é genial!".

Essa música é para sua filha?
Um pouco. É para ela, mas também sou eu falando comigo mesma. É sobre eu descobrindo que ser alguém que conquistou muitas coisas nem sempre é vantajoso quando se trata de relações e de lidar com homens, porque eles ficam intimidados com mulheres nessas condições. Houve tantas vezes que pensei: "Queria que alguem tivesse dito para mim: 'Seja grande, mas não muito, porque senão você vai limitar as suas opções'".



Seja grande e depois caia?
É um jogo que as mulheres fortes têm de jogar. "Jogo" é a palavra errada, mas... A música é uma percepção da política dos sexos. Uma reclamação. É também sobre comportamento feminino. Estava pensando sobre garotas em propagandas e com algo de fora. Pode parecer aquiescência púbere, mas por trás disso é totalmente diferente. É não é um hino feminista, embora sinta que outras mulheres possam se identificar. Na verdade, é sobre várias coisas, mas quanto mais eu a explico, mais ela soa trivial.

E aí tem "I Deserve It", "Amazing" e "Don't Tell Me", que são sobre amor, não são?
São. "I Deserve It" é uma canção de amor. "Amazing" é uma canção de... Eu-te-amo-mas-foda-se. E "Don't Tell Me" é mais ou menos a mesma coisa. São todas de eu-te-amo-mas-foda-se. São minhas melhores canções. "I Deserve It" até é uma música de amor, mas tem algo de solidão nela. Sonoramente, a justaposição de violão e som de sirene sintetizado... Para mim, essa combinação estranha a deixa um pouco desconfortável. "Amazing" começa com "you took a pretty picture and you've smashed it into bits/You took a poison arrow and you aimed it at my heart" (*"Você pegou uma imagem bonitinha e a quebrou em pedaços/Você pegou uma flecha venenosa e a apontou para meu coração"*). Minha filha anda pela casa cantado essa parte. Não sei porque ela pegou esses versos.

Sobre o que é essa, então?
Bem, hhmmm, sobre o que você pensa que ela é?

Você é quem deveria me dizer. Mas vou contar o que acho: é sobre pessoas a verem como uma imagem, não como um ser humano e, se alguém aparece e vê além disso, isso a deixa parada.
É... Tem a ver com quebrar uma imagem que você tem de alguém, mas também é uma música sobre amar alguem que você não queria amar. Porque você sabe que está fadado, mas não consegue parar porque isso é incrível.

Isso é incrível?
Você vai descobrir o que "isso" significa...

Quando você acha que as pessoas vão ouvir o disco?
À noite. É para audição noturna. É muito melancólico para ouvir durante o dia. Mas você pode ouvir as duas primeiras faixas antes de sair à noite...

Conversamos sobre as perspectivas de ela sair em turnê. Depois de ter o segundo bebê, Madonna gostaria de tocar em alguns pequenos lugares nos Estados Unidos e na Europa antes do fim do ano. E então, informa, uma verdadeira turnê a todo vapor pode estar em vista. "Sinto que quero, mas sei que é um desgaste enorme. Tenho de estar realmente preparada, já que gosto de fazer um show de verdade. Então, fico indo e voltando na minha cabeça sobre isso, porque vou ter dois filhos..."

Pergunto se sua segunda gravidez está sendo diferente da primeira. Ela diz que sim, simplesmente porque antes era novidade e ela estava altamente dominada pela situação. Para Madonna, foi isso que fez *Ray Of Light* ser um aventura espiritual: ela estava submergida na experiência de ter seu primeiro filho e foi esse evento pessoal e transcendental que formou o LP.

Apesar de suas afirmações musicais, a maior parte de nós classifica *Ray Of Light* de um album dançante (o primeiro dela desde *Vogue*, de 1990). E, apesar de Madonna rotulá-lo de "melancólico", *Music* vai na onda do disco anterior. As canções pop estão mais pop e as dançantes são verdadeiras bombas que não se envergonham do seu teor disco music. Como "Into The Groove", elas celebram a alegria de se chacoalhar ao som de uma melodia que parece vinda do céu. Somente dançando você pode se sentir tão livre.

Ray Of Light foi feito em Los Angeles e, segundo William Orbit, resultou em uma experiência intensa. "Entrei no mundo de Madonna e saí piscando, cinco meses depois", contou. *Music*, por sua vez, foi feito em Londres, usando vários produtores. O processo revelou-se mais difícil: Madonna estava indo e voltando dos Estados Unidos durante a gravação. Ainda assim, Orbit e Mirwais testemunham a favor de sua concentração e aplicação no estúdio. A cantora trabalha rápido e decisivamente. "Ela quer que seja executado com agilidade, é cool. Eu fico anos trabalhando numa música", diz Mirwais, enquanto Orbit acrescenta: " E ela sempre ensaia, não gosta de empatar a sessão. Sempre faz a lição de casa". Madonna, aparentemente, é uma dedicada usuária dos gravadores de bolso e dirige ouvindo faixas semiprontas em seu carro.

Music é o primeiro LP da cantora feito fora dos Estados

VERSÕES DE UMA LOIRA

Uma fitinha só com artistas que gravaram músicas de Madonna. Tem para todos os gostos

LADO A

"Into The Grooovy", Cicsuna Youth Banda dos integrantes do Sonic Youth com o baixista punk californiano Mike Watt (Minutemen) e do preguiçoso e desafinado J. Mascis (Dinosaur Jr). Como o nome do projeto foi chupado do sobrenome de Madonna, nada mais justo que houvesse uma homenagem a ela. "Into The Groovey" (com "y" no final) fica a cara do Sonic Youth: efeitos, ruídos, programações eletrônicas, brincadeiras em estéreo, vocais abafados e, claro, guitarras ensurdecedoras.

"Like A Virgin", Teenage Fanclub Escoceses que adoram juntar melodias grudentas com muito barulho fazem uma deliciosa versão power pop para o primeiro hit da cantora. O detalhe é a tremenda confusão na letra, que está longe de reproduzir a ordem de versos e das estrofes do original

"Justify My Love", Front Line Assembly Um dos pioneiros do underground eletrônico transforma radicalmente a música composta por Madonna e Lenny Kravitz. A vocalista convidada Astralasia não muda de entonação, segue uma linha só. Parece a hiena Hardy Har Har fazendo suas lamentações.

"Holiday", Heaven 17 Esse grupo britânico, meio famoso no início da década passada, aposta em house com guitarra funky e vocais abafados

"Bad Girl" James Hardway + Amanda Ghost + Boy George Atualização drum'n'bass da *material girl*. Boy George contribui nos backings do refrão

LADO B

"Material Girl", KMFDM Os terroristas tecno-industriais desconstroem o hit e o devolvem em forma de insanidade. Vocais dementes e refrão bombástico com groove para não deixar ninguém parado

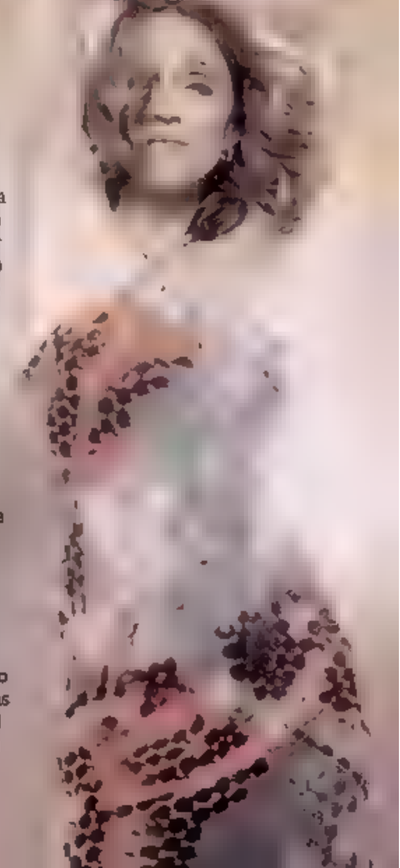
"Like A Prayer", Marc Almond Gravação feita para um especial do semanário *New Musical Express*, no qual diversos artistas foram convidados a interpretar qualquer música que houvesse chegado ao primeiro lugar na terra da Rainha. O ex-frontman do dup Soft Cell decidiu dar ao hit uma roupagem de tecnopop clássico dos *early eighties*.

"Cherish", Renato Russo Em sua estréia-solo, o vocalista da Legião Urbana escolheu músicas que tivessem alguma relação com o tema do trabalho, o orgulho gay. Madonna, ícone-mor do universo GLS, foi homenageada com um arranjo voz-e-violão

"Justify My Love" Second Coma Uma versão cheia de groove: guitarras barulhentas e microfonias acabou virando hit nos shows dessa banda dos porões nacionais dos anos 80

"Like A Surgeon", Weird Al Yankovic A mais engraçada das covers de Madonna. Aqui, o rei da paródia nos clipes por duas décadas avacalha bonito com o original. A hilária cena de Yankovic imitando as poses eróticas da cantora em uma maca de hospital (com direito a sutiã e máscara cirúrgica) entrou para os anais da MTV

Abonico R. Smith



"Descobri que ser alguém que conquistou muitas coisas nem sempre é vantajoso na hora de lidar com homens, porque eles ficam intimidados com mulheres nessas condições"

Unidos. O primeiro gravado no Reino Unido. E o disco reflete isso, em partes. Mirwais conta que ele e Madonna "consideraram a possibilidade de misturar música experimental e comercial", e, em "Paradise", ela até arrisca um francês: "Je suis cassée" ("Estou quebrada", mas também guria para "estou viajando"). Ela me diz que as gravações que Serge Gainsbourg fez com Jane Birkin e Brigitte Bardot nas décadas de 60 e 70 flutuavam no inconsciente da equipe durante a gravação.

"Impressive Instant", até mais do que a faixa-título, tem esse "soco químico" que garante o atraso nas pistas. E letras que poderiam ter vindo diretamente do Livro Nacional Britânico Para Uma Balada Zoada: "O universo está cheio de estrelas/Nada lá fora parece ser o mesmo/Você é a pessoa que eu estive esperando/Nem sei seu nome" *Made in Britain*, de fato.

O que você acha de morar na Inglaterra? Você gosta? Ou te dá nos nervos?
Ambos. Há dias em que me sinto uma estranha num país estranho e me desespero, sinto falta dos meus amigos e do que se sente falta do seu país de origem. Mas amo a idéia – tanto no trabalho quanto onde moro – de explorar uma nova fronteira. Adoro me colocar em lugares estranhos e tentar sobreviver, entender as coisas e acumular infra-estrutura. Adoro saber que poderia adivinhar uma forma de viver em qualquer lugar.

E, pelo menos, nós falamos a mesma língua.
É. Mas só porque falamos a mesma língua não quer dizer que somos realmente tão parecidos. Na verdade, é interessante porque sempre se pensa na Inglaterra como um lugar reprimido e tradicionalista, onde todo mundo tem um jeito contido e afetado de se relacionar com os outros. Mas, na verdade, os americanos, conhecidos por serem tão impetuosos e diretos, são bem puritanos, então é um paradoxo estranho. Porque os ingleses são um bando de sacanas sujos. Meu Deus, tudo o que vocês têm são pessoas peladas nos jornais aqui! Não consigo me acostumar com a garota pelada da página 3, não importa o quanto eu tente. Sabe, estou tomando o meu café e abro o jornal e... argh! Quer dizer, peitos são tudo aqui. Mesmo!

Você ainda pensa em comprar uma casa em Londres?
Vou decididamente comprar uma casa aqui, mas não consigo achar uma perfeita para mim. Não consigo acreditar como uma propriedade é cara aqui e me recuso a me curvar e ser fodida por trás e digo isso para o meu namorado. Eu poderia me convencer a comprar uma casa por 6 milhões de dólares nos Estados Unidos, mas aqui você se engana e pensa que 6 milhões são 6 milhões, mas é ultrajante, e eu sou muito classe média para jogar o meu suado dinheiro fora desse jeito.

O que a decepcionou em Londres?
Bom, em parte, não gosto de morar em casas alugadas com coisas de outras pessoas, eu sinto falta das minhas coisas. É simplesmente é um estilo de vida diferente. Às 6 horas todo mundo vai para casa, ninguém trabalha nos fins de semana e as pessoas viajam por um mês no verão. É um estilo de vida muito antiquado. Leva muito mais tempo para fazer qualquer coisa. Nos Estados Unidos meus empregados trabalham 24 horas por dia sem parar.

Aqui você não pode escravizá-los...
Exatamente. Vou sair de férias em dois dias, mas é a segunda vez que tiro férias na minha vida e é um conceito alheio para mim. Amo o que faço e viajo muito a trabalho, então sair de férias parece estranho, porque quando eu não estou trabalhando só quero ir para casa e dormir na minha cama. É uma mentalidade diferente. As pessoas são muito menos orientadas para o trabalho e ambiciosas aqui do que nos Estados Unidos.

Mas certamente as pessoas que você encontra devem ser ambiciosas para os padrões britânicos.
Meio a meio. Eu encontrei alguns diletantes e alguns *bon vivants*. Eu invejo essas pessoas.

Não, você não inveja.
Não, eu não invejo. Não consigo me imaginar sem ser produtiva. Mas há uma apreciação da vida aqui – em toda a Europa – que não há nos Estados Unidos, e disso eu gosto um pouco.

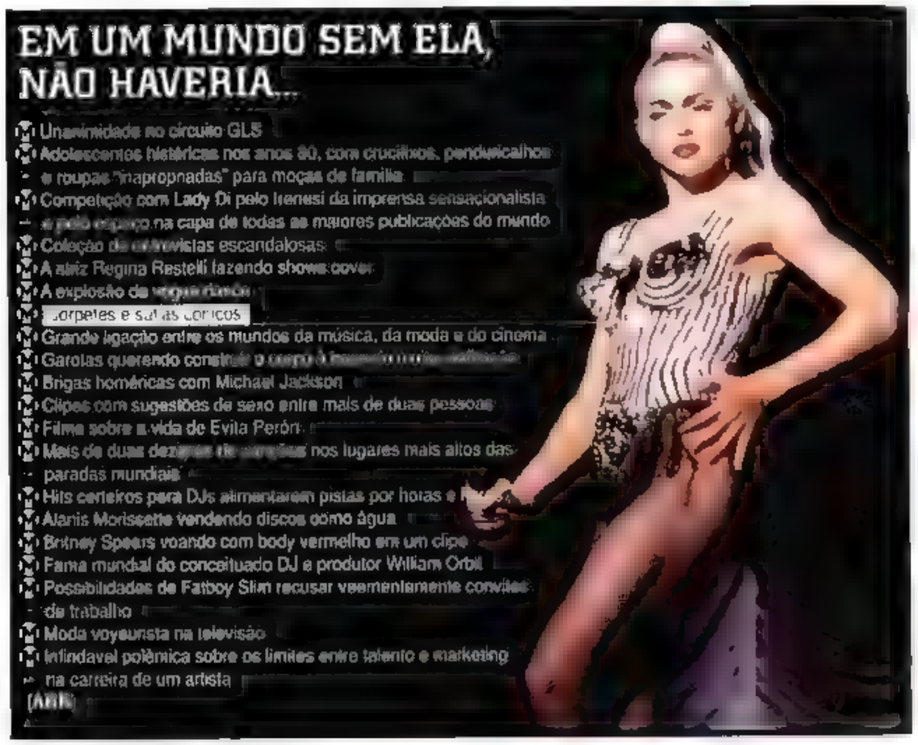
Como é um dia normal para você aqui?
Depende do que estou fazendo. Acordo todos os dias à mesma hora por causa da minha filha. Então eu levanto às 7 horas e ela vai para a escola. Tomo meu café e olho as garotas peladas da página 3. Daí, vou para o escritório e passo horas na frente do computador mandando e-mails. É assim que conduzo todos os meu negócios na Califórnia. Aí, pratico ioga todas as manhãs, com meu professor. Faço ouvindo música. Qualquer tipo de coisa, um monte de ragas indianos tradicionais e ambient: Nitin Sawhney – eu tenho todos os CDs dele. Depois, medito no fim, em silêncio. A essa hora, minha filha já chegou da escola e almoço com ela, aí ela tira um cochilo, e eu vou fazer minhas coisas pelo resto do dia.

Você tem bons amigos aqui?
Tenho um punhado bem pequeno de bons amigos aqui, mas [illegible] dos meus amigos dos Estados Unidos, porque, obviamente, eu os conheço há muito mais tempo.

Quem é o seu amigo mais antigo?
Uma garota chamada Debbie – eu a conheci em Nova York, quando ela era uma ascensorista e trabalhava na Danceteria, antes de qualquer coisa acontecer comigo. Ela é um dos poucos amigos que me conhecem desde antes de eu ser famosa.

Embora sempre tenha desejado viver em Londres, eu só se mudou de Nova York depois que começou a se encontrar com Guy Ritchie. Comprou uma mansão de quatro andares em South Kensington em novembro do ano passado, para vendê-la um mês depois – muito úmida e fria, aparentemente –, embolsando 900 mil libras de lucro. Desde então, ela e Ritchie estão alugando. Logo após essa entrevista ela tomou a antiga residência do magnata Asil Nadir pela bagatela de 10 milhões de libras.

Mudar-se para Londres é um grande passo para a Rainha do Pop Americano: o pai de sua filha, Lourdes, Carlos Leon, ainda mora nos Estados Unidos, e ela teve de relocar seu trabalho e fazer novos amigos. (Ela contata pessoas que considera interessantes e marca um encontro na casa delas ou um almoço – uma boa forma de achar colegas estimulantes, mas que não substitui os amigos íntimos.) É, pelo jeito que fala, a mudança



Sempre se pensa na Inglaterra como um lugar reprimido e tradicionalista, onde todos têm um jeito contido de se relacionar. Na verdade, os ingleses são um bando de sacanas sujos"

não foi tão simples quanto ela pensava. Tudo isso por uma relação que não era oficial até fevereiro deste ano, quando Ritchie a levou para o Evening Standard Film Awards. Um mês depois, ela anunciou que estava grávida dele.

A história conta que Madonna foi apresentada ao diretor pela esposa de Sting, Trudi Styler (que produziu *Jogos, Tinpaças e Dois Canos Fumegantes*), numa festa. A cantora levou-o à cerimônia do Grammy no dia 24 de fevereiro de 1999, embora, naquele ponto, Ritchie insistisse que eram apenas amigos. O relacionamento foi considerado um vai-e-volta por um bom tempo: os rumores eram de que ele a enfrentou numa discussão e que ela, não acostumada com tal tratamento, terminou o suposto romance na hora. Mas eles se encontraram de novo, poucos meses depois, numa festa no bar Moomba, em Nova York, e voltaram.

E, agora, além da presença glamourosa em estreias, podemos ver Madonna e seu companheiro fazendo coisas que casais comuns fazem: lavar o carro, compras, sair da academia, deixar o restaurante. O par parece bem estável. Relatam que ela "acalmou". No entanto, Ritchie ainda está disposto o bastante para brigar com um fã em frente à casa deles em Kensington, pela qual ele recebeu uma advertência da polícia.

Plantão familiar: [illegible]

Quando você encontrou Guy foi como em "Impressive Instant"?
Foi. Eu tive toda uma premonição da minha vida em *fast forward*. Isso só havia acontecido comigo uma vez.

Com Sean Penn?
(*Não responde.*)

É assustador?
Não, é revigorante.

Você contou ao Ritchie como se sentiu?
Não na hora, de jeito nenhum. Entrei num estado de negação porque ele morava aqui e eu lá, e eu não estava interessada em me torturar com um romance a distância. Mas aconteceu do mesmo jeito. Foi daquelas coisas... inexplicáveis, incontroláveis.

Quando você fala que teve uma premonição do que ia acontecer o que quer dizer exatamente?
É estranho. Não poderia nem dizer especificamente quais foram os meus pensamentos, foi simplesmente... Sabe quando dizem "ele virou minha cabeça"? Minha cabeça não só virou, ela girou ao redor do meu corpo. Em minha profissão, conheço todos os tipos de pessoas incríveis, fascinantes, glamourosas, sexy e intelectualizadas. E você as encontra e pensa: "Interessante, interessante, interessante". Mas não são muitas as que te tocam. Isso tem muito a ver com química e *timing*.

É muito empolgante isso, encontrar alguém que faz você ficar balançada...
Sim, louca, doida varrida.

Onde exatamente você o encontrou pela primeira vez?
Eu estava almoçando no jardim da casa do Sting e da Trudi e ele era um convidado. No próximo domingo vai fazer dois anos que o conheci. Eu me lembro porque era Dia dos Pais nos Estados Unidos e eu tive de pedir licença para sair da mesa e ligar para meu pai. Não tinha a mínima idéia de que ele ia estar lá. Ele simplesmente apareceu na cadeira ao lado da minha.

Ela faz você rir?
Sim. Ele é muito engraçado, muito bem-humorado.

Deve ser duro ter uma relação tão pública.
É, mas só é pública num sentido. É, é um saco, mas é inevitável. Quero dizer, ele consegue rir disso tudo e eu também. Sabemos que o que as pessoas escrevem sobre nós está a milhas de distância da verdade.

O que é a verdade sobre Ritchie bater num fã seu?
Hmmm... Ah, Deus, é tão chato falar sobre isso. Nada.

Ele simplesmente caiu em cima da mão de Ritchie?
Ele não bateu nele com a mão, ele chutou. Esse cara tinha me seguido desde que eu cheguei aqui. E é um homem, não um moleque, então é desagradável. Todos os fãs têm ficado cada vez mais agressivos, e ele era um dos líderes. Eles não me deixam em paz – tocam a campainha, pedem pizzas, assediam minha filha, param na frente do carro. Não podemos entrar ou sair da garagem, eles tornam a vida impossível. É irritante todo dia, todo dia, todo dia. E, nesse dia em especial, chegamos e esse cara abriu a minha porta do carro. Então Guy teve de sair e dizer para ele como eram as coisas: "Se você me deixar puto, vai sobrar para alguém". E eles meio que o desafiaram. Mas, desde que isso rolou, ninguém mais apareceu na porta da minha casa. Ele só estava sendo um namorado protetor.

Se você tivesse de dizer cinco qualidades de Ritchie, quais você escolheria?
Eu não sei se me sinto confortável para falar tanto do Guy...

Ele é muito bonito, ele é legal com a mãe e o pai dele.
E, essas duas... E ele me faz rir. E ele é genial, maravilhoso, inteligente e... (*Pausa*) Quantas foram? Não vou falar mais, senão ele vai ficar cheio de si.

Deve ser estranho agir naturalmente e depois ter de voltar a ser o centro das atenções e críticas.
Acho que, no fim, quando você é famoso, as pessoas gostam de reduzir você a alguns fatores da sua personalidade. Acabei virando essa pessoa ambiciosa, que diz qualquer coisa que vier a cabeça e que intimida. E isso é parte da minha personalidade, mas, com certeza, não passa perto da coisa toda.

Você foi ao set de filmagem de *Snatch* (*novo filme de Ritchie*)?
Fui. Foi ótimo assistir a Guy dirigir. É um ótimo afrodisíaco. Gostei dele tomando conta de todo mundo. Mas não de uma forma óbvia, porque ele é bem tranqüilo. Ele toma conta, mas não é mandão.

Eu fico feliz que você esteja apaixonada.
Eu também. Só levou 40 anos para dar certo. Escreva isso.

O tempo acaba. A fita acaba. Madonna se desenrola do chão, se alonga um pouco, dá a volta por trás do sofá. Ela caminha para uma outra sala e retorna com um jovem entusiasmado da sua gravadora, (Maverick), que deve ter chegado durante a entrevista. Conversamos sobre música e clipes.

Madonna é acusada de reinventar-se constantemente, como se isso fosse um ato consciente e deliberado de mudar sua imagem. Talvez seja mais correto dizer que ela está sempre se desenvolvendo, mudando em reação ao seu ambiente. A cantora gosta de aprender, é rápida ao observar (ela menciona minha camiseta e um detalhe na minha pulseira), é conhecida por consumir música nova, é voraz no seu apetite por estímulo. Vamos esperar que o Reino Unido dê o bastante para ela pensar. Madonna aperta minha mão de novo, firmemente. "Você não me insultou", diz. "Não muito...", completa. Antes de ir, ela me faz dizer cinco coisas legais sobre o meu namorado.

RECEITA PARA SE FAZER UMA ESTRELA

Como ser Madonna em dez passos:

1. Tenha um grande controle sobre o direcionamento de sua carreira. Faça única e exclusivamente aquilo que estiver a fim, nem que isso signifique apenas uma rápida ponte para um estágio posterior.

2. Não tenha o mínimo pudor de interpretar qualquer papel. De preferência aquele feito sob encomenda para chocar as pessoas e atrair a atenção da imprensa naquele momento.

3. Desloque o centro de sua música para a imagem. Faça que versos polêmicos, melodias grudentas e clipes superproduzidos obedeçam à construção de uma galeria de tipos marcantes.

4. Mude o visual a todo instante. Roupas e cabelos são feitos para se brincar, não é mesmo?

5. Levante a bandeira da liberação sexual. Apareça de todas as formas possíveis ao lado de homens, mulheres e gays.

6. Aproveite a sua fama e convença a indústria cinematográfica de que ela tem um lugarzinho que só você ocupa. Afinal, que outro astro de Hollywood tem tanto alcance de público jovem quanto você?

7. Lance um livro com ensaios fotográficos referentes a todos os tipos de fantasias e bizarrices sexuais.

8. Desencave suas raízes latinas e passe a flertar escancaradamente com pessoas e culturas hispânicas. Derrubada a barreira da língua, dê uma escadinha para a vizinha música popular brasileira.

9. Quando não estiver a fim de fazer mais tantos discos e lutas em seqüência, brinque de executivo. Monte um selo que tenha ao dispor toda a estrutura de uma gravadora multinacional. Trace uma certeira estratégia de marketing que transforme um dos primeiros artistas contratados em fenômeno de milhões de cópias vendidas. Depois lance trilhas sonoras antecedidas em gravações inéditas suas.

10. Chegue aos 40 anos e, enfim, sacie a sede de maternidade. Em dose dupla, com pais diferentes.

(ABR)

Patrocínio

USINA DO SOM
www.usinadosom.com.br

SuperSurf.com.br
Quando você entra, não quer mais sair.

Pickup oficial do SuperSurf

PICK-UP
Ford
RAÇA FORTE

Apoio
Fiat

Realização
Abril

Clique aqui

Os roteiros das melhores praias para o surf, mapas, dicas de onde ficar e onde comer.

CLÍNICA | BEACH GIRLS | ÚLTIMAS NOTÍCIAS | PRE VISÃO | SUPERSURF NA TV | CAMPEONATO | PICOS

O homem que não quis ser Rei

Mike Patton explica por que preferiu trocar o estrelato que conseguiu com o **Faith No More** por pequenos palcos e pelas dificuldades do esquema independente — e revela que está muito mais satisfeito desse jeito

por Daniel Oliveira e José Flávio Júnior Ilustração Félix Reiners

Mike Patton trocou o sucesso garantido pelo fracasso previsível. Desistiu do esquema rádios/MTV para tocar em palcos pequenos e sujos, onde muitas bandas iniciam carreira. Deixou a proteção de uma grande gravadora para empresariar seu próprio selo. Abandonou seu vocal melódico e o título de melhor cantor de rock dos últimos tempos para dar berros numa banda de trash metal experimental. Ironicamente, virou cult.

Quem foi adolescente no Brasil entre 1990 e 1992 sabe mais do que ninguém o que foi o fascínio que Mike e o Faith No More protagonizaram. Marcaram a vida de muita gente (inclusive a desta publicação). A histórica turnê da banda pelo país, meses depois de roubarem a cena no Rock In Rio II (1991), rendeu matéria até no *Globo Repórter*. Mike bebeu muito xixi, beijou garotos, aprendeu a falar português e virou pôster no quarto da moleca.

No resto do mundo, o Faith No More nunca foi tão grande. Mas o excelente álbum *Angel Dust*, de 1992 (o segundo com Mike), deu ao grupo um respeito que dura até hoje. Após um disco ruim (*King For A Day, Fool For A Lifetime*) e outro irregular (*Album Of The Year*), a história chegou ao fim. O vocalista não suportava mais conviver com o baterista Mike "Puffy" Gordon, o tecladista e fundador Roddy Bottum tinha outros projetos em mente e a banda não conseguia se acertar com um guitarrista desde a expulsão de Jim Martin, em 1994.

Mike nunca abandonou o Mr. Bungle, formado em sua época de faculdade. No início deste ano rodou a América num festival chamado Sno-core angariando novos fãs com a "megamistureba" sonora da banda. Paralelamente, montou o Fantômas (com os amigos Dave Lombardo, ex-Slayer, Buzz Osborne, do Melvins, e Trey Spruance, do Mr Bungle) que no momento leva seu metal extremo ao underground europeu, numa turnê de verão.

Feliz por não ter mais de carregar o cetro, Mike falou sobre sua atual fase e eventos passados, incluindo momentos agradáveis e outros nem um pouco.

Quando você começou a odiar a fama?
Essa história é um pouco assustadora, mas me mostrou o lado ruim da fama. Há uns sete anos, excursionando pela Austrália, eu estava saindo de um show e uma mulher me parou e disse: "Posso te entrevistar?". Respondi: "Não, desculpa. Preciso ir embora, pois estão me esperando no furgão". Ela me segurou e se alterou em mim. Não pude acreditar. Primeiro eu ri, mas depois pensei: "Estou preso nesta mulher. O que farei?". Comecei a enlouquecer. E refleti: "Que coisa ridícula! Odeio isso". Tive de ameaçá-la e acabamos tendo uma briga séria.

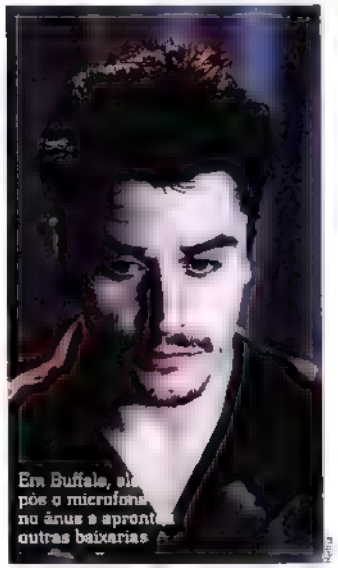
"Acho que 98% dos vocalistas que estão por aí são uma merda. Quando ouço uma banda legal, o cara abre a boca e estraga tudo"

Você tem a ambição de levar o Fantômas ao nível de sucesso do Faith No More?
Quanto mais gente ouvir minha música e assistir a meus shows, melhor. Qualquer um dirá o mesmo. Espero que as pessoas curtam e sejam influenciadas pelo Fantômas. Mas, se o grupo não for um sucesso monetário, não vou me suicidar. Acho que muitos fãs de metal e hardcore podem entender o Fantômas. Espero que fiquem pasmos em nossos shows.

De todos os discos que você gravou, qual é seu favorito?
É uma pergunta difícil, pois nunca escuto meus discos. À medida que o tempo passa, os álbuns mais velhos tornam-se os piores. Os recentes refletem mais como me sinto. Eu diria que *Disco Volante*, o segundo do Mr. Bungle, é meu album favorito. Os caras da gravadora o odiaram, mas não mexemos em nada. Nós os convencemos de que era nosso melhor disco, e eles acabaram acreditando.

E o pior disco?
Meu Deus, há tantos! Talvez meu segundo trabalho-solo, *Pranzo Oltranzista (de 1997, feito depois de* Adult Themes For Voice, *álbum gravado apenas com microfone, sem instrumentos)*, que saiu por um selo independente nova-iorquino. É ruim porque trabalhei pouco tempo nele. Fiz o disco em um dia, incluindo gravação, mixagem e edição. Este sim, possui música experimental, violino, saxofone, guitarra, percussão e efeitos sonoros.

Quem o inspirou a tornar-se vocalista?
Talvez meu professor de basquete, quando me tirou do time. Nunca quis ser vocalista. Foi mais por acidente, pois nunca idolatrei cantores. Gosto de alguns vocalistas, como Frank Sinatra e Franz Treichler, dos Young Gods *(grupo suíço de rock industrial)*. Eles me ajudaram a melhorar nos vocais, mas 98% dos caras por aí são uma merda. Quando ouço uma banda legal, o vocalista abre a boca e estraga tudo.



Qual foi o momento mais alto de toda a sua carreira?
O Rock In Rio II. Acho que foi o maior show do Faith No More. Foi uma situação divertida e fora de controle. Havia tanta gente! Acho que as pessoas fizeram suas necessidades ali mesmo onde estavam, pois não queriam perder seus lugares no estádio. O local cheirava a mijo e merda, mas foi um evento inacreditável. Nosso show foi demais.

OS CINCO DISCOS DE CABECEIRA DE MIKE

Soul Pride, James Brown
Os Mutantes, Os Mutantes
Reign In Blood, Slayer
The Days Of Wine And Roses, Henry Mancini
Pet Sounds, Beach Boys

E o pior momento?
Quando o Faith No More tocou numa rádio em Buffalo, Nova York, na época do disco *Angel Dust*. Estávamos cansados e não queríamos fazer o show. Como a rádio rolava nossas músicas, precisávamos retribuir tocando numa festa. Foi uma merda quando chegamos ao local. Havia uns roqueiros dos anos 70 e uma banda tocando covers do Bad Company. Perguntamos ao pessoal da rádio: "Podemos tocar logo? Temos uma estrada longa pela frente". Eles disseram que precisávamos esperar o outro grupo acabar seu show. Esperamos horas e horas, e ficamos totalmente bêbados. Quando subimos no palco, eu fiquei pelado, coloquei o microfone no cu e caguei em tudo que é lugar. Insultei os presentes, e eles começaram a jogar garrafas na gente. Foi uma experiência violenta, mas divertida.

Sobre o fim do Faith No More, o baterista Mike "Puffy" Bordin disse a uma revista francesa: "Os projetos paralelos começaram e ninguém os colocou em segundo plano. O grupo acabou por isso". Você concorda com ele?
Não (*risos*). É uma explicação vaga. O motivo principal é que três membros da banda, incluindo eu, não queriam continuar. Nossa música estava decaindo, e eu não queria lançar outro album. No último disco (*Album Of The Year*), tive dificuldade para criar algo que me deixasse feliz. A banda foi por água abaixo. Então, eu disse: "Estou fora!".

Os problemas foram diferenças musicais?
Mais ou menos. Tivemos uma reunião, expliquei como me sentia e dois membros sentiam o mesmo. Mas eu queria que a gente terminasse a turnê e se despedisse amigavelmente. Contudo, Puffy decidiu excursionar com Ozzy Osbourne, e o grupo acabou num clima ruim. Mas não foi nada demais. Acabamos de qualquer maneira. O negócio é que as coisas ruins começaram a superar as boas. Após dez anos (*ele entrou em 1989, quando o Faith No More já existia há sete anos*) e vários discos, mudamos como indivíduos e nos interessamos por coisas diferentes. É como qualquer relacionamento: algumas pessoas mantêm contato, outras se separam. A vida é assim – não é uma situação boa ou ruim. Você só precisa ver quando é hora de mudar e tomar coragem para mudar.

Você concordou com *Who Cares A Lot?*, a coletânea de despedida?
Não muito. Tenho certeza de que, logo depois de saber do fim do grupo, nossa gravadora organizou o disco para levantar uma grana extra. Mas acho que salvamos a coletânea, pois a lançamos num CD duplo com músicas além dos hits óbvios. Colocamos algumas coisas inéditas, como músicas ao vivo e gravações no porão de Billy (*Gould, baixista*).

Seus vocais limpos e melódicos sempre foram aclamados. Por que os abandonou?
Cada disco é um trabalho diferente. Imagine-se como um encanador. Se você for consertar um chuveiro, terá de usar certas ferramentas. Se for arrumar uma privada, outras. O Fantômas precisa de ferramentas diferentes. Durante a criação do disco, notei que não havia espaço para melodia. Um disco de metal animal, nojento e barulhento não precisa disso. Nem sempre mostro tudo o que sei.

Você canta no Fantômas e no Mr. Bungle simultaneamente. Por que expressa sua arte em duas bandas?
Sempre tive várias bandas e projetos paralelos. Não vejo problema nisso. Quanto mais modos de expressão, melhor. Jornalistas têm atitudes estranhas. Eles escrevem para várias publicações, mas entrevistam artistas que têm projetos diversos. Não entendo por quê. O Fantômas não tem nada a ver com o Mr. Bungle, pois não possui coros, saxofones ou arranjos orquestrados. O Fantômas é uma banda de metal. Às vezes, é uma banda ridícula de metal. Eu quis trabalhar com diversas sonoridades, mas, no fim das contas, fiz um disco de rock. Não o considero um disco experimental, pois tem o estilo de rock que gosto de ouvir. Compro discos com esse tipo de música.

VOCÊ SABIA...

...que a primeira vocalista do Faith No More foi Courtney Love, nos idos de 1984?

...que, em 1989, Chris Cornell, já no Soundgarden, foi convidado a assumir o microfone do FNM quando Patton estava indeciso sobre sua entrada na banda?

...que o tecladista Roddy Bottum tem uma última banda de indie-pop-rock chamada Imperial Teen, que já está gravando o terceiro disco?

...que o baixista Billy Gould era o único que não queria a volta do Faith No More, apesar de continuar sendo um membro da banda no momento, pois a Brujeria (que prepara novo álbum)?

...que a única imposição que Robert Plant fez para que o Led Zeppelin voltasse foi que Mike "Puffy" Bordin assumisse as baquetas?

O termo "louco" é normalmente usado para definir o estilo do Fantômas. O que você acha disso?
Não vale a pena dar atenção às pessoas. Aprendi a desligar meus ouvidos. Se você começa a ouvir os outros, acaba preocupando-se demais em agradá-los. O importante é agradar à sua banda.

Resumindo em uma palavra, como o Fantômas representa sua personalidade?
Acho que esquizofrenia é uma palavra legal (*risos*). Talvez indecisão, já que não me fixo num estilo por muito tempo.

Você excursionou pelo mundo e vendeu muitos discos com o Faith No More. Como é recomeçar por baixo com o Fantômas?
Acho legal, não há problemas. O Fantômas está tão longe do Faith No More que nem posso comparar. É demais tocar música que me deixe 100% feliz. Com essa satisfação, eu toco até num quintal – não importa o tamanho do local ou a quantidade do público.

Há alguma chance da o Faith No More reunir-se novamente?
(*enfático*) Isto é completamente fora de questão. A reunião nunca acontecerá!

FÁBRICA DE MALUQUICES

Após mostrar o trabalho do Fantomas para alguns executivos de gravadora sem lograr sucesso, Mike foi obrigado a fundar sua própria. A Ipecac Recordings, que conta com a distribuição do selo alternativo Caroline, surgiu no começo de 1999 e seu catálogo de lançamentos começa a ficar gordinho. Além dos desconhecidos KID 606, Lucky Stars e Kids Of Widney High (este, um maravilhoso coral de garotos deficientes) e a ipecac detém o passe de Melvins, precursor do grunge, que já lançou três álbuns desde que foi para a cabeça de Mike. O Ministry é a nova medalhão a se alistar ex-Faith No More. A promessa da gravadora é bater nas lojas uma trilogia de discos ao vivo do grupo (Psalm 69 Tour, Sphinx Tour e Cl Tour) até o fim do ano.

Sacanagem da grossa

Sem dar bola para a patrulha politicamente correta, os gozadores do estremecem as paradas com escrotidão na medida certa

por José Flávio Junior

O sucesso da house animalesca "The Bad Touch" levou o nome Bloodhound Gang a ser mais falado no Brasil. A música toca tanto que ganhou até subtítulo, "Discovery Channel", por causa do refrão em que o vocalista Jimmy Pop explica a uma garota que os humanos são mamíferos e a convida para imitar o que os animais fazem no canal americano.

Consumado basicamente por adolescentes que gostam de boas piadas escatológicas, o Bloodhound Gang conseguiu alargar seu público com o segundo disco, *One Fierce Beer Coaster*, de 1996, graças ao hit "Fire Water Burn" (O teto está pegando fogo/Nós não precisamos de água/ Deixe o filho da puta queimar/ Queime filho da puta, queime). Por aqui, pouca gente deve fazer idéia dos absurdos que o grupo profere. Além de se ter um bom inglês, é necessário estar antenado com as gírias da moleca da "periferenta" (como definiu um crítico de SHOWBIZZ) americana e conhecer muito bem os personagens da cultura pop daquele país para cair de boca na obra do grupo. Sonoramente, embrulham qualquer estilo musical – do metal ao tecnopop – em função das letras.

Acima, algumas tentativas de "decifrar" trechos de algumas músicas da banda, que é campeã em trocadilhos com nomes de pessoas famosas, adora bananas (sabe-se que Jimmy Pop recebeu um "trabalho oral" no meio de um show em São Francisco, Califórnia), não poupa palavrões, nem raças ou religiões... E, agora, não quer mais sair das paradas das rádios brasileiras.

"The Bad Touch" – O Mau Caráter

Me and you do the kind of stuff that only
Prince would sing about
Eu e você fazemos o tipo de coisa que só o Prince cantaria sobre
(A canção é uma homenagem a o homem-símbolo que escreveu finos versos como "Deixe-me lamber sua buceta" na música "Shockadelica".)

Yes I m Siskel yes I'm Ebert and you're getting two thumbs up
Sim, eu sou o Siskel, sim, eu sou o Ebert, e você está recebendo dois dedões para cima
(Referência à dupla de críticos americanos Siskel e Ebert, que avaliava a qualidade dos filmes por meio de ícones representando polegares: assim, polegares para cima significava bom filme; para baixo, uma merda. Siskel morreu no ano passado.)

So show me yours I'll show you mine
Tool Time you'll Lovett just like Lyle
Então mostre o seu, que eu mostro o meu
Hora Das Ferramentas, você vai "amar isso", assim como Lyle
(Exemplo de trocadilho com nome de famosos, que o Bloodhound Gang adora e é impossível de traduzir. A vítima aqui é Lyle Lovett – soa como "love it", "amar isso" em português – músico, ator e ex-marido de Julia Roberts.)

"I Hope You Die" – Espero Que Você Morra

I hope he grins like Jack Nicholson
And forces you to play a game called Balls On Chin
Eu espero que ele sorria de forma doentia como Jack Nicholson
E te force a brincar um jogo chamado Bolas No Queixo
(O sorriso de Jack Nicholson ficou bem famoso após seu papel no filme *O Iluminado*. Jimmy Pop deseja que seu desafeto tenha um confronto de cena com a mesma expressão doentia. A prenda "bolas no queixo" é da série "cabeçada no céu da boca".)

"Three Point One Four" – Três Ponto Um Quatro

I need to find a new vagina (...)
Just independent like NOFX, smart like
Janeane Garofalo
Preciso encontrar uma nova vagina
independente como o NOFX,
esperta como Janeane Garofalo
(Jesus, de dizer que procura "uma menina que toque gaita com a buceta", Jimmy chega à conclusiva comparação com a banda de hardcore independente NOFX e com a musa do cinema alternativo e nerd Janeane Garofalo.)

"Mope" – Palavra

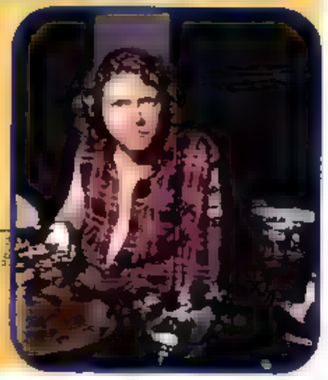
Relax don't do it
When you wanna cum
Relaxe não faça
Quando você quer gozar
(Misturando samples de "Rock Me Amadeus" do falecido cantor alemão **Falco** com "Relax" do grupo de tecnopop **Frankie Goes To Hollywood**, o Bloodhound Gang apresenta saudosas canções para uma geração de moleques que ainda não era nascida no começo dos anos 80.)

What it is motherfuckers? (...)
I'm high on crack! Holly shit!
Qual é, filhos da puta?
Estou louco de crack! Puta que o pariu!
(No meio de "Mope", Pac Man, famoso personagem do videogame Atari, interrompe um refrão e manda a pérola acima. Dá para ouvir um acender de isqueiro e uma pipada.)

"Hell Yeah" – Claro Que Sim
(mais um trocadilho sem tradução precisa)

Would I be a good Messiah with my low self-esteem?
If I don't believe in myself would that be blasphemy?
Eu seria um bom Messias com minha baixa auto-estima?
Seria blasfêmia se eu não acreditasse em mim mesmo?
Nessa música "religiosa", Jimmy Pop fala das coisas que fará se fosse Deus. Prova que, no meio de um monte de baixaria, o Bloodhound Gang também pode se sair bem contando piadas mais refinadas.)

"Why's Everybody Always Pickin' On Me?" – Por Que Todo Mundo Sempre Me Zoa (do álbum *One Fierce Beer Coaster*)



See the trick is only pick
on those that can't do you
no harm
Like the drummer from Def
Leppard's only got one
arm
Veja que a sacanagem só
acontece com aqueles que
não podem te fazer mal
Como o baterista do Def
Leppard que só tem um
braço
(Até o mutilado Rick Allen é motivo de chacota. A tirada é repetida dez vezes!)

Deitado no suingue

Ed Motta

Para ele, a fase de ter preconceito com rock, choro, samba e outros gêneros já passou

Os dedos de Ed Motta quicam felizes sobre o piano elétrico Fender Rhodes enquanto ele aponta um musico, ou melhor, uma escola crucial para a criaçao de seu novo album, *As Segundas Intenções Do Manual Prático*. Indo de João Donato a Guinga, ele demonstra que as harmonias simples e bem ritmadas não querem abafar ninguém, só mostrar que também dão caldo. Suculentas, amazônicas vazantes do pianista acreano, como descreveria um jornalista conterrâneo em seu lirismo babão.

E onde esse processo de redescobrimento da simplicidade desemboca? Man, well... (perdão pelo trocadilho, mas, como diria Robert Plant, "oh Jimmy, I couldn't resist") Em canções de formato premeditadamente radiofônico como "Colombina", ora pois. "Levei em consideração certas exigências mesmo, fui no que tinha dado certo no *Volume 1*", assume Ed. A confissão, porem, não significa concessão. "Fiz 100% do disco que eu queria. Tudo que eu estava com vontade de fazer, deu para trabalhar. Em termos de orçamento, de tempo, de cobrança estética, tive liberdade total. Nao é uma coisa muito normal nesse mundo das gravadoras. E, em minha carreira, também não."

O processo desencadeado por João Donato o remeteu à simplicidade das coisas que ele mesmo fazia antes. Só que isso não sinalizou o caminho de volta na grande viagem da harmonia pela qual Ed enveredou na segunda metade dos anos 90. Tranquilo, tranquilo. "O disco tem uma veia popular, mas jamais dispensa um lado jazzistico, as introduçoes, os finais, as pontes. As duas coisas dialogam bem: o jeito de fazer o jazz é infectado pelo pop e o pop é infectado pelo jazz. Sai uma coisa jazzistica que é muito pop para ser jazz, mas é bastante pop dentro do jazz (*risos*)..."

Falar sobre comida ao entrevistar Ed Motta é cliché a ser evitado, mas o assunto aparece naturalmente na conversa. Em sentido metafórico, é verdade "Assim como ha momentos para o sanduiche do BB Lanches (*legendária casa de sucos do Leblon, no Rio*), também tem a hora do gourmet, do caviar, do *grand cru classé*. Meu gosto musical sempre foi uma coisa misturada. Hoje, mais ainda, estou numa fase de gostar de tudo, de várias coisas diferentes." No coração e nos ouvidos de Ed, o fã apaixonado por musica em seus diversos gêneros, cabem até... "Coisas ruins que eu gosto? (*solta uma risada de malandro velho, que termina feito cuíca*) Roxy Music é ruim – e eu gosto. Musicalmente, você sabe que ali não tem nada de mais, nada de muito interessante. Mas é bacana. T Rex tambem não é lá essas coisas...

Quer dizer... Não, botar T Rex nessa é sacanagem. O Marc Bolan é um guitarrista bom, supermusical."

APRENDIZADO PUNK

Com comentarios assim, Ed faz questão de se desvencilhar da imagem de CDF das harmonias, sério e pretenso compositor erudito que so se interessa pelo lado estritamente musical de uma gravação. "Nem sei escrever partitura, só consigo tocar a partir de partitura na base do 'levo-pra-casa-e-volto-no-outro-dia'. O Mauricio Valladares (*nadadista carioca que lançou, entre outros, Paralamas, Legião Urbana e o próprio Ed*) me convenceu disso dizendo que eu sou punk, que jamais posso ter uma postura elitista, hierarquizando certas coisas em musica. E realmente sou autodidata, aprendi tudo da forma punk. Cresci e surgi nos anos 80, naquela turma do rock. O Conexão Japeri era uma banda de soul e funk, mas a gente só tocava com o pessoal do pos-punk, o meio era esse, o filtro das informações também."

As páginas dessa revista são testemunhas, já viram o sobrinho de Tim Maia expondo posiçoes e conversões radicais ("o rock jamais deveria se misturar com a rapaziada do funk", pregava ele, *soul brother*, em 1988, dois anos antes da famosa declaração "minha musica e americana"). Hoje, aos 29 anos (e, começou bem garoto: gravou o primeiro disco em 1988, aos 16), ele desenvolveu até uma teoria genetica para isso: "A musica classica, o rock, o choro, o heavy metal, samba, musica orquestral, qualquer coisa, eu ja passei por fases de ter preconceito e admito. Atribuo ao meu sangue – mistura de negão com italiano – essa coisa fervorosa, de sentir tudo muito intenso, de às vezes renegar alguma coisa, dar alguns ataques, dizer coisas que não precisava ter dito".

PRODUÇÃO PERFECCIONISTA

Mais Marcos Valle que Edu Lobo na porção tradicionalmente brasileira de seus esforços, Ed mantem o pe na tradição do funk-samba carioca (confira a

"Gosto de coisas de heavy metal ate hoje. O Iron Maiden, do inicio ate o disco *Piece Of Mind*, é maravilhoso

cuica em "Dez Mais Um Amor" e outros caminhos na memória do Black Rio) que o moldou. Começa tambem a fazer história por outras picadas: o fox "Outono No Rio", parceria com Ronaldo Bastos, e obra-prima daquelas que você vai ouvir e nunca mais esquecer. A maravilha baixou em seus dedos como um assombro. "Veio inteira, em poucos minutos, é daquelas coisas...", confirma Ed, antes de ficar sem palavras. O melhor de tudo: tem outro fox do mesmo nivel no estoque de criações inspiradas nos gigantes da canção americana (e nos gigantinhos tambem, Ed se delicia mais ainda ouvindo genios menos incensados como Jimmy Van Heusen). "É o 'Tarde De Verão', que eu fiz com o Nelson Motta (*e apresentou uma passado no show* Música De Antigamente E Algumas Ineditas), também saiu assim, de primeira", informa, assim como quem não quer nada.

Ouvindo o disco, ele sublinha detalhes dos arranjos, ataca imitando os metais com os braços, toca *air vibraphone* (com ph), não disfarça o orgulho e a felicidade. Sem essa de soberba, puro entusiasmo pela musica. Alias, parêntese: com todo o interesse por arranjos, a grande viagem chamada harmonia e tal, Ed ainda sabe curtir um som que e puro efeito, pura artimanha: o dub jamaicano, sacado de ritus absolutamente acachapantes.

As Segundas Intenções tem o mesmo poder hipnotizante de uma produção de Lee Perry (mago jamaicano dos estúdios, egg-babado por Clash, Beastie Boys e qualquer "hey boy" eletrônico mais aprofundado). So que ali a música move tudo sozinha... Ou melhor, ajudada por produção perfeccionista e escolha de timbres minuciosa, coisa de enologo pentelho e historiador aplicadissimo. Teclados Arp, piano Fender Rhodes, órgão Wurlitzer, brinquedinhos maravilhosos que ele e Fabio Fonseca, onipresente na ficha técnica do disco, possuem. Feito aqueles donos de carros antigos que exibem suas relíquias aos domingos na pracinha do suburbio, os dois botam os bichinhos para brincar ao longo do disco, enxertando texturas e a alma de tempos idos.

PASSADO CABELUDO

"É... Engraçado, antes de estourar essa história, essa onda toda de lounge, *cocktail*, jazz pop, xilofonezinho, eu já ouvia uma série de coisas. Fui pioneiro nessa releitura", observa Ed, não sem a inflexão auto-ironica exigida pela frase. Episódio que deu origem à série: "Em 1991, Marisa Monte me trouxe o Lenny Kravitz, era o primeiro disco dele! Aquele do (*cantarola "It Ain't Over 'Til It's Over" em voz alta sem tentar reconstituir a letra – N do E: se tem essa música, então é o segundo album de Kravitz*, Mama Said, *e não a estréia do cantor*, Let Love Rule)... Ai eu ouvi, fui percebendo que era possivel... Achava antes que a musica dos anos 60 e 70 tinha uma sonoridade, uma força impossível de ser reproduzida. Mas ouvindo Lenny Kravitz vi que dava para fazer. E criar em cima, claro."

Se você, amigo leitor, fã de Pearl Jam e Metallica, vomita ao ouvir "Colombiana" e confunde *Pet Sounds*, obra-prima dos Beach Boys, com Pet Shop Boys, ainda há salvação. O reino dos céus da musica como um todo, erudita, popular e jazzistica esta a seu alcance. Leia o depoimento do irmão Ed... "Eu tinha uma banda de heavy metal, hard rock. Isso foi la pelos meus 13 anos. Comecei a parar do Marquinhos, baixista, meu vizinho no predio. Ele tocava violao na escada do predio, eu cantava junto. Escada de prédio tem som maravilhoso. Você toca um violao lá, vira orgao de igreja, fica um som lindo. Ate hoje eu gosto de fazer isso, e gostoso pra caramba. Voltando: o Marquinho tocava Deep Purple, Black Sabbath, Led Zeppelin, eu cantava. Na verdade eu queria ser baterista, mas ele me chamou para ser o segundo vocalista do Cabala. Esse era o nome! Tinha um outro vocalista que era a cara do Mick Jagger. Eles eram mais velhos, faziam Cientifico (*o 2º Grau*), eu era da quinta serie ginasial. Nessa epoca, eu tinha uma enciclopedia da *Somtrês* (*revista de equipamentos de audio que fazia excelentes edições especiais no fim dos anos 70*), foi minha primeira fonte de pesquisa. Ficava lendo aquilo na sala, no quarto, levava para o banheiro... Achava que tinha de dar um jeito de ouvir aquilo tudo, todos os grupos que tinha ali."

Não foi nenhum milagre, nenhuma intervenção sobre-humana ou divina (ou seja, de Al Green). Sem preconceitos, Ed mergulhou fundo e encarou fervorosamente a tarefa de entupir a cabeça de sons. "A pesquisa musical tem de ser assim, você não destina uma hora, você tem de ser um obcecado. É uma doença, coisa de maluco, obsessão pura", teoriza, fazendo do autodiagnóstico.

Insisto em mais reminiscências do Ed metaleiro. "Eu era amarradão nesse lance, tinha pulseiras (*risos*)... E gosto de coisas de heavy metal ate hoje. O Iron Maiden, do inicio até o disco *Piece Of Mind*, aquilo e maravilhoso. Dave Murray é o guitarrista, né?", pergunta. Como se pudesse estar errado.

A conversa continua... "Sabe o Family? (*grupo inglês da virada dos 60 para os 70, meio progressivo*) Quando acabou, surgiu essa outra banda, Streetwalkers. Com o Bobby Tench (ex-Jeff Beck Group, vocal), Roger Chapman (vocal), Charlie Whitney (guitarrista), o baixista eu nao lembro. Agora olha so quem era o bateria? Nicko McBrain, do Iron Maiden! Os Streetwalkers só lançaram três discos. Tipo Jeff Beck Group, um soul rock, muito legal." Entrevista? Que entrevista? Atendendo a pedidos, Ed bota o disco para tocar e este repórter coloca tudo (ou melhor, as perguntas, a conversa jornalisticamente direcionada) a perder...

Cidadão Instigado

Após o fim dos Dead Kennedys, Jello Biafra pôde mergulhar com tudo em suas pregações contra o sistema. Com seus incendiários discursos, lidos ou registrados em discos, o vocalista continua sendo uma pedra no sapato da sociedade americana

por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Se o punk representa força, atitude e integridade, Jello Biafra e seu exemplo verdadeiro. Ao contrário de artistas que criticam a política dos Estados Unidos, mas vivem em mansões e esbanjam dinheiro em shopping centers, o ex-líder do grupo punk Dead Kennedys discursa em universidades, protesta em convenções de partidos e, ocasionalmente, grava discos com mensagens apimentadíssimas. Em casos mais graves, enfrenta até o risco de apanhar das autoridades americanas.

Filiado ao Partido Verde, Jello esteve no quebra-quebra nas ruas de Seattle, no ano passado. Centenas de pessoas protestaram durante o encontro da World Trade Organization (WTO) – uma associação que regula a produção, exportação e importação de bens entre 136 países. Porem, na visão de Jello, a entidade ajuda as multinacionais a explorarem trabalhadores e destruírem o meio ambiente em nações subdesenvolvidas.

Durante o confronto violento entre policiais e protestantes, Jello uniu-se ao baixista Krist Novoselic (ex-Nirvana, atual Sweet 75), ao guitarrista Kim Thayil (ex-Soundgarden) e à baterista Gina Mainwal (Sweet 75) para uma histórica apresentação num clube da cidade. Sob o nome de No WTO Combo, foi lançado o CD do show, *Live From The Battle In Seattle*, com as músicas "Let's Lynch The Landlord", clássico dos Dead Kennedys; "Full Metal Jackoff", que Jello havia gravado com o grupo punk canadense D.O.A.; e as inéditas "New Feudalism" e "Electronic Plantation".

Para falar desse disco, das ações políticas e de uma recente briga judicial com os outros ex-Dead Kennedys, este repórter fez de tudo para entrevistar Jello. Depois de inúmeros desencontros, o papo acabou rolando em Los Angeles durante a convenção dos democratas, destinada a promover o partido na eleição presidencial americana. Num prédio reservado a protestantes, Jello demonstrou educação e inteligência. Enquanto isso, nas ensolaradas ruas da vizinhança, policiais soltaram gás e atiraram balas de borracha num público não muito pacato.

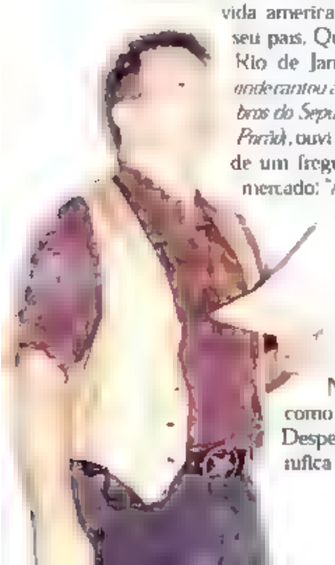
O que você está fazendo nesta convenção dos democratas?
Estou filmando para o Independent Media Center. É uma organização que engloba rádio, TV e site (www.indymedia.org). No espancamento do negro Rodney King, uma filmagem provou quanto a polícia de Los Angeles é violenta. Eu já sabia disso, pois ela matou gente nos anos 60 e tratou fãs dos Dead Kennedys como King em nossos shows. Com um vídeo na mão, ninguém pode desmentir. Em Seattle, a CNN disse que a polícia não estava atirando balas de borracha nos protestantes. Em questão de uma hora, o Independent Media Center colocou filmagens na internet de gente sendo baleada. A idéia do site é expor corrupção e violência e atacar a cobertura da grande mídia, como no caso da CNN.

Você acha, então, que virou jornalista?
Mais ou menos. Estou aprendendo com essa experiência. Minha equipe deve lançar um documentário com minha participação nesses protestos.

Ainda que meta o pau nos Estados Unidos, você não concorda que a qualidade de vida aqui supera a de países como o Brasil?
Sim, mas poderia ser melhor. As coisas

Com o No WTO Combo durante o show em Seattle, acompanhado de Krist Novoselic (*ao fundo*) e Kim Thayil (*à dir.*). Abaixo, detonando alguns desavisados

estão piorando aqui. Antes de Ronald Reagan virar presidente, não havia tantos mendigos nas ruas. A América domina e dá exemplos ao mundo, assim, os americanos precisam ser responsáveis. Não gosto de comprar sapatos fabricados por um indonésio que nem sequer pode alimentar sua família. Para mudar isso, precisamos foder com as corporações americanas que exploram trabalhadores lá no Brasil e em outros países. Se o Partido Verde estivesse no poder, estes lugares não seriam tão explorados. Os brasileiros não percebem que o estilo de vida americano não ajudara seu país. Quando estive no Rio de Janeiro (*em 1992 onde cantou ao vivo com membros do Sepultura e Rains De Porão*), ouvi algo interessante de um freguês num supermercado: "Agora temos sacos plásticos para jogar fora. A situação está melhorando". Pensei: "Deus! Pare com isso! Não desperdice como os americanos". Desperdício não significa progresso.



Há vários modos de protesto, como boicotes, passeatas e discursos. Por que você escolheu a música para atacar a World Trade Organization, em Seattle?
Fiz muitas coisas em Seattle. Participei do Independent Media Center e discursei numa grande assembléia de trabalhadores. Foi estranho ver pessoas mais velhas me pedindo conselhos. A situação foi bastante selvagem – protestei nas ruas, ensaiei com a banda e fui cantar.

O disco tem bastante energia. O show lhe deu saudade daquelas apresentações loucas com os Dead Kennedys?
Um pouco. A banda durou oito anos, então não fiquei muito triste quando acabou. Alguns membros envolveram-se com drogas e quiseram vender-se às corporações. Quando o Rage Against The Machine tocou ontem (*o grupo também protestou contra os democratas*), admito que gostaria de ter estado lá no palco. O show me lembrou quando os Dead Kennedys se apresentaram na convenção republicana no Texas, em 1984. Centenas de republicanos ligados a Reagan passaram em frente ao nosso show. Mandei o público gritar: "Vão se foder! Morram!"

O No WTO Combo é uma banda estável?
Não, pois eu moro em São Francisco e os outros membros estão em Seattle. E, se eu montar uma banda fixa, ela terá de tocar minhas canções. Eu e Krist conversamos sobre fazer outras coisas, mas ainda não tivemos tempo. Também não tenho dinheiro para ficar viajando para Seattle, pois os ex-membros do Dead Kennedys me foderam num processo judicial. Eles ficaram putos, pois não deixei a música "Holiday In Cambodia" entrar num anúncio da Levis. Agora, querem adquirir os direitos dos discos dos Dead Kennedys e relançá-los sem precisar me pagar. Contrataram um advogado que trabalha com a banda Boston e arrumaram um júri de velhos conservadores. Como nunca atingimos o sucesso do Boston, acham que sou o culpado. Até alegaram que compuseram minhas músicas. São um bando de gananciosos mentirosos! Tenho orgulho do impacto musical dos Dead Kennedys, mas preferia nunca ter encontrado esses caras. Estão querendo arruinar minha vida.

Após perder no julgamento, em maio, você disse na corte: "Eles estão me punindo, pois defendo os princípios da banda, do underground e da cultura independente". O que você quis dizer com isso?
O Dead Kennedys nunca foi ligado a rockstars. Nunca escrevi músicas contra corporações para então lançá-las em anúncios das mesmas corporações. Uma banda que canta "MTV, saia do ar" não deve processar seu vocalista por não estar na MTV. Não quero transformar os Dead Kennedys num Clash.

Como assim?
Os caras do Clash foram mau exemplo, pois deixaram claro que queriam se tornar rockstars. Quando vieram aos Estados Unidos, disseram: "Não somos uma banda punk ou política". Depois entraram naquela onda de drogas e groupies e botaram suas músicas em comerciais. Eu não trairia nossos fãs dessa maneira.

Você também foi acusado de não pagar corretamente os royalties dos discos dos Dead Kennedys. Qual é sua defesa?
Já tinha pago esse caras. Admito que houve um erro nas contas, mas paguei o que devia. Até dei uma parte minha do dinheiro, que eles se negaram a devolver. Usaram minha grana para bancar o advogado deles. Foi muita desonestidade.

Como está o processo? Você pagará a eles os 200 mil dólares que a juíza ordenou?
Estou tentando arrumar dinheiro para entrar com uma apelação. Além disso, como expliquei antes, os caras estão induzindo o júri a me tirar os direitos autorais dos Dead Kennedys. A gravadora Epitaph fez a eles uma oferta ridícula para adquirir o catálogo do grupo. Perdi todo meu respeito por Brett Gurewitz (*proprietário da Epitaph e ex-guitarrista da Bad Religion*). Se os brasileiros virem discos dos Dead Kennedys relançados pela Epitaph ou por outro selo além da Alternative Tentacles (*gravadora independente de Jello, que editou os discos da banda*), espero que não os comprem. Peguem as músicas na internet. Se conseguirem roubar meu trabalho para enriquecer, o Napster (*site que fornece músicas gratuitamente*) será o meu melhor amigo!

João Gordo, que está na Alternative Tentacles com o Ratos De Porão, trabalha como VJ da MTV brasileira. Você acha que ele se vendeu a uma corporação?
Depende do que ele faz lá. A maioria das pessoas na MTV vem de agências de modelos. Não são jornalistas e não sabem nada de música. Também já fui acusado de me vender. O mesmo ocorreu com o Rage Against The Machine. É decisão do Gordo. Se a MTV me oferecesse um emprego de VJ e me deixasse rebaixar as corporações que a patrocinam, acho que aceitaria.

Você critica a mídia, mas está conversando com uma revista que cobre todos os tipos de músicas, inclusive aquelas que você condena. Como seleciona as publicações para as quais dá entrevistas?
Sou mais cuidadoso apenas com as norte-americanas. Não conheço muito os veículos da América do Sul ou da Europa. Aceito falar para divulgar idéias que inspirem as pessoas. Participei do programa de TV *Politically Incorrect*. O apresentador me considerou um louco, pois expliquei que deveria haver uma lei de salário máximo. A melhor cura para os ricos, cujo vício financeiro é pior do que drogas, é retirar sua grana. O público me valeu, mas o assunto foi discutido pela primeira vez num grande canal americano. Veículos como MTV, *Rolling Stone*, *Spin* e *Politically Incorrect* sabem que a melhor maneira de brigar comigo é ignorar minha existência.

"Os caras do Clash foram mau exemplo porque entraram na onda de drogas e groupies e botaram suas músicas em comerciais de TV. Eu não trairia nossos fãs desse jeito"

Entre Clash, Ramones, Sex Pistols e Dead Kennedys, qual seria a banda punk mais influente?
O Dead Kennedys manteve-se fiel a suas raízes e não assinou com uma grande gravadora. O fato de termos sido os mais influentes é discutível, mas minhas letras foram as mais intensas. Não lembro de nenhuma banda confrontando seu próprio público. Criticamos nossos fãs em músicas como "Nazi Punks Fuck Off" e "Chickenshit Conformist". Poucos artistas têm coragem de fazer isso. Quis desenvolver a inteligência das pessoas que nos ouviam.

FRUTA SEMPRE FRESCA

Em 1985, Jello Biafra ganhou motivos para fazer música contra o sistema pelo resto da vida. Sob a alegação de que estava divulgando material obsceno no encarte de seu quarto disco – *Frankenchrist*, que trazia a pintura "Penis Landscape", de H. R. Giger –, os Dead Kennedys foram processados. Acabaram ganhando a causa, mas não resistiram ao episódio. Dois anos depois, o vocalista estreou como autor de discos falados (*spoken word*). E não parou mais.

No More Cocoons foi a primeira dessas gravações contendo discursos malhando tudo e todos. Depois vieram *High Priest Of Harmful Matter* e o EP com o Lard (projeto hardcore de Jello com dupla do Ministry, Al Jourgensen e Paul Barker), *The Last Temptation Of Reid*, ambos de 1989. O homem virou um multibandas, lançando álbuns com o D.O.A., No Means No e Tumor Circus.

Mas ele pode gravar o que quiser com quem quiser: que nunca seu nome estará separado do Dead Kennedys. Jello será sempre lembrado pela estréia do quarteto californiano, *Fresh Fruit For Rotting Vegetables*, em 1980. Hardcore manero, com refrãos colantes à primeira audição e letras contundentes e cínicas. "Kill The Poor", "California Uber Alles", "Chemical Warfare", "Holiday In Cambodia" e "Let's Lynch The Landlord" estão nesse disco, que até parece uma coletânea, de tão bom. Na falta do original, fique com *Give Me Convenience Or Give Me Death*, compilação de 1987 que a Paradoxx milagrosamente lançou no Brasil dez anos depois. Caso você se depare com um exemplar perdido por aí, saiba que contém vários lados B e versões diferentes de alguns perdidos dos Kennedys. "Police Truck", "Too Drunk To Fuck", "I Fought The Law" (clássico imortalizado pelo Clash, que Jello hoje tanto malha) e "Buzzbomb From Pasadena" completam a, uh, anarquia.

Isso aqui é uma Guerra

Ancorado no artigo que considera ilegal a incitação de crimes, juiz censura um clipe do grupo de rap Facção Central e ignora a liberdade de expressão

por Spensy Pimentel • Ilustração Cobiaco

Assalto a mansão. Sequestro-relâmpago em caixa eletrônico. Resgate de presos numa delegacia. Você vê esse tipo de crime todos os dias em horário nobre na TV e nas manchetes de jornais. Pois se for no clipe de um rap que diz "É uma guerra onde só sobrevive quem atira, quem enquadra a mansão, quem trafica/ Infelizmente o livro não resolve e o Brasil só me respeita com um revólver", aí não pode. Pelo menos é assim que pensa o juiz Mauricio Lemos Porto Alves, que no início de julho tornou a medida inédita de proibir a veiculação do vídeo de "Isso Aqui É Uma Guerra", do grupo paulistano Facção Central. O clipe mostra cenas de crimes do cotidiano paulistano, enquanto a letra "dá um aviso à sociedade", segundo o autor da canção, o rapper Carlos Eduardo Taddeo, de 24 anos. "O que eu quero mostrar é que o jovem marginalizado pode se tornar um bandido perigoso e que, se a elite não fizer nada e ficar escondida atrás de vidros blindados, vai ser alvo das piores violências", diz ele

ENQUANTO ISSO, DO OUTRO LADO DOS MUROS...

Não é só a violência das ruas que vem ficando cada vez mais explícita nas letras do rap nacional. Desde o sucesso dos Racionais com "Diário De Um Detento", cujo clipe ganhou o prêmio da Escolha da Audiência no Video Music Brasil de 1998, os grupos de rap que retratam a vida dura atrás das grades só têm aumentado. Da Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru), o maior presídio da América Latina, já saíram os Detentos Do Rap, que têm dois discos gravados, e recentemente o 509-E, que lançou em julho seu primeiro trabalho, *Provérbios 13 – Atire A Primeira Pedra quem Nunca Errou*, apadrinhado por gente do calibre de MV Bill, Mano Brown, Edi Rock e DJ Hum. Os MCs Dexter e Afro-X foram presos por assalto à mão armada e devem ser soltos até o fim do ano.

O fenômeno vem se espalhando e já há grupos de rap em unidades da Febem e até na penitenciária de Brasília, a Papuda. Por enquanto, o maior fenômeno entre os manos encarcerados é o disco *Brazil 1*, em que a linha de frente do rap (MV Bill, X, Gog, Consciência Humana, Thaíde & DJ Hum, entre outros) interpreta letras de um dos presos mais famosos do país, José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha, que cumpre pena no Rio. O disco, lançado no fim do ano passado, já ultrapassou as 50 mil cópias vendidas. Não é à toa que o encarte do CD lembra a famosa fuga de helicóptero que Escadinha empreendeu nos anos 80. A voz dele, agora, escapa para a periferia via rap. Nunca se viu uma apropriação tão original da indústria fonográfica.

Tirando os Detentos do Rap, que têm letras mais sob medida para o público de classe média, num claro golpe publicitário, quem espera a glorificação da vida na cadeia pode se decepcionar. Poetas como Dexter e Escadinha batem sempre na mesma tecla: dê graças a Deus todos os dias por estar livre.

509-E: apadrinhado por MV Bill, Mano Brown, Edi Rock e DJ Hum

QUEM PROVOCA O QUÊ?

As letras do rap paulista evoluem em sintonia com as estatísticas da violência. Confira

"Oh, meu Deus, quando vão notar que dar segurança não é apavorar?" ("Homens da Lei", de Thaíde & DJ Hum, 1988)

"Não confio na polícia, raça do caralho. Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim. Eu sangraria até a morte, já era, um abraço. Por isso, a minha segurança eu mesmo faço." ("Homem na Estrada", dos Racionais, 1992)

Na gestão do governador Luiz Antonio Fleury Filho (1991-95) a PM paulista matou oficialmente mais de 3.100 pessoas (dados do Núcleo de Estudos da Violência da USP, sem incluir os 111 do massacre do Carandiru). Foi um aumento substancial em relação às gestões de Quércia (1.716 mortos) e Montoro (1.793). Na gestão Covas, os números voltaram a cair.

"Nove pavilhões, com 7 mil homens, custando trezentos reais por mês cada." ("Diário De Um Detento", dos Racionais, 1997)

"A coisa aqui tá ruim, a coisa aqui tá feia. Tem que comprar xadrez pra tirar cadeia." ("Casa Cheia", dos Detentos Do Rap, 1998)

De 1995 até hoje, o número de detentos de São Paulo cresceu 63,52%, de 55.021 para 89.974 presos. São mais de 400 pessoas detidas por semana (dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado)

Facção Central: realidade nua e crua

"Aqui é outro brasileiro transformado em monstro. Semi-analfabeto, armado e perigoso. (...) Pronto pra atirar. E pronto pra matar. (...) Isso aqui é uma guerra." ("Isso Aqui É Uma Guerra", da Facção Central, 2000)

Entre 1991 e 1999, o número de homicídios na Grande São Paulo aumentou 36,2%. Foram 9.498 mortos no ano passado, segundo a Secretaria de Segurança Pública. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes subiu de 55, em 1996, para 66, em 1999. E a distribuição das mortes acompanha a desigualdade social: quem mora na região pobre do Jardim Ângela, a mais violenta da metrópole, tem 26 vezes mais chances de ser assassinado do que quem mora no bairro classe média de Moema. As áreas mais violentas da cidade têm índice de homicídios semelhante ao da Colômbia, país considerado em guerra civil.

Segundo Eduardo, suas músicas dizem que a culpa não é do bandido nem da vítima. "É da incompetência do governo", afirma o rapper

O promotor Carlos Cardoso, assessor de direitos humanos do Ministério Público de São Paulo, interpretou a mensagem de forma diferente e recomendou a proibição ao juiz. Ele considera que a letra do rap "faz a apologia da violência, estimula e propagandeia a prática de crimes como modo viável de vida". "É um discurso ameaçador para a sociedade, e o caráter intimidatório é evidente. Diz que isso aqui é uma guerra e que o jovem excluído tem de entrar nessa guerra também", justifica. Cardoso acrescenta que, por apresentar apenas personagens estereotipados (jovens negros contra brancos), as imagens reforçariam o preconceito racial. Para comprovar sua intenção, Eduardo lembra que, no final do clipe, os "bandidos" são mortos ou presos pela polícia, o que selaria a mensagem de que "o crime não compensa". O promotor discorda, dizendo que "não houve arrependimento por parte dos personagens".

Polêmica à parte, Cardoso, a partir de seu ponto de vista, enquadrou o clipe no artigo 286 do Código Penal, que define como ilegal a incitação à prática de crimes. A ação ainda corre na Justiça e pode resultar na apreensão do disco que contém a música – *Versos Sangrentos*, terceiro trabalho do Facção Central, com 10 mil cópias vendidas. Eduardo e seus parceiros Erick 12 e Dum Dum responderão a processo, e a possibilidade de prisão não está descartada. Segundo Cardoso, o que ocorre, juridicamente, é uma "colisão entre o direito de liberdade de expressão e os valores que regem nossa sociedade, conforme a Constituição: direito à integridade física, respeito à dignidade humana etc. A Justiça é que vai decidir qual direito deve prevalecer".

"Dizer que essa medida protege a sociedade é demagogia. Nossa elite, historicamente, usou o direito como instrumento de repressão contra o povo", ataca o sociólogo Luis Antonio Souza, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, e estudioso das relações entre cultura e violência. Ele é taxativo: "Isso é censura, é saudosismo da ditadura. Em vez de acabar com o problema, querem escondê-lo". Para Souza, o rap de Eduardo mostra o que pesquisas sociológicas sempre apontaram. "Deveria era ganhar um prêmio pela sua capacidade de análise. Parece até que leu Marx..."

Eduardo, branco, de 24 anos, casado, pai de duas filhas, morador do Grajaú – extremo sul de São Paulo –, com uma passagem pela Febem por furto, aos 14 anos, estudou apenas até a quinta série e não se intimida diante do promotor. "Esse pessoal quer pagar de defensor da sociedade? Há dez anos nós só fazemos isso em todas as músicas que cantamos. Meus raps são uma campanha pela paz bem mais eficiente do que essas passeatas que fazem por aí quando morre um boy. O que a gente diz é que a culpa não é do bandido, nem da vítima: é da incompetência do governo", afirma.

PROIBIÇÃO SEM CONHECIMENTO

Concorde-se ou não com o rapper, a proibição representa uma incoerência curiosa em relação a outros casos semelhantes. Até agora, quando algum clipe apresentasse imagens fortes, geralmente teria seu horário de exibição restrito. Foi o que ocorreu em situações similares na MTV, que vinha exibindo o vídeo no *Yo!*, programa da emissora especializado em rap e apresentado pelo DJ KL Jay, dos Racionais MCs. Clipes "problemáticos", como "Legalize Já", do Planet Hemp, ou "Don't Let Me Be Misunderstood", de Edson Cordeiro, passam apenas depois da meia-noite. O promotor Cardoso avalia que essa restrição não seria possível porque "a veiculação desse clipe é um crime, independentemente do horário em que seja feita".

As matrizes e as cópias de "Isso Aqui É Uma Guerra" foram apreendidas por uma equipe policial. O processo criminal está correndo na Justiça. Mas as consequências não ficaram por aí. Para quem compara a virulência das letras de Eduardo às já manjadas jogadas de marketing das estrelas pop, fica a contabilidade dos prejuízos: segundo o rapper, o Facção Central, que antes do episódio estava fazendo até 15 shows por mês, hoje consegue no máximo cinco.

Alguns lojistas também pensaram que as vendas do disco já estavam proibidas e deixaram de comercializá-lo. "Nós é que deveríamos pedir indenização. Fomos julgados, condenados e censurados por uma pessoa que não conhece nada do hip-hop e nem mesmo se deu ao trabalho de escutar nossas outras músicas", reclama o rapper do Facção Central.

De fato, o promotor conta que só tomou conhecimento do clipe por meio de um jornalista do diário *O Globo*, do Rio de Janeiro. Cardoso também admite que não conhece outras músicas do grupo e que não é um "apreciador de rap". Ele diz que tomou a medida, inédita no Ministério Público paulista, "não sem constrangimento". "Não se trata de uma guerra contra o rap. É que eles pregam uma luta de classes terrorista, equivocada", explica. Eduardo, que nem desconfia do que seja luta de classes, replica: "Só lutamos para que o pobre tenha direito ao que está previsto na Constituição".

O antropólogo Marco Aurélio Paz Tella, que termina mestrado sobre o hip-hop na PUC de São Paulo, dá sua explicação sobre a polêmica: "Faz muitos anos que o rap tem esse discurso. A questão é que só agora a classe média tem acesso a essas ideias por meio da MTV, por exemplo". O promotor concorda. "Talvez isso esclareça tudo o que está acontecendo". Enquanto isso, Eduardo, que atribui suas ideias ao aprendizado no hip-hop e seu "dom de fazer rimas" ao poder divino, diz que a definição do caso está na mão de Deus. "Se ainda existir um mínimo de Justiça neste país, a gente ganha mais essa."

Perdidos no baú da história

Num país sem memória como o Brasil, onde até obras essenciais de ídolos consagrados não foram reeditadas em CD, não é de se estranhar que ainda estejam fora de catálogo muitos álbuns de artistas menos badalados. São discos raros, obscuros e/ou ignorados que, em seu tempo, sintonizaram a música nacional com o que estava rolando no exterior ou romperam com os padrões vigentes nas paradas. A seguir, algumas dessas jóias

por Fernando Rosa

Mix sonoro antecipado

O disco homônimo do grupo **Brazilian Octopus**, lançado em 1969, curtiu um dos mais longos anonimatos da história da discografia nacional. A ponto de muita gente até mesmo duvidar de sua existência. E sem motivos para isso. Entre seus integrantes estavam nomes do primeiro time da música brasileira: Hermeto Paschoal, Lanny Gordin e Olmir "Alemão" Stocker. Razão suficiente para justificar sua reedição, o que não ocorreu nem mesmo em vinil.

Sob a batuta de Hermeto, o disco flui num clima low-fi, antecipando o mix jazz + bossa + ritmos populares (com rock na versão tropicalista) que vingou no fim do século. Um som que, se conhecido, integraria a lista de influências de nomes como Pizzicatto Five, Stereolab ou o brasileiro Jupiter Apple.

O álbum traz 12 músicas de autorias diversas, incluindo alguns temas populares de autores como André Popp ou Edu Lobo. Algumas curiosidades valorizam o repertório, como a primeira composição de Lanny Gordin, "O Pássaro", que ganhou letra e versão de Catalau (Golpe de Estado); uma parceria do grupo com o maestro Rogério Duprat; e a música "Canção Latina", de Olmir Stocker e Vitor Martins (depois parceiro de Ivan Lins) classificada no Festival da Canção Latino-Americana. Todas as canções são instrumentais.

Entre as curiosidades, está a primeira composição de Lanny Gordin

Além de Hermeto (flauta) e dos guitarristas Lanny e Alemão, integravam a banda os músicos Aparecido Bianchi (piano e órgão), Carlos Alberto de Alcântara Pereira (flauta e sax), Douglas de Oliveira (bateria), João Carlos Pegoraro (vibrafone) e Nilson Carlos (baixo). Era um time de músicos "escolhidos a dedo", que Hermeto, na ocasião, definiu como "o melhor grupo que existe no Brasil". Apesar da ausência de grandes vôos individuais, a figura de Lanny Gordin destaca-se em faixas como "As Borboletas" (uma harmônica wah-wah) e "Momento B/8" (clássica fuzz-guitar tropicalista).

Inédito em CD e um dos mais cotados no mercado de vinil da internet, chegando a valer 500 dólares, o LP é objeto do desejo de muita gente, inclusive do próprio Hermeto que, em recente entrevista, disse não ter o disco. Lançado originalmente com uma capa "promocional", o LP ganhou seu formato gráfico definitivo trazendo uma foto do grupo e uma moderna logotipia em cores. E, claro, como toda obra rara, o disco esconde uma curiosidade: Hermeto Paschoal não está na foto da capa, pois, segundo conta a lenda, chegou atrasado à sessão, sendo substituído por um funcionário da produção.

Tropicalismo com rock clássico

Um modesto grupo nascido do mais tosco rhythm'n'blues estilo Rolling Stones, que flertava com o tropicalismo "mutante", mas que tinha mais ponta daquelas bandas psicodélicas californianas, gravou um dos grandes e esquecidos discos dos anos 60, mais precisamente em 1969. Autor do feito: o quinteto gaúcho oriundo do bairro operário do IAPI, na zona norte de Porto Alegre, que atende pelo nome de **Liverpool** – um dos tripés da origem do rock gaúcho, ao lado dos Brasas e dos Cleans.

Por Favor Sucesso se aproximou da genialidade dos Mutantes

Misturando influências do rock inglês e americano e da tropicália, Minis Lessa (guitarra), Fughetti Luz (vocal), Marcos Lessa (guitarra base), Edinho Espíndola (bateria) e Pekos (baixo) produziram uma obra que se aproximou da genialidade dos Mutantes. Abrindo com a faixa-título, *Por Favor Sucesso* reúne ótimas músicas, com instrumental acima da média e letras inteligentes e expressivas do cotidiano da juventude da época. Destacam-se as ultrapsicodélicas "Olhai Os Lírios Do Campo", "Impressões Digitais" e "Voando", todas com um impressionante trabalho de guitarra – com distorção no talo e harmonias rebuscadas. A quase bossa-rock "Planador", a tropicalista "Paz E Amor", o folk-rock "Tão Longe de Mim" e o boogie *stoniano* "Que Pena" mostram a diversidade das composições.

Com o fim do grupo, Lessa, Marcos, Edinho e Fughetti somaram-se a Renato Ladeira (ex-A Bolha) para formar o também lendário Bixo da Seda, que gravou um LP em 1976. Depois, os guitarristas e o baterista passaram a acompanhar artistas como As Frenéticas e Robertinho do Recife, e a desenvolver trabalhos individuais. Fughetti Luz retornou ao Sul, onde permanece na ativa – depois de compor, produzir e tocar com bandas como Bandaleira, Guerrilheiros Anti Nucleares e Barata Oriental.

Passados mais de 30 anos, a música de *Por Favor Sucesso* não soa datada, cobrando com suas elaboradas composições e refino instrumental o reconhecimento que faltou no seu devido tempo. Editado pelo selo Equipe, o álbum perdeu-se na burocracia das fusões e extinções da indústria fonográfica, em parte responsável pelo seu ineditismo em versão digital. Recentemente, a gravadora Warner chegou a estudar a idéia de lançar um "dois em um" com o álbum mais o único LP do Bixo da Seda.

Um anjo no pop nacional

Mesmo que insista em não saber disso, o Brasil teve a sua Carole King, com direito até mesmo à beleza da cantora e compositora americana. A moça atende pelo nome de **Luiza Maria** e gravou um raro e clássico disco em 1975, pela Philips, acompanhada por músicos como o ex-Traffic Jim Capaldi e os iniciantes Lulu Santos, Rick Ferreira e Antônio Adolfo. O repertório, moderno e com frescor pop, incluía uma canção inédita de Raul Seixas.

Moderno e pop, o repertório da cantora incluía uma inédita de Raul Seixas

Com uma carreira tão promissora quanto meteórica, Luiza Maria entrou na história do rock nacional com o álbum *Eu Queria Ser Um Anjo*. Em dez músicas, a maior parte de sua autoria, ela mostra seus refinados atributos de compositora, desfilando rocks, blues e climas *zeppelianos*, produzindo um resultado sem similar na época. Com sua voz um pouca rouca – mas quente e afinada – e transitando entre o rock de Rita Lee e a MPB de Gal Costa, disputa espaço entre as melhores cantoras de sua geração.

Atualíssimo em todos os aspectos, o disco abre com o folk-rock "Na Casca Do Ovo", sinalizando o tom alegre e comovente da obra. "Você precisa entender que o seu charme já era/E se você fecha a porta/Eu entro pela janela/Te mostro o verso que eu fiz/ Te ensino o rock de novo/ E com um beijo bem dado/Eu quebro a casca do ovo...", canta. "Maya", só dela, com arranjos de Capaldi, traz a guitarra de Lulu Santos, com o Vimana, em um dos momentos mais inspirados de sua carreira. O blues "Tão Quente" destaca, além da jazzística interpretação vocal, o piano "feito em casa" de Antônio Adolfo. E o envolvente funk-latino "Mito Giro" paga tributo a Santana.

"O Príncipe Valente" assinala a parceria Raul Seixas-Paulo Coelho no álbum. "Não Corra Atrás do Sol", com um saltitante piano de Mu (A Cor do Som) e fuzz-guitar de Rick, tem a clássica pegada roqueira dos anos 70. Mas é em "Universo E Fantasia", com um clima de "Stairway To Heaven", que o rock setentista deixa sua marca mais profunda.

Após 20 anos, *Eu Queria Ser Um Anjo* continua moderno, nada devendo aos melhores discos gravados em seu tempo e esperando que sua beleza desperte a sensibilidade de algum homem – ou mulher, quem sabe – de gravadora. Enquanto isso, na falta de uma edição oficial caprichada, rolam CDRs Brasil afora, suprindo a necessidade e a curiosidade dos ouvintes mais ligados.

Mergulho na loucura da época

Um disco basicamente de covers, que devido ao mistério em torno da banda levou muita gente aos sebos atrás de uma cópia. Aquela capa colorida, apenas com o nome do grupo em vermelho (sem o "Os"), no entanto, fez a alegria de poucos. Gravado por um selo pequeno (Mocambo/Rozenblit) em 1968, o álbum é uma das maiores raridades da discografia nacional.

A história recontada dos **Baobás** tem seu ponto alto na presença do atual produtor e ex-baixista dos Mutantes, Arnolpho Lima Filho, o Liminha, entre seus integrantes. Aliás, com uma passagem meteórica pela banda, pois participa do único álbum por tabela, ele gravou apenas o compacto com "Ligth My Fire" (Doors) e "Tonite" (de Guga, cantor da banda), esta última presente no disco.

A saga dos Baobás, que desembocou na gravação desse LP, começa com a beatlemania, quando se chamavam Rubber Souls e participavam de programas de televisão em São Paulo. Em 1966, estrearam com o compacto "Pintada De Preto" ("Painted It Black", dos Stones)/"Bye Bye My Darling" (deles), ao qual seguiram-se mais quatro disquinhos, entre eles "Happy Together" (Turtles) e "Down Down", um protopunk de autoria do ex O Seis (o pré-Mutantes) Rafael Vilardi, então membro da banda.

O hoje produtor Liminha participa da cover de "Light My Fire" (Doors)

O repertório do álbum é um mergulho na clássica e importada psicodelia da época, incluindo covers para Doors ("Hello, I Love You"), Love ("Orange Skies") e Kinks "Well, Respected Man"). Em suas 12 faixas, ainda rolam hits do momento ("The Dock Of The Bay", de Otis Redding), standards como "Hey Joe" e duas interessantes músicas próprias - "Tonite" e "Got To Say Goodbye" (do guitarrista Tuca). Com boa qualidade instrumental, o disco sofreu um problema de prensagem, responsável por um chiado no fundo, que não chega a atrapalhar a audição.

O nome Baobás – árvore gigante e frondosa da África –, retirado do livro *O Pequeno Príncipe*, foi sugestão de Ronnie Von. Além do padrinho, com quem gravou um compacto ("Menina Azul", em 1967), o grupo também acompanhou Caetano Veloso pós-"Alegria Alegria" em programas de televisão e em shows, substituindo os Beat Boys. Clássica banda de garagem, a maioria de seus integrantes virou os anos 70 nas universidades, de onde saíram médicos, dentistas e empresários.

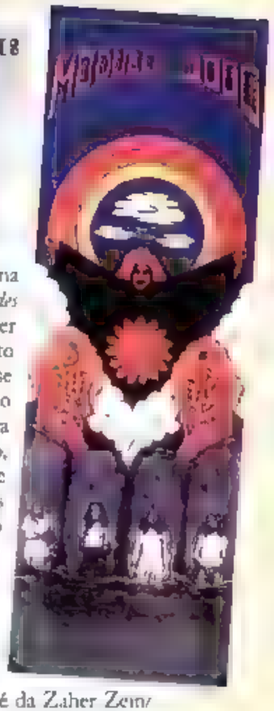
Disputado por gringos

A *Rolling Stone*, em sua edição nacional de número 4 (21 de janeiro de 1972) publicou um anúncio de página inteira com o disco. Estava escrito: "Nosso som e o som do mundo para ser sacado e curtido – **Módulo 1000**", com a foto do quarteto e a capa do disco trazendo apenas o nome da banda e da obra, *Não Fale Com Paredes*. Uma estreia que prometia, mas que encontrou barreiras até dos setores mais roqueiros da mídia, inclusive da versão brasileira da famosa revista americana.

Preocupação com a qualidade limitou cada lado do álbum a 16 minutos

A razão da reação adversa de alguns é, ao mesmo tempo, o grande trunfo do álbum: o som progressivo, altamente técnico, que, ao contrário das críticas, não deixava de manter o pé no rock e na psicodelia. Em suas nove músicas, *Não Fale Com Paredes* é um exercício de criatividade instrumental que, atualmente, pode se nivelar aos melhores discos do gênero produzidos no exterior. Um aviso no LP reflete a preocupação do grupo com a qualidade da produção: "O tempo de duração de cada face do disco foi limitado a 16 minutos para proporcionar uma excelente reprodução sonora". Objetivo alcançado, pois ainda hoje causa surpresa aos novos ouvintes o resultado do álbum, gravado por jovens que tinham idade média de 20 anos e com as conhecidas (e precárias) condições técnicas nacionais da época.

Não Fale Com Paredes também é assíduo freqüentador das *want lists* (procurados) de colecionadores internacionais de discos raros de psicodelia e de progressivo. Sua capa está no livro *2000 Record Collector Dream* e uma de suas músicas – "Lem-Ed Êcalg" (glace de mel invertido) – integra a coletânea *Love, Peace & Poetry – Latin American Psychedelic Music*, ao lado do conterrâneo Som Imaginário.



Mesmo assim, a sina de *Não Fale Com Paredes* parece ser permanecer no anonimato. Tanto que é candidato a se transformar em disco perdido também na era digital. Remasterizado, com capa original de papel e encarte com as letras, ganhou versão em CD, sem que ninguém tenha se dado conta. Originalmente gravado pela Top Tape, a reedição caprichada, limitada e provavelmente esgotada é da Zaher Zemy Projeto Luz Eterna.

Em todos os trabalhos, vários pontos em comum: o requinte instumental, a procura do novo e a ousadia e qualidade dos arranjos

Ainda em busca do sol

A primeira vez que o Brasil ouviu **Zé Ramalho** da Paraíba foi na voz de Vanusa, que gravou "Avohay" no disco *Vanusa – 30 Anos*, em 1977, pela Som Livre. Um ano depois, já sem o "Paraíba", Zé Ramalho invadiu o cenário nacional com sua enigmática e encantadora mistura sonora. Antes disso, no entanto, tão fantástica quanto suas letras, sua história registra uma gravação que ficou perdida nos escaninhos do tempo. Trata-se do raríssimo álbum duplo *Paêbirú*, que ele dividiu com **Lula Cortês**, lançado em 1975 pela gravadora Rozemblit, do Recife (PE). Com eles, estão Paulo Rafael, Robertinho do Recife, Geraldo Azevedo e Alceu Valença, entre outros.

Clássico do pós-tropicalismo, *Paêbirú* traz seus quatro lados dedicados aos elementos água, terra, fogo e ar. Nesse clima, rolam músicas como o medley "Trilha De Sumé/Culto A Terra/Baladó Das Muscarias", com 13 minutos de violas, flautas, guitarras, rabecas, pianos, sopros, chocalhos e vocais "arabes", ou a curta "Raga Dos Raios", com uma fuzz-guitar ensandecida. E, destaque do álbum, a obra prima "Nas Paredes da Pedra Encantada, Os Segredos Talhados Por Sumé" (regravada por Jorge Cabeleira), com seu baixo sacado de "Goin' Home", dos Stones, sustentando os mais pirados 7 minutos do que se pode chamar de psicodelia brasileira.

Diz a lenda que, depois de uma enchente, restaram apenas 300 cópias

O disco por si só é uma lenda, mas ficou mais interessante ainda pelas situações que envolveram a sua gravação. A gravadora Rozenblit ficava na beira do rio Capibaribe, e o disco foi levado por uma das enchentes que assolavam a região. Conta a lenda que sobraram apenas umas 300 cópias, hoje nas mãos de poucos e felizardos colecionadores, muitas das quais no exterior, onde foram parar a preço de ouro. Contando com a co-produção do grupo multimídia (quando essa palavra nem existia) Abrakadabra, o álbum trazia um rico encarte, que também sucumbiu ao aguaceiro.

Hoje "top 10" das paradas de CDRs do país e item valioso no mercado internacional de raridades psicodélicas, o trabalho segue misteriosamente inédito no mundo digital. *Paêbirú*, que quer dizer "o caminho do sol" para os incas, pode ser o primeiro de uma série de raridades a ganhar a luz do dia, para ocupar uma fatia de mercado que, se pequena comercialmente, é fundamental para a preservação da cultura musical brasileira.

Psicodelismo antes do AI-5

Os **Brazões** ganharam evidência ao participar de shows de Gal Costa, em 1969, quando a carreira ostentava o merecido título de musa tropicalista. Espécie de versão nacional de Janis Joplin, ela bancava um repertório de primeira e ainda cercava-se de grandes músicos e arranjos do maestro Rogério Duprat. Com Gal tocaram além do Lanny Trio, com Lanny Gordin – genial em *Gal Fa-Tal* (ao vivo) –, o Som Beat e os Brazões.

Acompanhando Gal Costa, a banda foi saudada por Nelson Motta

Na contracapa do primeiro disco do grupo, de 1970, o jornalista Nelson Motta escreve: "O show de Gal Costa foi o maior impacto musical do ano. Novo. Inventivo, violento, temo, internacional e nacional. Numa só palavra: contemporâneo". E segue: "Mas o que faria Gal se não tivesse um poderoso calço' para sua arte maior? Foi aí que descobri Os Brazões. E saí falando pra todo mundo ...", confessa Motta, antes de encerrar dizendo que, "acim dos Mutantes, havia uma pobreza muito grande no campo da música jovem instrumental, para quem não conhecia os Brazões".

O álbum é recheado de covers, a começar por "Pega A Voga Cabeludo", do segundo disco de Gilberto Gil. Ainda estão no LP músicas do genial Jorge Ben ("Carolina, Carol Bela" e "Que Maravilha") e algumas raridades até mesmo para a época: "Momento B/8", do grupo Brazilian Octopus e duas canções dos gaúchos do Liverpool, "Tão Longe De Mim" e "Planador".

Os arranjos são, na maioria dos casos, mais ousados que os originais e também executados com mais explosão e feeling roqueiro. Afinal, eles eram músicos de extrema competência, de qualidade técnica impecável, o que não roubava a emoção – pelo contrário, imprimia ainda mais vibração nas (re)interpretações. O guitarrista Miguel, sob a alcunha de Miguel de Deus, gravou o excelente disco *Black Soul Brothers*, raridade do funk-soul nacional lançada em 1977.

Apesar da festejada e promissora carreira, a banda não resistiu às profundas mudanças na cena musical brasileira após o AI-5, que baniu fisicamente os tropicalistas e fechou as portas para a sua música. Espécie de pós-tropicalistas, os Brazões pagaram o preço da entrada do "sambão-joia" (espécie de axé/pagode da época) no mercado e desapareceram, deixando mais um disco perdido no tempo para a descoberta das futuras gerações.

Donos do próprio nariz

Estimulada pela ascensão dos conterrâneos Travis, Belle And Sebastian e Mogwai, uma nova leva de bandas escocesas prepara-se para extrapolar os limites do Reino Unido, sem perder o controle sobre sua produção

por Carlos Marcelo

Quando soube que o terceiro disco dos Delgados, *The Great Eastern*, tinha sido indicado para disputar o Mercury Prize (o mais conceituado prêmio de música da Grã-Bretanha), o baixista Stewart Henderson não se conteve. "Vamos ganhar porque todos os nossos concorrentes são umas merdas", detonou, depois de algumas cervejas.

"Eu já estava de porre, afinal, nunca achei que a gente pudesse estar naquela lista. Foi bizarro", conta Henderson, de Glasgow, berço de nove entre dez bandas da nova geração do rock escocês. A renovação da cena local é garantida no palco de pequenos clubes como o The 13th Note e Nice N' Sleazy, sendo que este último carrega a fama de ter a mais variada jukebox da Grã-Bretanha.

Os iniciantes que tocam por lá não ficam sem rumo por muito tempo. Logo são cooptados por selos independentes, a maioria deles administrados por músicos. É o caso do guitarrista Robin Guthrie, do Cocteau Twins. Há três anos, ele e outro integrante do grupo, Simon Raymonde, comandam o Bella Union. A banda japonesa Yu-Rai e o novo projeto de Guthrie, Violet Indiana (em parceria com a vocalista do Mono, Siobhan de Maré), são dois dos 20 artistas que compõem o elenco da pequena gravadora.

TUDO EM CASA

Outro dublê de músico e executivo do mercado fonográfico é Francis McDonald, ex-baterista do BMX Bandits e substituto de Paul Quinn no Teenage Fanclub. Seu selo, Shoeshine Recordings, comporta várias bandas de Glasgow: do guitar pop Speedboat ao alternative country Radio Sweetheart. Além disso, o Shoeshine botou na praça registros ao vivo do mestre Alex Chilton (do Big Star) e uma penca de projetos paralelos de integrantes do Teenage. O mais interessante deles é o Astro Chimp, que junta Gerry Love e Raymond McGinley ao próprio McDonald e ao lendário Eugene Kelly, ex-líder do Eugenius, Captain America e Vaselines.

A outra metade do cultuado Vaselines – banda essencial na história do indie rock escocês dos anos 80 ao lado de Jesus & Mary Chain, Jasmine Minks e Primal Scream (os dois últimos ainda na ativa) e um dos cinco grupos prediletos de Kurt Cobain – é Frances McKee

Travis, 2,5 milhões de cópias vendidas de seu segundo disco, *The Man Who*

Delgados: saudados pelo DJ John Peel como uma das maiores esperanças do rock britânico

E na independência que os roqueiros da terra do uísque demonstram força e uma invejável auto-suficiência

ENTRE A GUITARRA E A IOGA

[illegible] Suckle, tem dupla função. Serve tanto como espaço de teste para as novas composições do grupo como também para concorridas aulas de Ioga. Ex-integrante dos Vaselines, uma das mais [illegible] bandas escocesas dos anos 80, Frances fizeu fama do rock'n'roll por quase uma década. Vendeu a guitarra e passou a trabalhar como professora de Ioga. Há quatro anos, porém, começou a processo de reaproximação com a música, finalizado recentemente com o lançamento de *Against Nurture*, primeiro CD do Suckle.

Bem menos ingênuo do que os Vaselines, o Suckle trabalha com delicadas harmonias vocais, repetição de acordes e letras sombrias. Para reforçar o clima de "love desespero" (perdão, Capital Inicial), teclados e até flautas. A voz de Frances está bem introspectiva, bem distante daquela que encantou Kurt Cobain a ponto de o Nirvana regravar três canções dos Vaselines: "Son Of A Gun", "Molly's Lips" e "Jesus Doesn't Want Me For A Sunbeam".

"Fiquei muito surpresa quando soube que havia uma banda americana fazendo cover de nossas músicas", confessa a moça. "Adoro as versões, principalmente porque não são nem um pouco fiéis às originais. São recriações, e é assim que devem ser as covers."

Ela não tem mais contato com a outra metade do núcleo original dos Vaselines, Eugene Kelly, mas foi um antigo membro da banda, o baixista James Sheenan, que a estimulou a voltar à música. Os dois criaram um grupo, The Painkillers, que não durou muito, mas foi decisivo para a criação do Suckle. Frances, então, montou uma pequena gravadora, Left Hand Recordings, e lançou "Cybilla", o primeiro single do Suckle, em 1998.

O trabalho chamou a atenção dos integrantes dos Delgados, que convidaram a banda para assinar com a gravadora Chemikal Underground e gravar o primeiro disco. Produzido pelo baterista dos Delgados, Paul Savage, *Against Nurture* tem [illegible] canções tocadas pela penúltima formação do grupo, que inclui Marie McKee, irmã [illegible] todas as canções, entre elas pequenas jóias como "Honey Suicide" e "Te Be King". "Ela vem sempre à minha casa. A gente toma chá ou cerveja e fica criando harmonias e arranjos para as músicas", conta Frances.

Mais desencanada com o rock ("antes eu tinha fobia de palco"), Frances está bem feliz com os próximos passos do Suckle, que incluem a gravação de um novo álbum no ano que vem e o lançamento em outubro do single "Salum", com quatro faixas e a participação do Cornershop. A única preocupação da cantora é achar uma nova [illegible], já que a ocupante da vaga, Eleanor Parker, deixou o grupo para estudar [illegible] na universidade de Oxford, também, clara, conciliar as aulas de Ioga, quatro vezes por semana, com os compromissos cada vez mais freqüentes do Suckle.

Ao lado do Creeping Bent, selo que já tem em catálogo 50 CDs de grupos como The Nectarine Nº 9 e Secret Goldfish, a Chemikal é a mais importante gravadora independente escocesa do momento. Trabalha com poucos artistas e poucos funcionários — seis, para ser exato: os quatro integrantes dos Delgados, mais um amigo e Andrew Savage, irmão caçula do baterista Paul. "A gravadora é uma extensão da banda", avalia Paul. "A melhor coisa que nós fizemos foi ficar na independência. Os grupos que começaram com a gente há sete anos e mudaram para grandes companhias foram dispensados e acabaram", ressalta.

Com gosto musical eclético ("a única banda que une os quatro é o Television"), os Delgados foram saudados pelo DJ John Peel como uma das maiores esperanças do rock britânico. Seu terceiro álbum, *The Great Eastern*, foi produzido por Dave Fridman (Mercury Rev) e consolidou o prestígio do grupo. Os planos para o futuro incluem mais investimentos na gravadora, como a contratação do power trio Ideogram ("são moleques de 21, 22 anos que adoram AC/DC, mas também tem um lado bem calmo", descreve o baixista Stewart) e o lançamento do segundo disco dos Magnos, considerados a resposta britânica aos Flaming Lips.

PAIXÃO POR CINEMA

Quem saiu da Chemikal Underground depois de desentendimento sério ("eles queriam mais dinheiro, praticamente foi por isso", conta Paul Savage) foi o Mogwai, banda basicamente instrumental e com repertório recheado de canções longas, lentas e tristonhas. Liderado pelo guitarrista Stuart Braithwaite, o grupo assume as influências do cinema não só no nome que escolheu (retirado de *Gremlins*), mas também no título de algumas faixas, como a que foi batizada de "Stanley Kubrick". "Gostaria de ter escrito a trilha de *O Iluminado*", confessa Stuart, elegendo *O Selvagem da Motocicleta* e *Beleza Americana* como seus filmes prediletos. O Mogwai está de gravadora nova, Southpaw Recordings, e vai aos Estados Unidos em outubro gravar com Dave Fridman o novo disco, com lançamento previsto para o início de 2001.

Três fatores ajudaram a desencadear a retomada do interesse pelo rock escocês. O sucesso desmesurado do Travis, que vendeu 2,5 milhões de cópias do segundo álbum, *The Man Who* (recentemente editado no Brasil), o crescente culto ao Belle and Sebastian (ainda mais depois que o single "Legal Man" entrou na parada britânica, feito inédito na carreira do grupo) e a ascensão americana do Idlewild, quarteto de Edimburgo capitaneado por Roddy Woomble, que seduziu os ianques com seu terceiro álbum, *100 Broken Windows*. Mas é na independência que os escoceses demonstram força e uma invejável auto-suficiência. "Pertenço ao elenco da melhor gravadora do mundo, a minha. Por que sair dela?", questiona Paul Savage, dos Delgados.

Suckle: delicadas harmonias vocais

Discofagia

Para quem se alimenta de música

Bryter Later
O essencial de **Nick Drake**

De Mozart a Bob Marley: **Marcelo Bonfá** mostra seu acervo sonoro

Anarquia urgente! A trilha do filme dos **Sex Pistols** e a cartilha para decifrar o **punk**

Selvagem

Max Cavalera expande os limites do metal com **Soulfly**

Travis • Olivia • Temptations • Gog • Motörhead • Grandaddy • Duran Duran • Nação Zumbi
Mundo Livre S/A • Morcheeba • Relespública • Pixies • Eminem • Mojave 3 • Alice Cooper
Steve Vai • Bebel Gilberto • Luke Vibert/BJ Cole • Jeff Buckley • Cogumelo Plutão • Tianastácia
Cabeçudoss • David Holmes • Horace Andy • Billy Bragg & Wilco • Coldplay

★★★★½

Soulfly
Primitivo
Roadrunner

Agora sim, Max Cavalera acertou em cheio. Nesse segundo disco do Soulfly, o guitarrista-vocalista faz o que realmente sabe: metal sujo, animal e nacessivel. Ao contrário do primeiro disco da banda, *Primitivo* deixa os experimentos sonoros em segundo plano, enfocando as guitarras distorcidas e os vocais agressivos. A maioria das canções pega os elementos do novo metal, como os ritmos balançantes e as guitarras em afinação baixíssima. No entanto, o peso e a brutalidade do álbum fazem bandas como Korn e Deftones soarem molengas. Os graves da equalização, por exemplo, são tão fortes que podem até danificar as caixas de som. Além de seus companheiros de banda – Mikey Doling (guitarra), Marcelo Rapp (baixo) e Joe Nunez (bateria) –, Max está com diversos convidados no disco, o que amplia sua expressão artística. Chino Moreno e Grady Avenell, respectivamente vocalistas dos grupos californianos Deftones e Will Haven, berram loucamente na porradíssima "Pain". Já Sean Lennon, o filho do homem, adiciona cantos melódicos nas guitarras à Black Sabbath de "Son Song". A cantora desconhecida Asha Rabouin quebra o vulcão musical de "Flyhigh" com um refrão suave e belíssimo. Mas nada supera a contribuição de Tom Araya, baixista-vocalista do Slayer, em "Terrorist" – disparada a melhor música do Soulfly. Ele e Max cantam alternadamente num ataque sonoro rápido e voraz. O fim da música é puro thrash metal, na linha do velho Slayer e Sepultura. Com essa canção, Max poderá fazer as pazes com os muitos fãs metálicos que perdeu no Brasil por causa dos exageros experimentais de seu disco anterior. *Primitivo* é um trabalho sublime, que prova quanto o heavy metal pode se renovar e se expandir.

Daniel Oliveira

★★★★½

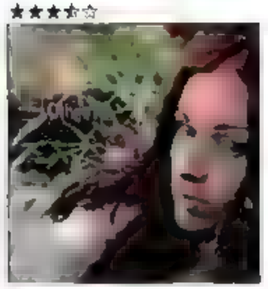
Travis
The Man Who
Independente/Sony

Punhaladas no peito de quem lavou um fora

Se ainda existe um jovem compositor que acredita no poder de belas melodias, refrãos pungentes e é capaz de não ser pregas ao cantar o amor, esse indivíduo é Fran Healy. Autor de todas as canções do segundo álbum do Travis, seu prêmio está sendo o reconhecimento que chegou aos Estados Unidos, cujo público de rock anda de mal com os grupos britânicos nos últimos anos. Tudo indica que o quarteto da Escócia vá ter mais sucesso por lá do que Oasis, Blur, Radiohead e Verve juntos, apesar de ter sonoridade parecida. Na simplicidade está o trunfo do Travis. Fran usa suas 11 letras para elocubrar sobre o amor, da maneira mais banal – e, ao mesmo tempo, singela – possível. Qualquer ser com coração já procurou "Turn" ou "The Last Laugh Of The Laughter" (com versos em francês) para cantar à pessoa amada. Cada trecho de *The Man Who* é uma pequena reflexão romântica, e o álbum pode se transformar numa punhalada no peito se você estiver saindo de um relacionamento. Deve rolar pouco no dial ("As rádios seguem tocando o de costume", diz "Writing To Reach You") e passar despercebido nas lojas. Mas não vamos reclamar, não, nem mesmo dos 14 meses de atraso com que o disco chega ao Brasil. Existem coisas mais importantes nessa vida.

José Flávio Júnior

★★★½☆



Olivia
Olivia
Matraca/Trama

Atmosfera trip-hop dá o tom na estréia da cantora

Nesse disco da paulistana Olivia, vilem mesmo a bela e romântica veia poética da moça, sua voz macia – capaz de transitar entre o português, o inglês e o francês – e um refinado direcionamento musical, que vai muito além do batido, do convencional e do caricaturesco zona sul. A pedra fundamental são os grooves e a atmosfera soturna do trip-hop, explicitos aqui e ali (principalmente em "Nada Sai do Lugar" e "Aquilo Que Precisa"). Mas também encontram-se ecos de soul ("Manhã de Vento", "Blecaute"), bossa nova ("D'Agua", "Você Dançou"), R&B ("Homem De Papel"), drum'n'bass (também em "D'Água") e sonoridades orientais ("Ayune" e "Manáim"). Nas primeiras audições, o disco não sora tão fácil, afinal Olivia ousa ao abrir mão de riffs ganchudos e refrãos-chiclete. Depois, as canções vão revelando sua beleza e se tornando cada vez mais envolventes. Essa estréia com o pé direito ainda não é o trabalho que levará Olivia a patamares superiores da fama. Entretanto, revela um nome de futuro e, sobretudo, uma artista que quer ser popular, mas descarta o caminho fácil da benção dos medalhões emepebões.

Abonuco R. Smith

Para quem gosta de:
Morcheeba, Alanis Morissette, Ivan Matta

★★★★½

Vários
The Filth And The Fury
Virgin

Mais uma desculpa para engolir os Sex Pistols

Mais de duas décadas depois do álbum *Never Mind The Bollocks* ter causado o maior frisson no fim dos anos 70, a trilha para o aclamado documentário *The Filth And The Fury*, do cineasta Julien Temple, surge como uma outra desculpa para engolirmos novamente os petardos da banda que nunca viu futuro na Inglaterra. Mesmo para quem já ouviu os Sex Pistols em doses letárgicas, clássicos como "God Save The Queen", "Bodies", "Pretty Vacant" e "Anarchy in The U.K." não envelhecem nunca. O CD (duplo) traz 18 sons interpretados pelos próprios, incluindo as covers para "No Fun" (Stooges), que consegue a proeza de suplantar a original, "Substitute" (Who), e "Road Runner", dos pré-punks Modern Lovers, em que Joãozinho Podre esquece boa parte da letra. Quer mais? Fazendo companhia para os Pistols, estão na trilha nomes glam dos anos 70, como Roxy Music e David Bowie, os mods do Who, com a calmunha "Pictures Of Lily", Alice Cooper em sua melhor fase e os glam-punks do New York Dolls. Para o alento das futuras gerações, os quatro moleques que se tornaram o pesadelo da classe média inglesa provaram que a música não era só um produto virtuoso, retomando seu lado mais sacana e depravado. Resumindo: essencial.

Marco Bezzi

Gabriel, do **Asteramas**, conta o que nas ondas de seu CD player

O ANDA

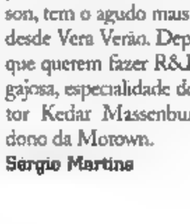
***Hamburger*, The Mutts** "A melhor banda do mundo. Esse álbum é uma compilação de coisas loucas, demos, lados B. Puro rock n'roll. Muita energia em baladinhas românticas."

***Aventuras Estereofônicas II*, Sala Especial** "Eles fazem música com prazer, sem preocupação com o mercado. Adoro aqueles teclados esquisitos, 'bregas'. E o show dos caras é muito bom."

***Jovem Guarda Vol.3*, Wanderléa** "Ouço muita Jovem Guarda, Roberto Carlos, Erasmo e adoro a Wanderléa. A Sony lançou vários álbuns dela remasterizados em CD. Comprei todos. O melhor é esse que tem 'Prova De Fogo' e 'Horóscopo'."

Jet Generation, Guitar Wolf "Comprei esse disco e virei fã da banda. Hoje, tenho os três álbuns que eles lançaram. É um rock japonês bem pesado."

★★½☆☆



Temptations
Ear-Resistible
Motown/Universal

Veteranos da soul music aderem ao R&Baba

No início dos anos 60, sob a batuta do estupendo Smokey Robinson, os Temptations se esmeraram em baladas de cortar o coração, como "My Girl" e "The Way You Do The Things You Do". Smokey foi substituído por Norman Whitfield e o quinteto criou o "soul psicodélico", em hits do quilate de "Papa Was A Rolling Stone" e "Cloud Nine". As últimas décadas mostraram que já não se fazem mais vocalistas e produtores como antigamente. Primeiro, porque quatro integrantes da formação clássica já se foram e seus substitutos são pavorosos – um deles, Ron Tyson, tem o agudo mais irritante desde Vera Verão. Depois, porque querem fazer R&Baba pegajosa, especialidade do produtor Kedar Massenburg, atual dono da Motown.

Sergio Martins

★★★★½

Gog
CPI Da Favela
Zâmbia

Rapper candango volta com a língua mais afiada

O candango Gog lança o sexto e melhor disco de sua carreira. Com a língua afiada, ele, Japão, Mano Max e Dino Black reencontram aqui seu parceiro ideal na produção, o DJ Raffa – também brasiliense, do grupo Baseado nas Ruas, e co-responsável pelo sucesso de gente como Consciência Humana e De Menos Crime. Raffa complementa os versos longos e nem sempre fáceis de Gog com um suingue que poucos DJs nacionais possuem – o sample de "Fio Maravilha" na abertura de "Brasil Com P" é de arrepiar e "É O Terror" já está tocando nas rádios do gênero. Mas a grande canção do disco é mesmo "Fi Presidente", um recado sem meios-tons para FHC, chamado nos trechos mais leves de "sociólogo nojento".

Spensy Pimentel

★★★★☆

Motörhead
We Are Motörhead
Roadrunner
Quanto mais velho, mais maluco Lemmy fica

Desde já, quero dizer que eles são meus candidatos ao prêmio do banco Real para maturidade. Nada mais justo. Os caras detonam. Como é bom ouvir Motorhead! Numa época em que qualquer som que tenha um pouco de distorção e letras com "fuck" e afins é chamado de pesado, Lemmy e seus asseclas (Philip Campbell na guitarra e Mikkey Dee na bateria) mostram que o buraco é mais embaixo. Tem de ser bom. E esses senhores o são. Outra coisa: está cientificamente comprovado que o Motörhead foi concebido para ser um trio. O esquema tático do professor Lemmy funciona melhor assim. *We Are Motorhead* comemora as bodas de prata da banda com estilo. Rock. Pesado. Maduro. Como há muito não se via nos trabalhos do grupo. Descontando a desnecessária regravação de "God Save The Queen" dos Pistols, é um baita disco. "See Me Burning" (começa com um solo destruidor de Mikkey Dee), "Wake The Dead", "Out Of Lunch", "Stagefright/Crash & Burn" teriam lugar em qualquer coletânea da banda. Para fechar com brilhantismo, como um verdadeiro certificado de qualidade e autenticidade, "We Are Motörhead", musica com pinta de classico. Para pensar: "Os velhos malucos são mais malucos que os jovens", citação de La Rochefoucauld (1613-1680), exemplar e mais do que ideal em se tratando da banda do monstro Lemmy.

Guilherme A. Hungria

★★★★☆

Grandaddy
The Sophtware Slump
V2-Roadrunner
Californianos fazem uma ode ao mundo moderno

Como Thom Yorke em 1997, os barbudinhos do Grandaddy foram abduzidos. Transportados por alienigenas para outra galaxia, eles contemplaram a verdade: o homem do fim de seculo esta sem rumo. De volta a Terra, produziram um dos melhores tratados sonoros para a virada do milenio. *The Sofrtware slump*, segundo album da banda, é uma ode ao mundo moderno e, principalmente, ao que esta para vir. O disco puxa o clima de *OK Computer* – se você ouvir a faixa "So You'll Aim Toward The Sky", vai pirar que é a nova do Radiohead. "He's Simple, He's Dumb, He's The Pilot" mistura pássaros com o tilintar de máquinas e, aos poucos, vai virando uma melodia triste. Em "Broken Household Appliance National Forest", Jason Lytle usa sua frágil voz para profetizar florestas entupidas de aparelhos eletronicos obsoletos e geladeiras transformadas em abrigo para sapos. Em "Jed The Humanoid", ele conta a história de um robô feito de utensílios de cozinha, que, esquecido por seus criadores, acaba morrendo. O resto – girando as mais agitadas "Crystal Lake" e "Hewlett's Daughter" – também perpetua a mesma ideia. A do homem dominado pela tecnologia, perdido e acordando do sonho de se transformar no conquistador de outros planetas.

Juliano Zappia

Para quem gosta de:

Neil Young, Flaming Lips, Johnny Cash, Beach Boys

A banda descobriu que, no ano 2000, brega é legal

Válido pelo conceito

★★★☆☆

Duran Duran
Pop Trash
Hollywood/Roadrunner

Tai um disco que vale mais pelo conceito do que pelas canções. *Pop Trash*, décimo álbum do Duran Duran, não é ousado musicalmente como seus antecessores, *Medazzaland* (1997) e *Thank You* (1995) – sim, o grupo tem uma produção nos anos 90 que, se não é tão inspirada quanto a dos 80, está longe de ser desinteressante e merecer desprezo. O novo Duran ganha na estética: no chinelo de tamancas de Simon LeBon e no telefone cor-de-rosa ao lado de um cachorro poodle de pelucia que estampam a contracapa do CD. "Lava Lamp" (aquele abajur superkitsch que possui um liquido colorido dentro) e "Pop Trash Movie" são musicas fundamentais para entender o que o grupo se propôs a fazer. Tudo decadente, ultrapassado, começando a cheirar a bolor – só que com integridade, com nariz em pé. A farra é farta em baladas estilo "Ordinary World" (é covardia comparar com coisas mais antigas). Mas "Playing With Uranium", "Hallucinating Elvis" e "Starting To Remember", coladinhas, é que fazem *Pop Trash* embalar divertidas como uma boa novelona mexicana. Para quem estiver achando dificil de entender essa história, posso assegurar que a ficha cai na última faixa do disco: uma versão em espanhol (bem cantado) para o grande hit do disco, "Someone Else Not Me". Mais brega, impossível.

José Flávio Júnior

Os dois grupos-ícone do mangue beat juntos no palco: unidos sob o mesmo sangue

Cassiano Magno

Estudo sobre o samba

★★★★☆

Nação Zumbi
Rádio S.Amb.A.
Vibrasil/Trama

★★★★☆

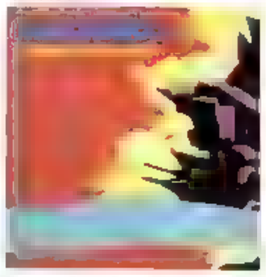
Mundo Livre S/A
Por Pouco
Abril

Se você ler com atenção, vai descobrir a palavra "samba" escondida nas entrelinhas do rótulo "mangue beat". Não, não existe nenhuma pegadinha por trás dessa frase. Sob guitarras distorcidas, scratches de DJ, discursos políticos e letras subversivas reside o bater secular do tambor, o vai-e-volta que une uma nação sob o mesmo sangue. Juntas, as duas bandas optaram pela alternativa de se enraizar no samba de vez, assumir a influência do gênero brasileiro no próprio som, cada uma à sua maneira.

Enquanto a Nação envereda pela experimentação e improviso – "rasguei-lhe o bojo e arranquei as tripas, só pra ver que som dava era de bamba!", canta em "Arrancando as Tripas (Do Samba)", que mistura guitarra pós-punk a dados Kraftwerk –, o Mundo Livre opta pela afirmação através da negação – "O samba não é do Gugu/O samba não é do Faustão". O grupo liderado por Fred 04 se sai melhor ao costurar a própria carreira (citando os três discos anteriores) na bandeirosa esquerda radical, equilibrando com doses concentradas de paixão em forma de cantada ("Meu Esquema" e "Ligação Direta") e saudações ao ritmo (a irresistível "Mexe-Mexe", de Jorge Ben). O disco da Nação conta apenas com um hit à Chico Science ("Quando A Maré Encher", dos conterrâneos do Eddie), mas revela o grupo ainda se descobrindo como força instrumental ("Low-Fi Dream", com dois integrantes do Tortoise, mostra todo o potencial psicodélico da banda). Enquanto um explora os limites da dissecação e exploração musical, o outro escancara o que não deve ser feito, apontando o jeito certo, simples e direto. Assim sobrevive o samba. Não adianta apressar, é como tudo na vida. Cada coisa em seu tempo.

Alexandre Matias

★★★☆☆

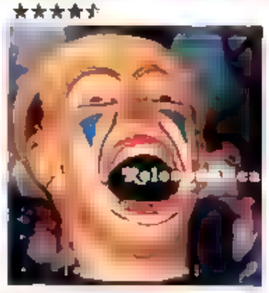


Morcheeba
Fragments Of Freedom
Warner
Trio deixa o trip-hop e cai de boca nos sons negros

O Morcheeba sempre foi um Portishead mais alegrinho. Em seu terceiro disco, o trio inglês deixou a pose de lado e assumiu esse lado mais relax de encarar a música. Ou sacou que, com o trip-hop que vinha fazendo, não ia chegar a lugar nenhum. Tanto faz. Acreditando que pista de dança seja o melhor antídoto para a tristeza, o grupo recorre aos truques mais baixos para seduzir o ouvinte. A última pretensão aqui é parecer original. Todas as canções lembram algo que você já ouviu não sabe onde. Justamente as partes legais. E isso mesmo que você esta pensando: os caras são uns picaretas. Mas, porque também são chiques e têm bom gosto, os irmãos Paul e Ross Godfrey e a cantora Skye conseguem alugar com "Rome Wasn't Built In A Day" (o refrão mais assobiavel do Morcheeba) e outros ritmos de festa. Tem teclados, timbres e efeitos da velha guarda do rap – "Love Sweet Love" abre citando "The Message", de Grandmaster Flash, e Biz Markie divide os vocais de "In The Hands Of The Gods" –, rem disco music ("Shallow End"), tem até os indefectiveis naipe de metais que transformam tudo que tocam em acid jazz ("Love Is Rare"). Próximo passo: imitar Lenny Kravitz. Vai ser legal.

Emerson Gasperin

★★★★½



Relespública
O Circo Está Armado
Universal
Ritmos de ontem com o tom juvenil que o rock pede

Está na hora de o público brasileiro conhecer o gogó poderoso de Kako Louis (que alia técnica e emoção em floreios e agudos arrepiantes), o *guitar hero* Fabio Elias (discípulo que pode ameaçar o trono soberano de Edgard Scandurra) e uma formação de músicos não menos brilhantes. Com 11 anos de estrada, o Relespublica estréia por uma grande gravadora – seu primeiro disco foi independente – e tem tudo para fazer bonito, impressionando pela grandiloquencia em doses certas. A banda curitibana traça belos e dramáticos arranjos – nos quais não faltam violinos, cellos, metais e guitas – e da uma aula de veia roqueira, revistando com maestria ingredientes de ontem (psicodelismo, soul, funk, swing e, sobretudo, mod) sem deixar de olhar para o futuro. As letras se equilibram entre o romantismo exacerbado ("Magic Feelin'", "Carta A Amada", "Tão Linda"), o emocional ("Adeus", "Ele Realmente Era Um Mod") e o tom juvenil que o rock pede, sem cair na indigencia criativa. Esse é um disco de respeito, com conteúdo, conceito e uma penca de hits em potencial.

Abonuco R. Smith

Para quem gosta de:

The Who, Paul Weller & The Jam

Padroeiros do Nirvana

★★★★★

Pixies
At The BBC
Roadrunner

Frank Black (*à esq.*), ídolo de Kurt Cobain e Dave Grohl

O Pixies sempre teve fama de não ser uma boa banda de palco. Faz sentido: em disco, o som dos caras era tão elaborado, tão cheio de nuances e pequenos detalhes, que ficava difícil reproduzi-lo nos shows. *Pixies At The BBC*, compilado das aparições do grupo no programa de John Peel, chega para acabar com essa impressão. Ao vivo, o que as músicas perdem em sutileza ganham em força e urgência. Para o público brasileiro, que só agora tem acesso à obra do Pixies (embora com dez anos de atraso), o disco é um presentão. Além de sons famosos como "Wave Of Mutilation", "Monkey Gone To Heaven" e "Is She Weird", o álbum traz faixas raras, incluindo uma versão esporrenta de "Wild Honey Pie", dos Beatles, e "Manta Ray", uma das melhores músicas da banda que saiu como lado B do single de "Monkey...". Para quem passou os últimos 15 anos escutando as FMs brasileiras a, portanto, não conhece o grupo, o disco é obrigatório. Aliás, todos os seus CDs. Ouvindo-os agora, quase dez anos depois que o quartelo se separou (continuaram lançando discaços: os LPs do Breeders, Amps e do líder Frank Black), fica claro que o Pixies merece estar no topo de qualquer lista de "os melhores". Dave Grohl acha os caras a maior banda de todos os tempos. E Kurt Cobain, quando perguntado como compôs "Smells Like Teen Spirit" disse: "Só estávamos tentando imitar o Pixies". E pode esperar, porque em outubro sai um novo disco de Frank Black, que reatou a parceria com o ex-guitarrista do Pixies, Joey Santiago. Outro clássico a caminho..

André Barcinski

★★★½☆

Alice Cooper
Brutal Planet
Roadrunner

Aos 51 anos, tiita decida virar grunge e se dá mal

Tadinha da tiita Alice. Aos 51 anos, Mr. Vincent Furnier – que mereceria as mesmas homenagens prestadas a Ozzy Osbourne, outra fera da mesma geração – decidiu se tornar grunge? É o que parece em *Brutal Planet*, nova empreitada do padroeiro do gore rock. Ele, que deveria servir de exemplo para as novas bandas, acaba passando por aprendiz. O disco não chega a ser tão ruim quanto os da sua fase "new wave", como *Flush The Fashion* (1980) e *Zipper Catch Skin* (1982), mas também é bem medíocre. É de se estranhar, pois a produção é de Bob Ezrin, nome por trás de obras-primas como *Berlin*, de Lou Reed, e da fase áurea de Cooper nos álbuns *Killer*, *School's Out* e *Billion Dollar Babies*, gravados entre 1971 e 1973. Porem, o faz-tudo do CD e Bob Marlette, o principal instrumentista, arranjador e engenheiro de som, além de co-autor de todas as músicas. Com um trio de guitarristas (Chuna/ Phil X/Ryan Roxie) e o baterista Eric Singer, a banda oferece peso necessário para Cooper despejar seus impropérios, mas com pouca criatividade. Flertes com o thrash metal ("Wicked Young Man", "It's The Little Things") misturam-se a temas depressivos ("Pessi-Mystic", "Cold Machines") e tentativas de denúncia social (a faixa-título, "Eat Some More"). É só.

Celso Pucci

★★★½☆

Steve Vai
The Ultra Zone
Sony

Guitarras de tudo quanto é jeito provocam tontura

O virtuoso guitarrista Steve Vai costuma se destacar de seus congêneres (Joe Satriani, Marty Friedman, Paul Gilbert, Gary Moore) por saber gravar discos de guitarra digeríveis pelo público de rock em geral, e não apenas pelos admiradores da tradicional prova dos cem-metros-rasos-com-os-dedos-no-braço-do-instrumento. Aqui, ele mostra que continua esperto, mas atira em tantas direções que um desavisado jamais dirá que se trata de um disco de apenas um artista. Para animar as canções, samplers estão por todo lado. Faixas mais tradicionais de discos de guitarra, como "The Ultra Zone", "Oooo", "Jibboom" e "Frank", bela homenagem a Frank Zappa (que o próprio talvez achasse um pouco pop demais). Tem hora em que Steve canta, como na baladinha saroposa "I'll Be Around" e em "The Silent W.ithin" Tem música mais eletrônica, mais orgânica, tem até guitarras discretas. O resultado final é bom, mas um pouquinho mais de direcionamento talvez provocasse menos tontura no ouvinte. Gênio e assim mesmo.

Bernardo Araujo

★★★½☆

Eminem
The Marshall Mathers LP
Universal

Lourinho segue com sua metralhadora de maldades

Nem Vanilla Ice 2000, nem o *beastie boy* do gangsta: Eminem é o South Park do rap, uma metralhadora de maldades, blasfêmias e absurdos que leva às últimas consequências as possibilidades abertas pelo gênero. É o câncer do sistema, que ergue o dedo médio para tudo, certo de que vai encontrar outros moleques iguais a ele: "Milhões falam como eu/Se vestem como eu/ Xingam como eu/ Não estão nem aí como eu", diagnostica em *The Marshall Mathers LP*. Logo na faixa de abertura ("Kill You"), ele cospe para cima sabendo que não vai cair (só) em sua cabeça: "Oh, meu Deus, ele está estuprando a própria mãe, assediando uma puta, cheirando pó e nós lhe damos a capa da *Rolling Stone*?/ É isso aí, porra, agora é tarde/Sou platina tripla e tragedias aconteceram em dois Estados/Eu inventei a violência" "Você acha que ligo para o Grammy?/Metade dos críticos sente nojo, imagina votar em mim/"Mas Slim, se você ganhar não vai ser estranho?"/Por que? Porque vão mentir para me fazer ir?/Para sentar perto da Britney Spears?", dispara em "The Real Slim Shady", pouco antes de trucidar Christina Aguillera. Sob tudo, a produção ar-condicionado de limusine do Dr. Dre, fria, pesada e luxuosa. Por cima, ele e a maior dor de cabeça da indústria fonográfica depois do Napster. Da para piorar? Em. nem sabe que dá.

Alexandre Matias

★★★★★

Mojave 3
Excuses For Travellers
Roadrunner

Poesia simples e violão no melhor trabalho do trio

Quem poderia imaginar que um dia as guitarras distorcidas e paisagens sonoras do Slowdive, um dos nomes menos expressivos da cena *shoegazer* inglesa, seriam convertidas em canções folk pop quase perfeitas? Ninguem. Logo após terem sido dispensados pela gravadora Creation, Neil Halstead (vocal e guitarra), Rachel Gosawell (baixo e vocal) e Ian McCutcheon (bateria) tiveram de se reinventar. Trocaram de nome, deixaram o estilo Cocteau Twins e a pretensão para trás e, em 1995, lançaram *Ask Me Tomorrow*. Cinco anos depois, chega às lojas brasileiras (antes mesmo de ser lançado nos Estados Unidos) *Excuses For Travelers*, o melhor trabalho que o trio já produziu durante os 11 anos juntos. "My Life In Art", a terceira faixa, com sete minutos de pura melancolia e beleza, é prova disso. Neil usa uma poesia simples e sua bela voz para transportar o ouvinte a um cabaré, onde uma stripper sonha com Las Vegas e os bulevares europeus, numa das músicas mais bonitas do ano. Histórias de amor, paixão, planos para o futuro, desilusão e saudade povoam o disco. Tudo é iluminado pelo delicado dedilhado do violão e pelo backing vocal quase etereo de Rachel. Destaque para a alegria de "Anyday Will Be Fine", o trompete em "In Love With A View" e o violão à Nick Drake e a letra de "Prayer For The Paranoid"

Juliano Zappia

É duro ser roqueiro

por Fabio Bianchini

★★☆☆☆

Cogumelo Platão
Biblioteca de Sonhos
Matrix Music

Pop britânico dos anos 80 e começo dos 90 influenciado pelo pós-punk, tipo Smiths, Lloyd Cole e Jesus and Mary Chain

"Você é a escada na minha subida, você é o amor da minha vida"

"Pitboys", não por acaso a mais pesada do disco, é um libelo contra as gangues que saem procurando briga

O que era para ser legião com Smiths acaba soando como um misto de Marcelo Bonfá com Paulinho Pedra Azul

★★☆☆☆

Tiamastácia
Tá Na Boa
EMI

Fazem rock falando do camarão de Cabrobó, juntando forró, baião, reggae e outros ritmos e regravando Tom Zé

"Ontem um feiticeiro me falou que a vida deve ser paz e amor"

"Imperativo" aponta o dedo para o consumismo e a apatia dos telespectadores, que acham tudo ótimo

"Sabe aquele astral meio hippie de universitário que gosta de rock mas busca suas raízes e deixa aflorar as brasilidades?

★★☆☆☆

Cabeçudoss
Cabeçudoss
indie

Mistura punk rock e hardcore com funk, hip-hop e até arrisca meter um baião no bolo

"Vou subir a montanha pra do topo tentar avistar toda pureza que irradia o brilho do seu olhar"

"Lei do Cão" mostra insatisfação com a violência, a insegurança nas ruas, a política, a corrupção, a polícia e, quando menos se espera com o sistema

Skate rock com vocação adolescente a toda prova

O melhor do mês passado

IDÉIA

Control Quality **Jurassic 5** Um disco de rap como há muito não se (ou)via, com ritmo e esbanjando musicalidade

***Big Sounds Of The Drags*, Junkie XL** Cruzamento de eletrônica com peso nas guitarras, bom para o rock, bom para o tecno

***Shaki Shaki*, Femi Kuti** Ritmos africanos atualizados da safra do pai (do artista e do afrobeat). Fela Kuti, que poderão ser conferidos no Free Jazz

Álbuns que saíram na seção de discos como importados e foram lançados recentemente no Brasil.

– *Live At The Greek*, Jimmy Page & The Black Crowes (Roadrunner)
– *NYC Ghosts & Flowers*, Sonic Youth (Universal)
– *The Great Eastern*, Delgados (Roadrunner)
– *V.I.P.*, Jungle Brothers (Roadrunner)
– *The Psychotic Friends Nuttwerx*, Fishbone (Roadrunner)
– *Xtrmntr* – Primal Scream (Sony)
– *Last Chance To Dance Trance (perhaps) – Best Of (1991-1996)*, Medeski Martin & Wood (Trama)

★★★★☆

Bebel Gilberto
Tanto Tempo
Ziriguiboom/Universal
Salve pelas boas idéias e pelos amigos talentosos

Bebel Gilberto está longe de ser uma cantora. Não tem os atributos vocais de uma Marisa Monte ou de uma Gal Costa. A voz da moça, filha de João Gilberto e da cantora Miúcha, é pequena – chega até a dar umas desafinadas ao longo do disco. Mas Bebel Gilberto tem boas idéias, qualidade rara em 90% das intérpretes nacionais, e amigos talentosos. Isso faz a diferença em *Tanto Tempo*. É mais ousado do que aquela atrocidade cometida por Daniela Mercury – que a baiana jura ser a última palavra em modernidade. A lista de convidados de *Tanto Tempo* vai desde o produtor iugoslavo Suba (morto num estúpido acidente doméstico em novembro do ano passado) aos anglo-brasileiros do Smoke City e aos engenheiros dub Thievery Corporation. O resultado é um disco bonito, para ser curtido tanto pelos mais escolados quanto por aquele seu amigo publicitário. Há belezas do quilate de "August Day Song", em que Bebel divide os vocais com Nina Miranda, do Smoke City. Ou a bela cama instrumental preparada pelo DJ Amon Tobin para "Samba Da Benção", de Baden Powell e Vinícius de Moraes. O único senão fica por conta da insistência dela em cantar músicas que exigem um pouco mais de fôlego – caso de "Bananeira", de João Donato e Gilberto Gil. Mas aí já é querer demais.
Sérgio Martins

★★★☆☆

Luke Vibert/BJ Cole
Stop The Panic
Nikita Music
Texturas de guitarra acalmam som eletrônico

Claro que descobrir um sucesso é uma meta que nunca deve ser descartada. Como isso é muito complicado, resta aos selos brasileiros lançarem artistas desconhecidos até nos países bem educados. Não vai alterar muito o balanço, é verdade, embora sempre renda mídia e um certo astral de "bacaneza" para a companhia. É o caso desse *Stop The Panic*, que não vai vender mais do que 5 mil cópias – alias, se estourasse, nem haveria disco para todo mundo. Mas está aí, botando na rua mais um projeto de Luke Vibert, agora com o guitarrista BJ Cole. Apesar de famosos-quem, os dois têm currículo. O DJ remixou Howie B e Nine Inch Nails e grava discos com seu nome ou como Wagon Christ e Plug. Cole surgiu nos anos 60 e já tocou sua *steel guitar* com Marc Bolan, Elton John, Nazareth, John Cale, Björk e Beck. Unidos, ambos se afastam de bases quebra-tudo, distorções e solos furiosos. O tecno aqui é mais tranqüilo, enquanto as cordas mostram-se em texturas. Sons exóticos com programação sutil sugerem uma leveza que nem a onda Kraftwerk de "Cheng Phooey" ou a aceleração de "Watery Glass Planet" são capazes de perturbar. Ainda que seja música eletrônica.
Emerson Gasperin

Para quem gosta de: [illegible]

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO

Em CD duplo, **Otto** chega com remixes que tornam irreconhecíveis suas músicas. E lá vamos nós, de novo, sacudir com as pérolas de *Samba Pra Burro*, desta vez desvirtuadas por gente legal da eletrônica, como Mau Mau, Anvil FX, Nude, DJ Patife e DJ Marky, e também de outros extratos, como Max de Castro, Edgard Scandurra e André Abujamra ● **Por falar na arte de transformar músicas alheias, até Jon Spencer Blues Explosion caiu nessa, soando mais pop com as releituras de *Acme Plus*** ● O **DJ Jason Bralli**, todo faceiro, vem com disco-solo, *2000*, no qual trafega suas composições entre o tecno cabeça e o dançante ● **O Mamelo Sound System vive outro dilema em sua auto-intitulada estréia: conseguir conciliar a variedade de informação com um formato que renda grandes canções. De qualquer maneira, vale pela tentativa de apresentar novas saídas para um suingue brasileiro** ● Mas quem se dá mal mesmo é **Sonique**, que por causa do sucesso de "It Feels So Good" teve de encher lingüiça para completar um álbum inteiro, *Hear My Cry* ● **Enquanto a pirataria come solta e a crise já virou item obrigatório nas reuniões de diretoria, as gravadoras tratam de soltar coletâneas de todos os cheiros no mercado. A EMI, por exemplo, lançou a série *Bis*, com discos duplos de 380 artistas. Alguns, como o Trio Irakitan e Dolores Duran, pegam bem pela dificuldade de se achar títulos deles nas lojas. Outros são risíveis: dá para imaginar dois CDs com a obra de Paulinho Moska?** ● A Warner, por sua vez, atira em duas frentes. Uma é a coleção *Enciclopédia Musical Brasileira*, com mais 417 álbuns de figuras cruciais da MPB (**Elis Regina**, **Baden Powell**). Outra é a *E-Collection*, nome moderninho para a velha mania de juntar canções de um mesmo artista sem nenhum critério, embalar e mandar para as Americanas. O pretexto aqui é unir grandes sucessos com raridades de 235 nomes do pop rock nacional de **Lulu Santos**, **Ira!** e **[illegible]**, **Gil** e **Ed Motta**. O do **Ultraje A Rigor** traz, sob a alcunha de "Abobrinhas Musicais", o conteúdo de um compacto que saiu como brinde na BIZZ nas priscas eras, com uma entrevista da banda. Queremos nossos direitos autorais! ● **Para fechar, dois ETs: *Insineratehymn*, do pesadão Deicide – ué, o líder da banda não disse há uns dez anos que iria se suicidar quando atingisse a idade de Cristo? – e Caravana Cubana, na qual um time de bambas da ilha de Fidel encanta com guajiras, rumbas e descargas. É como diz a canção do Planet Hemp: "Começo rápido, rápido, acabo leeeento".** EG

★★★★½

DAVID HOLMES
Bow Down To The Exit Sign
Go! Beat
Eletrônica à base de muito rock, soul e jazz

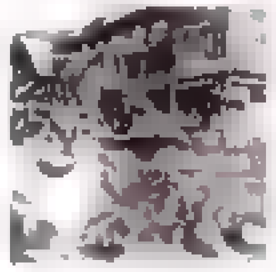
O DJ irlandês David Holmes cresceu ouvindo punk e soul e, só mais tarde, quando a house music assolou todo o Reino Unido, acabou arrastado para esse fértil terreno. Em seu novo trabalho, ele optou por deixar as picapes um pouco de lado e usar mais a conhecida fórmula guitarra, baixo e bateria. E tome convidados: o dândi Bobby Gillespie (Primal Scream) retribui a participação do DJ em seu disco com duas canções: "Sick City" (que parece um remix do Prodigy para os Stooges) e "Slip Your Skin" (com aquele clima característico das bandas de Manchester). O garageiro Jon Spencer chega rasgando em "Bad Thing", uma sacanagem de primeira; enquanto a vocalista Martina Bird colabora com mais duas viagens à Portishead. Ponha no liquidificador garage, rock, jazz, soul e uma boa dose de música eletrônica e você terá *Bow Down...*, um dos grandes álbuns do ano. **Marco Bezzi**

★★★★☆

HORACE ANDY
Living In Flood
Melankolic
Aula de "conselheiro" do reggae

Para quem acha que as tranças esvoaçantes de Toni Garrido são a melhor tradução para a palavra reggae, talvez este disco não seja a melhor indicação. Afinal, o moço da capa tem história: Horace Andy foi uma das crias do lendário Studio One (que revelou Dennis Brown e Burning Spear, entre outros) e, apesar de não usar dreadlocks nem apelar para o discurso rastafári, ele é sinônimo de bom ritmo jamaicano. Em *Living In Flood* segue com fidelidade a cartilha do reggae. Baixo e bateria estalam nos ouvidos e dão o estofo necessário para Andy soltar seus "woah" à vontade, como fez em diversas canções do Massive Attack. Em vez de ficar descendo a lenha na Babilônia, ele assume a postura de paizão, dando conselhos para a rapaziada. Como em "Johhny Too Bad" – nada a ver com a dos Slickers – em que ele manda os meliantes da ilha maneirarem com as armas de fogo. **Sérgio Martins**

★★★½☆



BILLY BRAGG & WILCO
Mermaid Avenue Vol. II
Warner
Continuação do tributo ao gênio country

Este segundo álbum em tributo a Woody Guthrie, ídolo de Bob Dylan e Bono, saiu das mesmas sessões de gravação do primeiro e repete quase todas as suas qualidades. O Wilco, um dos grupos de rock mais agradáveis em atividade, e o inglês Billy Bragg, último dos bardos socialistas, musicaram com cuidado e talento os versos do baú (escritos entre 1939 e 1955) de Guthrie. O risco de soar postiço passa longe de grandes canções folk como "Hot Rod Hotel", rocks enfezados ("All You Fascists") e deleites feito "Secret Of The Sea". O lado descontraído do ativista reaparece numa ode a um disco voador, no balanço de "I Was Born", cantada por Natalie Merchant, ex-10,000 Maniacs) e na deliciosa "It's Against The Law", entoada pelo bluesman Corey Harris. Se o CD afunda em melancolia nas últimas faixas, culpe-se o destino. Ah, utopias... **Pedro Só**

★★★★☆

COLDPLAY
Parachutes
EMI
Estréia da nova sensação do pop inglês

Vagando na praia melancólica das atuais bandas britânicas, o Coldplay, nova aposta da imprensa de lá, deve muito à introspecção do finado Jeff Buckley e, em suas melhores melodias, lembra os irmãos Gallagher, quando esses ainda tinham inspiração de sobra. O som que abre o álbum, "Don't Panic", traz um refrão que, se não mexer com você, preste atenção, seu coração não deve estar batendo mais. "Shiver", que trata do relacionamento de um rapaz amargurado, é uma baladona com ar apoteótico no melhor estilo Travis. "Yellow" abusa de uma melodia petrificante, falando de amor de uma forma bem simples e direta. Se, em sua estréia, o Coldplay não chega perto de ser um novo Radiohead, certamente vai cativar aqueles que querem embalar ou estão à procura de uma grande paixão. **MB**

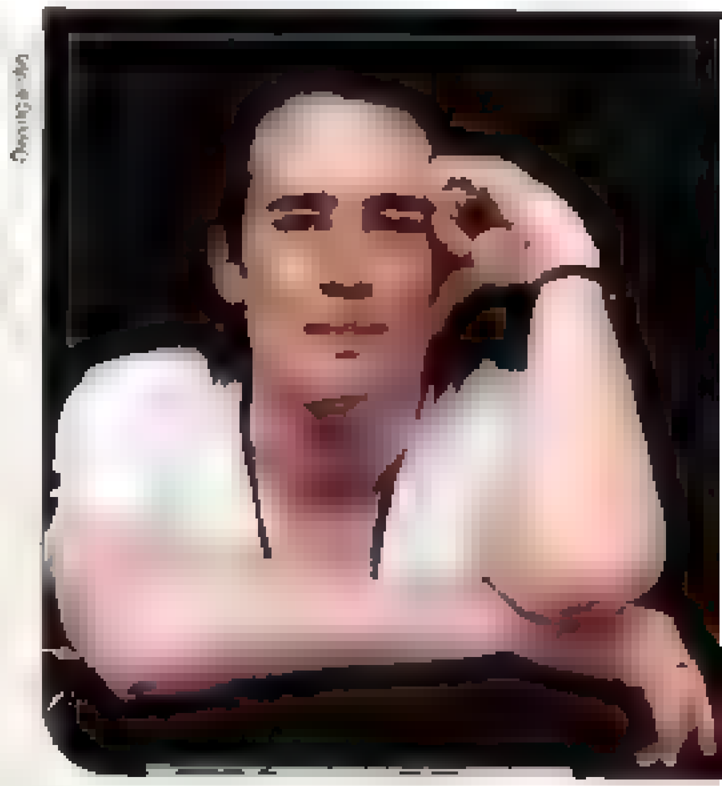
Para quem gosta de: Verve, Travis, Dave Matthews Band

Registro que provoca saudade

★★★★½

JEFF BUCKLEY
Mystery White Boy
Sony Music

Filho do cantor folk Tim Buckley, Jeff Buckley teve o mesmo destino trágico do pai – morreu cedo (afogado, em 1997, aos 30 anos), legando uma instigante obra. Seu baú não receberia resgate maior do que nesta brilhante compilação de suas últimas andanças por enfumaçados clubes europeus e americanos. Como declara no encarte, era esse seu hábitat preferido para regurgitar um rock enigmático, denso, rico em escritos e estruturas musicais. A partir da abertura soturna com "Dream Brother", o cantor e guitarrista deflagra guerra às fórmulas fáceis, evocando do experimentalismo blues/folk do Led Zeppelin à passionalidade de contemporâneos como Soundgarden. Reside aí seu maior predicado: a habilidade de conjugar extremos, de passear entre o etéreo e o heavy, sempre pingando emoção. Além de faixas mais conhecidas como "Mojo Pin" e "Grace", Buckley incluía em seus sets tietagens a grandes divas como Judy Garland ("The Man That Got Away") e Nina Simone ("Lilac Wine"). Aqui, vai além e, como fazia o pai, interpreta emocionada versão de "Hallelujah" (de Leonard Cohen) e inclui – grata surpresa – "I Know It's Over", pinçada do repertório dos Smiths. **Carlos Eduardo Oliveira**



Jeff Buckley: sempre emocionante

O beabá para você entender o **punk**

Prenda um alfinete no nariz, arrepie os cabelos e invada o barulhento universo dos três acordes

Imagine ligar o rádio em 1976, numa estação, Pink Floyd está fazendo mais uma de suas incursões megalomanas pela psique humana, decorada por solos quilométricos, noutra, Rick Wakeman e seus oito braços tocam teclados sinfônicos em homenagem ao rei Artur. Que época maldita! Rockstars ególatras metidos em orgias de auto-indulgência e cocaína, shows em estádios, superproduções caríssimas, e o rock, coitado, indo pelo esgoto. De repente, uns moleques resolveram mudar isso tudo e devolver ao estilo a capacidade de chocar. Surgiu o punk. Foi uma revolução que não se via desde que Elvis sacudiu as cadeiras e fez milhões de meninminhas molharem as calças, e que nasceu do simples fato de jovens estarem de saco cheio de ligar a TV e ver a peruca de Elton John. Esta é uma lista de dez clássicos do punk. Muitos vão sentir falta de Stiff Little Fingers, X-Ray Spex, Dead Boys, Vibrators, Black Flag, X, Wire, Magazine, Dictators, Gang Of Four, Minor Threat, Circle Jerks e por aí vai. Para esses, deixo um recado no puro espírito punk: façam vocês mesmos as suas listas!

André Barcinski

EDDIE AND THE HOT RODS

Teenage Depression (1976)

Tudo bem, eles não eram exatamente punks e faziam um rockão de pub com um pé no Who dos bons tempos – esse disco tem até um cover de "The Kids Are Alright" ao vivo. Mas *Teenage Depression*, com sua capa polêmica e letras como "Estou gastando todo o meu dinheiro/E ele está subindo pelo meu nariz", causou um furor na juventude inglesa e preparou o terreno para um monte de bandas que estavam por vir.

CLASH

London Calling (1979)

A estreia do Clash, em 1977, caiu como uma bomba atômica na Inglaterra. Já *London Calling* se espalhou como uma bomba de nêutrons: menos barulhento, porém mais eficaz. Pela primeira vez, uma banda punk abdicava dos três acordes e arriscava-se em outras direções: rockabilly ("Brand New Cadillac"), reggae ("Guns Of Brixton"), ska ("Wrong 'Em Boyo"), e muito mais, ilustrando letras de relevância social e política inéditas para um grupo do gênero.

THE DAMNED

Damned Damned Damned (1977)

O Damned tem uma história conturbada e marcada por brigas, separações e ressurreições. De pioneiros do punk inglês, viraram góticos nos anos 80 e fizeram até discoteca. Em *Damned Damned Damned*, a bateria tribal de Rat Scabies marca o ritmo por baixo das guitarras de Brian James (o gênio tímido que compunha tudo na banda) e do vozeirão Elvis fase Las Vegas do vampiro Dave Vanian. Coisa finíssima e brutal.

UNDERTONES

Undertones (1979)

Eles vieram de Derry (Irlanda do Norte) e fizeram mais feliz a adolescência de muita gente. Eram os românticos do punk, com suas odes a amores juvenis, a passeios pelo parque e à beleza do verão. Em 1978, gravaram "Teenage Kicks" ("Outra menina no meu bairro/Queria que ela fosse minha/Ela é tão linda"), clássico absoluto. O CD traz essa e mais sete músicas. É necessário amar uma banda que escreveu: "Nunca é tarde para apreciar diversão boba".

IGGY AND THE STOOGES

Raw Power (1973)

A pré-história do punk. De Detroit, cidade que já havia gerado o MC5, Iggy iniciou o cataclismo. Em *Raw Power*, ele ainda queria ser um crooner bluesero à Jim Morrison (ouça "Gimme Danger" e confira), mas, quando soltava a voz e James Williamson soltava os bichos na guitarra, surgiam coisas como "Search And Destroy". "Eu sou o garoto esquecido pelo mundo/ Aquele que procura e destrói...".

SEX PISTOLS

Never Mind The Bollocks, Here's The... (1977)

Os Pistols foram uma banda de um disco só. Mas que disco! Eles esculhambaram a rainha, as gravadoras, os políticos... Junto com as guitarras arrasadoras de Steve Jones estavam letras de uma mordacidade e ironia até então inéditas. E cada declaração de Johnny Rotten, cada cuspida de Sid Vicious, por mais espontâneas que parecessem, eram pensadas como quem planeja uma guerra. Eles viram, viram e conquistaram.

BUZZCOCKS

Singles Going Steady (1979)

Ninguém nunca escreveu punk-pop como os Buzzcocks. É fácil fazer música: é riff introdução-refrão-riff-fim. Ou, pelo menos, parece fácil quando você é Pete Shelley e escreve coisas como "What Do I Get" e "Orgasm Addict", tão lindas em sua simplicidade que parecem ter sido criadas sem esforço algum. *Singles Going Steady* é uma compilação dos compactos da banda, capaz de iluminar sua vida e fazer até o Eurico Miranda sair sorrindo por aí.

RAMONES

Ramones (1976)

Punk, ano zero. Nunca ninguém havia feito um álbum tão cru e despretensioso. Nenhum solo, nenhuma faixa com mais de 2m30s. Joey Ramone resumiu: "Reembalamos o rock, jogamos o lixo fora e ficamos só com o que interessava: diversão, suor, emoção e energia". Em "Judy Is A Punk", o maior momento do disco: "Segundo verso, igual ao primeiro". Isto, amigo, é punk. E mais: Paul Simonon, do Clash, aprendeu a tocar baixo com essa belezinha.

THE SAINTS

Eternally Yours (1978)

A Austrália tem uma antiga tradição de excelentes bandas de garagem (Scientists, Lime Spiders, Radio Birdman), e nenhuma era melhor do que o Saints. Eles emergiram dos pubs de Brisbane fazendo uma mistura bacana de punk com rock de garagem sujão dos anos 60, estilo Sonics. Quem viu os caras ao vivo disse que não havia nada igual. Os Saints faziam música para se ouvir tomando cerveja, muita cerveja. O álbum ganhou versão em CD só em 1997.

DEAD KENNEDYS

Fresh Fruit For Rotting Vegetables (1980)

Eles pegaram o legado punk de fúria e anarquia e fizeram uma versão "anos 80" para a coisa, cheia de humor negro e ironia. Musicalmente, expandiram o universo do punk, adicionando introduções sombrias e solos que eram o complemento sonoro das letras apocalípticas de Jello Biafra. O som da banda às vezes parecia trilha sonora de desenho animado, às vezes caía no hardcore mais esporrento do planeta. Mas era único.

Sensibilidade em todos os estilos

Dos eruditos aos anos 80, Marcelo Bonfá procura sempre comprar discos que tragam paixão

A coleção de discos de Marcelo Bonfá é como sua música – e também acaba refletindo a personalidade do dono: eclética, tímida, sem arroubos de grandeza. Em sua casa, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, o ex-baterista da Legião Urbana mantém cerca de 500 títulos, entre vinis e CDs, guardados de forma totalmente desencanada. Há álbuns na antessala de seu estúdio, outros encaixotados e mais alguns em outros cômodos. No armário do gabinete que abriga teclado e computadores, ficam pouco mais de 100 exemplares. "São os que estou ouvindo agora e os clássicos", explica.

Um cara de poucas palavras, Bonfá está longe de ser fanático por discos. "Só compro nas viagens para o exterior. Gosto disso: quando você escuta de novo, lembra do lugar", conta. Além de não se importar muito com o vaivém da música, ele faz questão de ignorar conhecimentos enciclopédicos. "Não guardo o nome de ninguém, quem é o baterista, nada. Isso pode ser uma falha, mas funciona no meu mundo." E, no mundo de Bonfá, parece que música ocupa um papel secundário. "Gosto muito do silêncio", confessa, enquanto ganha tempo para responder qual o primeiro disco que comprou.

Emerson Gasperin

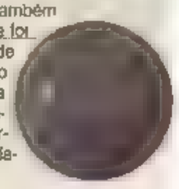
Ele é desencanado com esse papo de música

O Primeiro Disco

"Talvez um compacto dos Carpenters. 'Please Mr Postman' quando era pirralho. Mas o primeiro mesmo foi o *Kaya*, de **Bob Marley**, que comprei assim que me mudei para o Distrito Federal. O cara da loja disse que não tinha, porque rolava uma história de a Polícia Federal ter recolhido todos os exemplares, por causa do baseadão que aparece na contracapa. Como eu insisti, ele me chamou num canto e me vendeu o disco, parecia um negócio superproibido, uma droga. (risos). Hoje, tenho todos os Bobs em vinil e em CD. É som de praia, alimento para a cabeça."

O Som Que Mudou Sua Vida

"Ah, são vários... Logo depois de eu chegar em Brasília, veio o negócio do punk, principalmente com o André Muller (*da Plebe Rude*), recém-chegado da Inglaterra. Posso citar o *Another Music In A Different Kitchen*, dos **Buzzcocks**, que eu ouvia emprestado do Renato (*Russo*). A música que abre o disco, 'Fast Cars', foi didática para mim. Teve também o *Metal Box*, do **PiL**, que foi um marco, um divisor de águas, porque era muito diferente do que estava rolando. Esse, sim, mudou minha vida. Na verdade, foi toda a sonoridade dessa época."



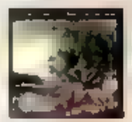
Estranho No Ninho

"Mozart no café da manhã, **Bach** no almoço... Gosto de todos esses clássicos. Comecei a ouvir esse tipo de som há uns dez anos. Você põe e deixa rolar, vai fazer outra coisa." (*A entrevista teve Mozart como fundo musical.*)

Prateleira Especial

***Play*, Moby** "Dos artistas 'da moda', é o que eu acho melhor. Já 'furei' de tanto tocar. É complicado dizer porque gostei tanto desse disco. Ritmo, sonoridade... enfim, a sensação que ele me traz."

***Andrógino Knights*, Prelab Sprout** "Gosto das canções que falam de amor. Os caras são bons pra caralho em termos de melodia e harmonia. É o som que eu queria fazer."

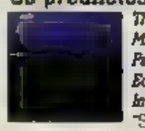


***Tango In The Night*, Fleetwood Mac** "Tem um som maravilhoso." (*N. do E. não disse que ele era um cara de poucas palavras?*)

***Let's Dance*, David Bowie** "Adoro todos os discos dele de 1980 para cá. Os antigos? Também gosto, mas prefiro seu lado mais pop. Comprei o *Hours* (*mais recente lançamento de carreira*) atrás de algo como o *Earthling* (*o álbum anterior*), mais eletrônico. Quando veio aquele baladão, travei na hora. Mas, uma semana depois, 'furei' o disco, escutava toda hora."

***Should God Forget*, Psychedelic Pars** – "O clima, a voz do cara, as baladas."

Os prediletos da hora



***The Night*, Morphine**
***Midnite Vultures*, Beck**
***Painful*, Yo La Tengo**
***Euphoria Morning*, Chris Cornell**
***Invisible Summer*, k.d. lang**

"Sou muito eclético, mas consigo ver uma ligação muito grande, um vínculo em tudo o que escuto, não importa o estilo: sensibilidade, paixão."

Nem tudo é escuro na obra do trovador inglês

Canto suave, lindas introduções ao violão e delicados arranjos acústicos com orquestrações infalíveis fazem de *Bryter Later* o trabalho mais iluminado de Nick Drake

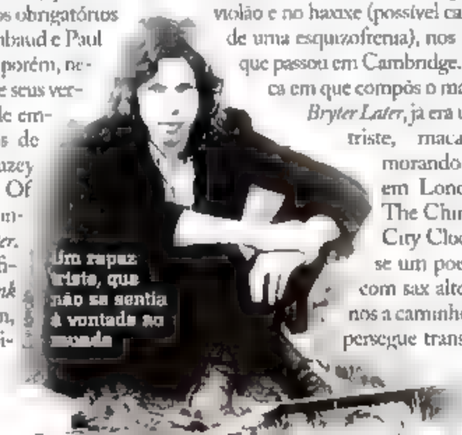
"Quem toma antidepressivos para morrer? Com tantos barbitúricos e opções mais eficazes por aí..." Assim o legendário jornalista inglês Nick Kent questionou o suicídio de Nick Drake, em 1974. Esquizofrênico genial? Um homem comum vivendo uma história incomum? O cantor interpreta outro renomado crítico, Ian McDonald (contemporâneo do artista na Universidade de Cambridge), um emblema do idealismo hippie sufocado pelo espírito da época? Muitas são as teorias sobre esse cantor e compositor inglês que sucumbiu a distúrbios psiquiátricos aos 26 anos. O fato é que as 31 canções que deixou registradas em três LPs lhe valeram uma grandiosa reputação póstuma. O dono da gravadora Island, Chris Blackwell (responsável pela projeção alcançada por U2 e Bob Marley, entre outros), alimenta o culto desde 1979, quando organizou o relançamento de sua obra em um álbum triplo, *Fruit Tree*. Em 1986 saiu um quarto disco, *Time Of No Reply*, raspando o baú de gravações inéditas (Renato Russo militou uma dessas canções, "Clothes Of Sand", no trabalho-solo *Stonewall Celebration Concert*).

Há quem o considere um letrista imaturo, amálgama mal disfarçado de influências que vão do haicai japonês a Bob Dylan, passando pelos obrigatórios franceses Arthur Rimbaud e Paul Verlaine. Impossível, porém, negar o tom sublime que seus versos atingem depois de embalados nos arranjos de "Northern Sky", "Hazey Jane I" ou "One Of These Things First", incluídas em *Bryter Later*. Há, ainda, quem prefira o pungente *Pink Moon*, terceiro álbum, gravado em duas noites, já submerso em profunda depressão. O primeiro, *Five Leaves Left*, lançado quando Drake era um estudante, também tem seus adeptos – sou uma, "Time Has Told Me" e "River Man" valem por um bom pedaço do clássico *Astral Weeks*, do bardo irlandês Van Morrison.

Bryter Later, se não tem as passagens de violão de *Pink Moon*, é o produto musicalmente mais bem acabado de Drake. Quando o disco saiu, em 1970, o produtor Joe Boyd (responsável por alguns dos melhores trabalhos do folk inglês) previu para o jovem trovador um longo futuro como astro. Não podia dar errado. Canto suave, quase falado, à "brasileira", lindas introduções ao violão, delicados arranjos acústicos com orquestrações infalíveis, Haendel a pinçar as aortas dos ouvintes pop. O resultado? Na época, menos 15 mil cópias vendidas. Ações promocionais que levaram a esse pífio desempenho: meia dúzia de shows erráticos e uma (uma!) entrevista em que o artista se confessava desconfortável com o que havia registrado.

Inexplicavelmente, Nick Drake parecia não se sentir à vontade com o mundo. Nascido na classe média alta, esportista durante a adolescência, ele passou *sausou* de intercâmbio na Provence francesa, se divertiu no Marrocos, levou vida de jovem feliz até... Bem, até mergulhar no violão e no haxixe (possível catalisador de uma esquizofrenia), nos anos em que passou em Cambridge. Na época em que compôs o material de *Bryter Later*, já era um rapaz triste, macambúzio, morando sozinho em Londres. "At The Chime Of A City Clock", quase um poema beat com sax alto e violinos a caminho do céu, persegue transcendências urbanas e denuncia as circunstâncias cinzentas nas quais o disco foi criado. A animada "Hazey Jane II", com leve sotaque country na guitarra e metalzinhos safados, é um acesso de bom humor, falta até em recomeçar.

Ano de lançamento: 1970
Produção: Joe Boyd
Músicas: "Introduction" • "Hazey Jane I" • "At The Chime Of A City Clock" • "One Of These Things First" • "Hazey Jane II" • "Bryter Later" • "Fly" • "Poor Boy" • "Northern Sky" • "Sunday"
Em 1999, *Bryter Later* ficou em 23º lugar numa eleição que computou os votos dos leitores da revista *O* para melhor disco britânico de todos os tempos. Os quatro álbuns de Nick Drake, mais a coletânea *Way To Blue*, estão em catálogo na Europa e nos Estados Unidos. Aliás, a canção "Pink Moon" do trabalho de mesmo nome virou hit este ano, depois de usada num comercial da Volkswagen.



Bryter Later jamais é depressão, nunca soa como o lado escuro de um poeta atormentado e incompreendido – nem na mais triste de suas faixas, "Fly", que tem John Cale tocando viola e cravo e na parte implorando: "Por favor, me dê uma segunda graça". Em "Poor Boy", há até auto-ironia, um coro feminino a debochar "Que pobre garoto/com tanta pena de si mesmo". Mas prenda a respiração ao ouvir o mundo de possibilidades desfiadas em "One Of These Things First" ("eu poderia ter sido um marinheiro, poderia ter sido um cozinheiro/... um amante realmente vivo, poderia ter sido um livro/ Mas como?") e tente não se arrepiar com "Northern Sky", uma das mais emocionantes canções de amor já escritas. "Você me amaria pelo meu dinheiro?/(...) Você me amaria até eu morrer?" De escuras coincidências e iluminações, assim se fazem os mitos.

Pedro Sá

Agora você tem onde comer e beber o mais puro rock em São Paulo. No Rock Bar Café você encontra gente bacana do mundo do rock, da publicidade, da web, da moda. Corte shows acústicos, visita o museu do rock, repleto de curiosidades, tira dúvidas e bate papo com Maia (O Homem Enciclopédia) e Fatela, da Brasil 2000 FM, além de matar a fome com um criativo cardápio de grelhados, saladas e sushi bar. Rock Bar Café. Quem se alimenta de rock e novidades não vai sair de lá.

Av. Nova Faria Lima, 4531 - Tel.: 0xx11 3044.4891.
www.rockbar.com.br

Discos independentes, demos e fanzines
envie para Caixa Postal 66157 CEP 05315-970, São Paulo, SP

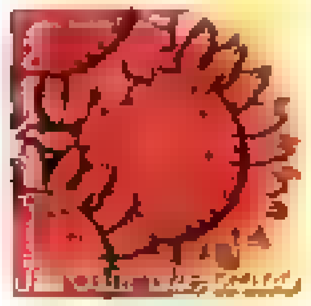
La "marvada" carne

Funk visceral inspirado no álbum

Há quatro anos na ativa, o **La Carne** se propõe a falar sobre a realidade das pessoas que vivem em metrópoles. "A gente abraça a cidade, vive ela intensamente", conta o baterista Fábio, sempre afirmando que o quarteto não tem intenção de passar alguma mensagem ou ser politicamente correto, mas sim de apenas relatar seu cotidiano. A prova disso está nas letras de músicas como "Jukebox", faixa do álbum homônimo, lançado no ano passado: "Os cara pegaro taco de bilhar/ e foro pra cima dos hômi ontianoite (ce já tava dormindo)/ e o tranquera que passava/ baixou as calça e ficou rachando o bico da situação". Cantam e escrevem exatamente do jeito que falam e sobre coisas que conversam – tranquera, por exemplo, quer dizer mendigo. A sonoridade é simples, furiosa e emotiva, resultado da combinação básica guitarra-baixo-bateria-voz. Uma certa levada funk e um toque latino não podem ser ignorados. Segundo o baterista, as influências são mais amplas, vão de Queen a Jon Spencer Blues Explosion. Já o espírito latino existe, sim, tanto que um dos filmes favoritos da turma do La Carne é *Perdita Durango* (*Dance With The Devil*, 1997), uma obra de humor negro trash do diretor espanhol Alex De La Iglesia, filmado no México e nos Estados Unidos, que traz cenas fortes de sexo, drogas e violência. Tudo bem realístico e carnal.
Contatos: tels. 3731-6043 ou 3766-4673;
site: www.lacarne.com.br

Um exame nas demos mais interessantes do mês

D



Jardim Elétrico
Som: Pop rock
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "A banda surgiu basicamente ao violão. É um trabalho romântico e denso, de canções para tocar no rádio. Cantar em português não é premeditado. As letras falam de experiências pessoais de amor e das eternas dúvidas da filosofia, com grande influência de poetas da música e da literatura, de John Lennon e Lou Reed a Manoel Bandeira e Fernando Pessoa."
Resumo crítico: O Jardim Elétrico é o novo projeto dos irmãos Marcelo, César e Marco Maluf, da banda de punk eletrônico Concreteness. Há pouco mais de um ano, resolveram encarar uma proposta diferente, mais calma, com melodias intensas e delicadas intervenções eletrônicas, longe do nervosismo da primeira banda deles. Misturam MPB, rock nacional e pop britânico.
Produção: Boa
Contato: (11) 3337-2461
e-mail: jardimeletrico@bol.com.br

Móveis Coloniais de Acaju
Som: Ska swing
Origem: Brasília, DF
Auto-retrato: "Nossas influências vêm basicamente do ska e do swing da década de 20 à década de 60, hardcore e até samba. Somos nove músicos e cada um traz algo diferente para o som do MCA, sem deixar que a banda perca sua identidade."
Resumo crítico: Com apenas três anos de vida, a banda já teve várias formações. Tudo começou quando alguns garotos de gosto musical semelhante se juntaram para tocar apenas para os amigos. Gravaram essa demo e participaram do festival brasiliense Porão do Rock, em julho, sem muita repercussão, pois foram os primeiros a tocar no evento. O MCA tem boas intenções (e um nome engraçadinho), mas não consegue refletir as boas influências em suas canções.
Produção: Muito boa
Contato: (61) 9988-4767 ou (61) 443-6636
e-mail: moveis@bruce-lee.com

Alcalica
Som: Pop rock
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "A banda para nós é realização pessoal, objetivo de vida. O maior prazer é quando alguém entende o que você quer passar e tira algum proveito disso. Nossas letras, ao mesmo tempo que criticam a sociedade, tentam fazer a vida mais fácil e divertida."
Resumo crítico: Com quase dez anos de carreira, essa é a terceira demo da banda, uma compilação dos dois primeiros trabalhos (de 1995 e 1997) e duas faixas novas. As influências vão da MPB de Marisa Monte ao hard rock meloso do Aerosmith, passando pelo punk dos Ramones. O resultado é um som com cara de rock nacional dos anos 80. Vale a pena ouvir "Menina", uma versão meio hardcore de um doce fado português de domínio público.
Produção: Regular
Contato: (11) 5622-4277/ (11) 5588-0868
e-mail: scovoli@uol.com.br

Carlos Lopes (de lilás), virou funk

Anjo sem limites

Após quase 20 anos à frente de uma das principais bandas pesadas do Brasil, o Dorsal Atlântica, Carlos Lopes resolveu encarar um novo desafio. Cansado dos limites impostos pelo rock pesado e do sucesso ilusório que acomete quem faz metal no país, o carioca assumiu o nome de **Hakamiah** (seu anjo da guarda) e formou a banda **Usina Le Blond**. O resultado foi o lançamento do álbum *Usina 415*, um apanhado de canções que havia composto durante os últimos anos e não cabiam no Dorsal, tudo com muito balanço, funk e soul. "Amo a guitarra e minhas músicas tem sempre base no rock, mas preciso de liberdade para compor", adverte Carlos, antes que os cabeludos fervorosos o acusem de traidor do movimento. "Rock é liberdade. Muito mais rock, então, é qualquer manifestação cultural regional que aconteça nesse país, livre de rótulos, uma
Contatos: (21) 3613-8059;
site: www.usina-le-blond.hpg.com.br

Uma banda para relembrar os bons tempos do grunge

Lama verde

Para os viúvos do Mudhoney, há uma esperança, e ela vem do frio (de Porto Alegre, não de Seattle), canta em português, tem sete anos de carreira e já lançou cinco trabalhos em cassete e dois em CD. O nome é **Walverdes**, um quarteto gaúcho com muito peso e – apesar da grande influência do grunge pauleira da banda de Mark Arm – muita personalidade. Em 1993, o guitarrista Gustavo "Mini" Bittencourt (que já tocou na Tom Bloch) e o baterista Marcos Rübenich moravam perto um do outro e começaram a ensaiar. No ano seguinte, veio a primeira demo e um público no sul do país foi se formando. Hoje, segundo Marcos, a banda tem mais fãs em outros estados do Brasil do que no próprio Rio Grande do Sul. "Nossas fitas tocavam mais do que nossos CDs tocam agora em Porto Alegre, e a imprensa local não nos dá muita bola", comenta ele, sem nenhuma idéia do motivo. "Em compensação, seja no interior de Santa Catarina, seja em Goiânia, nossos shows estão sempre lotados". Em 1999, o quarteto foi a banda de apoio de Wander Wildner em suas apresentações pelo Brasil e participou das gravações de *Buenos Dias!*, último trabalho do ex-Replicantes. Em março, saiu pela Monstro Discos (*leia mais sobre o selo no Udigrudi, o seu cantinho indie*), o segundo CD do grupo, intitulado *90º*. Já participaram de várias coletâneas, entre elas, uma de Portugal, só com bandas punk (*Xuto Na Orelha*, 1995). O próximo passo é coletar imagens antigas e cenas de shows para editar um clipe, pois, além de ser a opção mais barata, a banda não está a fim de inventar historinhas ou ficar interpretando na frente das câmeras.
Contatos: (51) 9144-7518;
e-mail: walverdes@yahoo.com

Zines, selos, festivais e o escambau

UDI

Para quem ainda curte uma vitrolinha, o catálogo da **Monstro Discos** é um prato cheio. O selo independente de Goiânia nasceu há dois anos com uma proposta diferente: especializar-se em lançar trabalhos e raridades do underground brasileiro em compactos de sete polegadas. O mais legal é o tratamento que é dado às "bolachinhas". Há uma preocupação muito grande com a parte gráfica e quase todos os discos são coloridos. Entre os lançamentos, tem disco branco dos paulistanos do Dog School, uma coletânea lilás de ska-punk, além de um EP dos Autoramas, com uma faixa exclusiva chamada "Motocross", e o último álbum dos Ratos de Porão, *Guerra Civil Canibal*, de vinil amarelo, que vem com pôster e foto inédita da banda. Há também ótimos títulos em cassetes e CDs. Confira: www.monstrodiscos.com.br, ou pelo telefone (62) 9998-6780. ● **Cultura rock, mau comportamento e muito papo cretino na rede? Tem, sim, senhor! www.sspgo.com.br é o endereço virtual (o fanzine tem versão papel também). A gente indica e você decide se deve arriscar ou não.** ● Dias 30/9 e 01/10 acontecerá na Funarte, em São Paulo, a 1ª **Mostra de Cultura Independente** que pretende divulgar, promover e, principalmente, incentivar qualquer tipo de manifestação artística que se auto-sustente neste país. Durante os dois dias, das 10 às 22 horas, o público poderá ver exposições de fotografias, exibições de vídeos, fanzines, revistas e muita música, com shows de Astromato, Fish Lips, Grenade, Thee Butchers' Orquestra, Sala Especial, Wander Wildner e discotecagem de Steve Gamboa (baterista da banda americana Make Up). Além disso, haverá debates sobre o tema, workshops e sorteios. A Funarte fica na Alameda Nothmann, 1.058, tel. (11) 3662-5177. Maiores informações pelo e-mail magazine@uol.com.br ● **Por falar em Grenade, a banda de Rodrigo César tocou na Torre do Dr. Zero, em São Paulo, no dia 29 de julho. O público que superlotava a casa pôde matar a saudade do grupo paranaense que há mais de três meses não se apresentava na capital paulista e cantou junto a cover da linda "Motor Away", do Guided By Voices. O selo Ordinary Recordings está lançando uma edição limitada (apenas 500 cópias) e especial do álbum *Grenade Is An Out Of The Body Experience*, que vem com o EP *Heartless* de bônus. (www.grenade.com.br)** ● As gravações do novo álbum dos **Maybees** já terminaram e o lançamento está previsto para o mês que vem pela Polythene Pam Recs. O segundo trabalho da banda paulistana ainda não tem nome, mas conta com as participações especiais da vocalista do Pato Fu, Fernanda Takai, e do guitarrista do Ira!, Edgar Scandurra. (www.maybees.com)

Roubamos a mulher dos outros.

Luana Piovani e Fernanda Lima. As novas VJ's da MTV.

www.mtv.com.br

De volta aos anos 80

Gostaria de saber se vocês conhecem algum lugar onde posso encontrar raridades do rock nacional, como Hanoi Hanoi, Metrô, João Penca E Os Miquinhos Amestrados, Dr. Silvana. Gostaria de saber, também, se existe alguma coletânea da banda Survivor.

Renato da Silva – Guararapes, SP

Os albuns desses artistas estam fora de catalogo e é bem difícil encontrá-los. O jeito é vasculhar algum sebo ou ir atrás de coletâneas como os três volumes *Back To New Wave*, da Sony, que traz pérolas dos anos 80, como "Garota Dourada", do Rádio Taxi, "Esse Seu Jeito Sexy De Ser", do Sempre Livre, e "Ti, Ti, Ti", do Metrô. Quanto ao Survivor, a banda que fez as músicas-tema dos filmes *Rocky III* e *Rocky IV* – "Eye Of The Tiger" e "Burning Heart", respectivamente – possui algumas coletâneas: *Greatest Hits I* (1990); *Greatest Hits I I* (1993); *Survivor Collection – Vol. 1* (1993) e *Vol. 2* (1994), nenhuma delas em catálogo no Brasil.

Galeses procurados

Por favor, me deem alguma informação sobre a banda Catatonia.

Thaiane Lima – Belém, PA

O Catatonia nasceu em 1993, na cidade de Cardiff, sul do País de Gales (aquela porção de terra ao lado da Inglaterra, de onde também veio Manic Street Preachers, Stereophonics e Super Furry Animals). A banda é liderada pela vocalista Cerys Matthews, considerada a quarta pessoa mais estilosa do mundo do rock pelos leitores da *Melody Maker* em junho. Lançaram seu primeiro álbum, *Way Beyond Blue*, em 1996, atingindo algum reconhecimento em terras britânicas. Mas foi *International Velvet* (1998), o segundo trabalho, que conquistou os súditos da Rainha, chegando ao primeiro lugar das paradas por causa dos hits "Mulder & Scully", "I Am The Mob" e "Road Rage". O último lançamento foi *Equally Cursed And Blessed* (1999), que também alcançou o topo da parada no Reino Unido. Além disso, a voz de Cerys está presente em dois famosos duetos: o primeiro, "The Ballad Of Tom Jones" (1998), com a banda inglesa Space; o segundo, "Baby It's Cold Outside" (1999), com o próprio Tom Jones. Para saber mais sobre o Catatonia e rock galês, procure a SHOWBIZZ de julho do ano passado e dê uma olhadinha na reportagem especial sobre a cena de lá.

Discos invisíveis

Gostaria de saber o que aconteceu com os CDs solo de Edgard Scandurra, *Amigos Invisíveis* e *Benzina*.

Mário Conceição Silva – Vitória, ES

Ambos estão fora de catalogo. Embora não haja nenhuma previsão, a gravadora Rock It! – responsável pelo último disco, *Benzina* – acenou com a possibilidade de relançamento. Já a estreia-solo do guitarrista do Ira!, *Amigos Invisíveis*, deve fazer parte do projeto de Charles Gavin (Titãs) de colocar vários títulos nacionais de volta às lojas, remasterizadas em CD.

Irmãos coragem

Quero discografia e alguma informação sobre o grupo Flick, que por enquanto só ouvi em trilhas sonoras.

Oziren Campos – São Gabriel d'Oeste, MS

Flick é uma banda de pop-rock natural de Stockton, Missouri (EUA), liderada pelos irmãos Oran e Trevor Thornton. Os dois começaram a tocar quando eram crianças e encontraram na música um consolo para enfrentar a trágica morte do irmão mais velho, Brad, em um acidente de carro. Costumavam fazer apresentações ao redor de Springfield, Missouri, como um duo acústico. Quando decidiram formar uma banda, recrutaram o baixista Eve Hill e o baterista Paul Adam McGrath. Em 1996, o Flick fez seu primeiro show e, no seguinte, estreou em disco, com um EP que lhe assegurou um contrato com a gravadora Sony. Já abriram para artistas como Meredith Brooks, Duncan Sheik e Cardigans. Seu primeiro e único álbum, *The Perfect Kellulight*, saiu em 1998.

Ben Folds, líder do Ben Folds Five, cujo disco de estréia não saiu por aqui

Piano caro de se ouvir

O álbum *Ben Folds Five*, da banda de mesmo nome, foi lançado no Brasil? Sou muito fã deles, mas é meio difícil achar seus CDs nas importadoras, fora que está um absurdo importar.

Cintia Sayuri Ono – São Paulo, SP

O álbum que você quer, *Ben Folds Five* (1995), primeiro trabalho da banda, não foi lançado no Brasil, assim como o fundamental *Whatever & Ever Amen* (1997). O único com versão nacional é o terceiro trabalho do grupo, *The Unauthorized Biography Of Reinhold Messner*, de 1999, editado pela Sony. Recentemente, foram cancelados os shows que o trio liderado pelo pianista Ben Folds fana no Brasil. A presença da banda era dada como certa no Free Jazz Festival deste ano, mas vai acabar não rolando.

A pedido da leitora Caroline Sumita – Araçatuba, SP

FICHA

Importância
Nascida no movimento punk inglês do fim da década de 70, o Siouxsie And The Banshees, junto com nomes como Sex Pistols, The Clash – e os góticos pós-punk Bauhaus e Joy Division – influenciou uma legião de grupos que apareceu durante os anos seguintes. Siouxsie Sioux foi uma das primeiras mulheres a cantar e liderar uma banda mais pesada. Ao contrário da maioria dos artistas de seu tempo, os Banshees chegaram ao mainstream e tiveram uma carreira longa. Foram 20 anos de história, sempre sendo considerados precursores no som e no estilo góticos.

Biografia
A história da banda teve início quando quatro integrantes de um conjunto formado só por fãs dos Sex Pistols, chamada Bromley Contingent – entre eles, o próprio Sid Vicious – uniram-se em 1976 para tocar o que havia de mais transgressor no meio musical na época: o punk rock. O show de estréia aconteceu no mesmo ano, em um festival no 100 Club, em Londres, cidade natal dos integrantes, e consistiu na apresentação de apenas uma música, a versão com cerca de 20 minutos de "The Lord's Prayer". Logo em seguida, Sid, que até então tocava bateria, abandonou o grupo para se transformar no baixista dos Pistols e Marco Pirroni (guitarra) foi se juntar ao grupo new romantic Adam And The Ants. O single "Hong Kong Garden" foi lançado em 1978 e chegou ao Top 10 britânico. *The Scream*, o primeiro álbum, saiu um ano depois e, a partir daí, os dois remanescentes, Susan Dallion, a Siouxsie Sioux (vocal), e Steve Severin (baixo), contaram com a participação de vários músicos, entre eles o guitarrista Robert Smith (The Cure), que excursionou com o grupo em 1979 e participou dos álbuns *Nocturne* (1983) e *Hyaena* (1984); o guitarrista Steve Jones (Sex Pistols), que ajudou no terceiro álbum, *Kaleidoscope* (1980); outro guitarrista, John McGeoch (ex-Magazine), que entrou um pouco antes do início da primeira turnê americana, em 1980, e participou dos dois álbuns seguintes, *Juju* (1981) e *A Kiss In The Dreamhouse* (1982); e o baterista Budgie (ex-Slits e Big In Japan), que apareceu com Smith na turnê de *Jon Hands* e permaneceu até o fim dos Banshees. Em 1986, o estilo e a sensualidade de Siouxsie e dos Banshees – com um novo guitarrista, John Valentine Carruthers – atravessaram o oceano e *Tinderbox* emplacou no Top 100 americano na 88ª posição. Carruthers deixou a banda no ano seguinte, após o lançamento do décimo trabalho. *Through The Looking Glass*, um álbum só de covers que destacou uma versão de "Dear Prudence" (Beatles). *Peepshow* (1988), mais techno e dançante, já contou com dois novos integrantes, Jon Klein (ex-Specimen) e Martin McCarrick, e "Peek-A-Boo" foi a primeira música da banda a entrar na parada de singles americana. Em 1991, Siouxsie e Budgie se casaram (eles já tinham um projeto paralelo juntos, o Creatures, desde 1981) e o grupo foi convidado por Perry Farrell para se apresentar no primeiro Lollapalooza. *Superstition*, lançado com a turnê, foi o

álbum mais vendido dos Banshees. Só em 1995 veio o trabalho seguinte, o estiloso *The Rapture*, que contou com o ex-Velvet Underground John Cale na produção. Nesse meio tempo a banda lançou sua segunda coletânea, *Twice Upon A Time – The Singles* (a primeira, *Once Upon A Time*, é de 1981). Vieram ao Brasil duas vezes, em 1986 e 1995, para shows em São Paulo e no Rio de Janeiro. O grupo encerrou suas atividades em 1996.

Discografia
The Scream (1978), *Jon Hands* (1979), *Kaleidoscope* (1980); *Juju* (1981); *Once Upon A Time - The Singles* (coletânea 1981), *A Kiss In The Dreamhouse* (1982), *Nocturne* (ao vivo - 1983), *Hyaena* (1984), *Tinderbox* (1986); *Through The Looking Glass* (1987), *Peepshow* (1988), *The Peel Sessions* (1991), *Superstition* (1991), *Twice Upon A Time – The Singles* (coletânea; 1992), *The Rapture* (1995).

Promoção
Yo La Tengo,
Mas Você Também
Pode Ter.

Olhe que maravilha: estamos aqui com 20 coleções completas do Yo La Tengo, que a Trama acaba de lançar no Brasil, só esperando os felizardos que terão o prazer de receber o pacote na faixa.
Para concorrer, basta responder à pergunta:
Quando um disco é matador?
As 20 melhores respostas levam os sete CDs para casa.
Envie sua carta para: Promoção Yo La Tengo, Mas Você Também Pode Ter - R. São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo/SP, CEP 01333-000, ou responda por e-mail: showbizz@simbolo.com.br
O resultado será publicado na edição de novembro.

Bizz
TRAMA

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Ressaca dos 15 anos

Quando saiu a primeira edição da BIZZ, eu tinha apenas 1 ano de idade. Hoje, com 16, fico ansioso, esperando ela chegar todo mês. É sagrada. Quero parabenizar e, ao mesmo tempo, agradecer a essa que é a melhor revista do Brasil. Críticas bem feitas, ousadas às vezes, discussões, lançamentos de novos grupos, viagens no tempo para contar fatos dos nossos ídolos. É impossível melhorar. Mas, como vocês disseram que vai ficar melhor, estou mais ansioso ainda com essa nova edição. Espero que um dia eu apareça na revista com a minha banda. Valeu e muitos anos de vida.

Vinicius Veroneze Costa – Goiânia, GO

Não sou desses leitores que escrevem 300 cartas por mês à revista, mas não pude evitar, meu lado fã falou mais alto. Fiquei indignada com a matéria de aniversário. OK, até estava legalzinha: Titãs, Capital, Legião, U2. Porém faltou o Barão Vermelho!!!

Mariana Freitas dos Santos – Santos, SP

Vocês estão de parabéns pela edição de aniversário. Adorei a reportagem com o Radiohead – dizem que o U2 está adiando o lançamento de seu novo álbum com medo do *Kid A*. Mas do que gostei mesmo foi da matéria com João Gordo: ele segurando o álbum *Strung Up*, do Sweet, e falando do Cheap Trick. Uma vez ele disse, na MTV: "Quem não gosta de Cheap Trick, bom sujeito não é". É de arrepiar.

Ricardo Simone – Cubatão, SP

Corrente terapêutica

Triste, mas muito bonita a matéria sobre o Cure. Gostaria de dar os parabéns ao Abonico e à revista, que pôs um jornalista fã da banda para escrever. Obrigado por colocarem os endereços dos sites, assim podemos nos unir para trazê-los de novo ao Brasil!

Ana Paula Vieira Freire – São Paulo, SP

Parabéns pelo texto do Abonico sobre o fim do Cure. Foram algumas das melhores linhas escritas sobre a banda que eu já li (fora e dentro do Brasil).

Antonio Navarro – Porto Alegre, RS

Cuba *siempre*!

Sou grande fã da revista e dei um jeito de lê-la até aqui em Cuba. Gosto de rock, mas outros estilos também fazem a minha cabeça, como rap, samba, forró, reggae e música africana. Vi um show de Cesaria Évora aqui. Foi muito bom! Queria pedir aos leitores que escrevem criticando bandas para fazerem isso de forma mais inteligente, com argumentos melhores. Senão, fica parecendo coisa de rebelde sem causa de 15 anos.

Rafael Vieira – Havana, Cuba

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

Incrível que, na edição de aniversário de 15 anos de uma revista de música, a matéria especial seja sobre um cara que morreu há 29 anos. Nem nas suas maiores viagens, Jim Morrison imaginou que viraria uma espécie de Deus, venerado por pessoas como eu, que foram nascer anos depois (tenho 17 anos) e ainda estão descobrindo sua música e poesia. O triste é ver os ídolos atuais, tão vazios e materialistas. Será que eles serão lembrados daqui a 30 anos???

Flávio Roberto de Oliveira – Itajaí, SC

Certo, a edição de aniversário não foi aquela maravilha. Tenho 39 anos e nunca entendi tanta babação em cima do Doors, principalmente entre nós, brasileiros, que não falamos inglês (visto que a música é meio raquítica). De qualquer maneira, foi ótima a matéria da coleção de João Gordo (quem diria!), a feliz lembrança do disco de Erasmo na sempre arretada Discoteca Básica, além da entrevista com Arnaldo. Muito legal o resgate de nomes esquecidos da música popular. Aqui vai uma sugestão: apesar de Fagner ter se tornado um crápula, de Ednardo ter submergido, de Belchior repetir sempre o mesmo disco e de Alceu Valença estar afundado numa longa entressafra, os artistas nordestinos que surgiram no início dos anos 70 trouxeram um sopro positivo para a música da época. Por que não uma matéria com eles?

Eudes Baima – Fortaleza, CE

Divulgação

Doors: universo em desencanto

SÍMBOLO
Diretora-Presidente: Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Planejamento: Sandra Woo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação: Regina Bucco
Diretora de Publicidade: Dalu Freire Hutt
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Laís de Castro
Diretora de Arte da Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemmang
Diagramador: Roberta Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: **Texto:** Abonico R. Smith, Alexandre Matias, André Barcinski, Bernardo Araujo, Bianca Jhordão, Carlos Marcelo, Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Fabio Bianchini, Fernando Rosa, Guilherme A. Hungria, Juliano Zappia, Marco Bezzi, Paulo Cavalcanti, Pedro So, Ricardo Alexandre, Sergio Martins, Spensy Pimentel. **Fotografia:** Daniela Daconso, Klair Robson, Muriel Petroy, Nino Andrés **Ilustração:** Félix, Felix Reinen, Mattiu
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florentine Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Andréa Levoria
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Pereira Soares • Executivas de Negócios: Fernanda Perez Costa, Rosana Garcia Mendes • Contato Publicitário: Fabiana Zuanon • Gerente de Publicidade de Representantes Regionais: Kleber Gomes • Gerente de Publicidade (RJ): Marta Pimentel • Contato (RJ): Anaide Franco • Escritórios: Rio de Janeiro: R. Voluntários da Pátria, 45, GR 401-402, RJ, CEP 22270-000, tel. (0xx21) 579-2239, fax (0xx21) 579-2248 Representantes • Executivo de SP: Fa.Campos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Cayowaa, 1.249, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • Brasília: JCZ - Comunicações Ltda., SBTVS - Qd. 701, Bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70.340-907, tel. (0xx61) 322-2038, fax. (0xx61) 314-1541 • Ceará: A.G. Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 135, 10º and., s. 1.001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4761 • Paraná: Yahn Repres. Comercium Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 468, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80.530-060, tel. (0xx41) 232-3466, fax (0xx41) 232-0737 • Rio Grande do Sul: Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90110-004, tels. (0xx51) 233-1587 e 233-1515, fax (0xx51) 233-1387 • Novo Hamburgo: Integrada Atendimento e Mídia, R. Tiquariçu, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 593-8089 • Santa Catarina: Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, s. 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (0xx48) 222-4151

MARKETING
Gerente de Marketing: Marta de Moraes

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Fernanda Levoria
Gerente Administrativa: Fátima Faria

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandes
Impressão: Calibo Confiança, Gráfica e Editora - Velhedo
Papel: Inpacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 265-1459. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante depósito bancário de exemplar), solicite através de seu jornaleiro. **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER **IVC**

ASSINATURAS: (0xx11) 3990-2121 (Grande São Paulo), 0800-782011 (outros estados), ou pelo e-mail: abrilsac@abril.com.br
RECLAMAÇÕES (sobre assinaturas): (0xx11) 3990-2121 (Grande São Paulo), 0800-782112 (outros estados), ou pelo e-mail: abrilsac@abril.com.br

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Tolêdo
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Bico, Peter Rosenwald

Punks incômodos

Parabéns a Daniel Oliveira e sua crítica ao show do Blink-182, publicada na edição 181. É bom saber que mais alguém percebe o lixo que aquela banda é. Espero que eles acabem sem fã algum.

Marcos Casilli – São Paulo, SP

Quando cheguei à página 78 da edição de agosto, resolvi protestar! Achei um absurdo a crítica. Como um dos únicos grupos que defendem e mantêm vivo o rock recebe tantos adjetivos de calão?

Mayara Domingues – Itanhaém, SP

Por falar nisso...

Bom, não tenho nem palavras para dizer o que achei da matéria de um carinha aí chamado Daniel Coelho, aliás, alguém com esse sobrenome... Bom, deixa pra lá! É o seguinte: me amarro na revista, compro sempre, mas depois de uma matéria (se é que se pode chamar isso de matéria) sobre a banda Blink-182, perdi o tesão.

Leitor desconhecido – lugar idem

Era leitor de SHOWBIZZ, mas parei de comprá-la. A gota d'água foi a resenha de Ernesto Gasperin sobre o Pearl Jam. Qual é? Dizer que *Binaural* é irregular é como dizer que a Danielle Winits não é um tesão!

Gabriel A. Mariani – Caxias do Sul, RS

Atenção: ao enviar seu comentário, protesto ou dúvida por e-mail, certifique-se de que colocou seu nome completo, cidade e estado. E, já que estamos falando de esclarecimentos, não esqueça de ler direito o nome do crítico que você vai detonar. Ernesto Gasperin e Daniel Coelho não trabalham aqui, certo, Ariel?

Confissão passiva

Quero falar de Dave Grohl. Ele é fiel a suas raízes alternativas e está à frente de uma das melhores bandas de rock da atualidade: o Foo Fighters. Uma prova é a música "Everlong", casamento de Sonic Youth com Buzzcocks. Nesse último disco, o FF soa como um Teenage Fanclub hardcore, com influências de Police. Estou lendo um livro do escritor Rubem Alves em que ele diz que, para ser homem de verdade, é preciso ser masculino e feminino ao mesmo tempo. Não quer dizer ser gay. Até porque não sou homossexual (nada contra). Mas, se eu fosse mulher, daria para o Dave Grohl.

Ragel Cruz – Recife, PE

Erratas

– Na Crítica da última edição, "9" é a nota certa para o álbum *Invincible Summer*, de k. d. lang.

– Na SHOWBIZZ Responde do mês passado, dissemos que a participação do Hole na trilha sonora do filme *Tank Girl* se resumia a apenas uma faixa, "Drown Soda". A verdade é que Courtney Love foi responsável pela escolha do repertório do álbum.

Promoção Trama/SHOWBIZZ

Eis os 25 ganhadores dos CDs de Marcelo Bonfá e Max de Castro: Adriano Zambaldi Silva, Alessandra Vanessa Cavalcanti Gomes, Ana Paula Santos da Frota, Anita Mônica, Antonio Camilo, Carlos Eduardo de Lima Araújo, Carolina Carvalho Fonseca, Danielly Carneiro, Edinaldo Mário de Almeida, Erika Carvalho, Erinaldo dos Santos Villaça Jr., Felipe Freitas, Flávia de Oliveira Arantes, Helio Luis Medina, Henrique Akira Hattori, Julio Cesar Florêncio dos Reis, Marcelo Firpo, Marcelo Sampaio Rinaldi, Marco Antônio Casado Lima, Maria Lygia A. Campos, Mauricio Pizzol, Pedro Antonio Batalha, Saulo Araujo, Thiago Kaczuroski, Valdir Rodrigo Rosa. Como todos já provaram que são leitores espertos, eles também sabem que vão receber os discos no conforto de seus lares, sem precisar ligar para cá.

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

AC/DC: Paulo César da Costa – Av. Montevidéu, 754 – Nova Hamburgo, RS – CEP 93420-400

Black Sabbath e Metallica: Cristhian Tronco – E-mail: cristhian@via-rs.net

Blind Melon: Maria Lúcia de Freitas – R. Rebouças, 450 – São José dos Pinhais, PR – CEP 83035-400

Capital Inicial: Adriano Rodrigues – Quadra 1, Conj. H, Casa 315, Setor Norte – Gama, DF – CEP 72430-010

Engenheiros: Diana D'Avila – Av. Brasil, 710 – Paty do Alferes, RJ – CEP 26950-000

Iron Maiden: Fabricio Mesquita – R. Valdir Meireles, 55 – Vitória, ES – CEP 29045-670

Joy Division: Dori Edson Vieira – R. Gotaru Suzuki, 131 – Taboão da Serra, SP – CEP 06765-140 – E-mail: dorimoon@ruralsp.com.br

Madonna: Luis Fernando Sargiani – R. Adriano Borgonovi, 210 – Jundiaí, SP – CEP 13218-441

Morrissey: Viviane Morrissey – R. Juarana, 50, Cachoeirinha – São Paulo, SP – CEP 02612-150

Música Gótica: Anderson Rodrigues – R. Padre José Ferreira de Seixas, 123 – Cotia, SP – CEP 06700-000

Nirvana: Denise de Oliveira – R. CM-9, Quadra 9, Lote 8 – Goiânia, GO – CEP 74463-230

Paralamas de Sucesso: Leticia Meyer Zimmer – R. Jahir da Silva Veiga, 298 – Canela, RS – CEP 95680-000

Radiohead: Walber Miranda Costa – R. Bernardo Augusto Sperandio, 282-A – Colatina, ES – CEP 29704-380 – E-mail: wmiranda@unesc.br

Red Hot Chili Peppers: Juliana Vaz – R. Marco Polo, 183 – São Paulo, SP – CEP 03801-060

Roxette: Renê Marques da Silva – R. Jupiracy, 20 – Recife, PE – CEP 50780-280

Silverchair: Juliana Fernanda – R. Rodolfo Schmitz, 578 – Blumenau, SC – CEP 89032-320

U2: Rodrigo de Oliveira Gastão – R. Marcos Pinesch, 93 – Porto Real, RJ – CEP 27570-000

FÃS-CLUBES

Beatles: The Official Beatles Fun Club Brazil – R. Demetrio Ribeiro, 268, Ap. 201 – Porto Alegre, RS – CEP 90010-312 – E-mail: oficialbeatles@uol.com.br

Cyndi Lauper: Wanna Have Fun Cyd – Fan Club – Km 4, RS 020/93, Posto Polícia Rodoviária – Taquara, RS – CEP 95600-000

Green Day: The Best Of GD – Caixa Postal 32 – Nova Petrópolis, RS – CEP 95150-970

Hanson: R. Agostinho Texeira de Lima, 388, Jd. Sertãozinho – São Paulo, SP – CEP 04826-230

Jota Quest: Fã-Clube Oficial Sempre Assim Jota Quest – Av. Fernando L. H. Santos, 2.669 – João Pessoa, PB – CEP 58037-051 – E-mail: fcsempreassimjq@hotmail

Rolling Stones: Rolling Stone Clube – Caixa Postal 17097 – São Paulo, SP – CEP 02399-970

Smashing Pumpkins: Pumpkins Dreams – Caixa Postal 1155 – Osasco, SP – CEP 06132-990 – E-mail: smashbox@mad.scientist.com

CD Expo no Mundo Virtual

<WEB EXPO SHOW>2000
entretenimento.música.informação

CD EXPO MUSIC ENTERTAINMENT EXPO 2000

Esse ano tem CD Expo de novo. Só que agora em versão web. De 17 a 22 de outubro de 2000 no Pavilhão da Bienal no Ibirapuera - São Paulo. Pela primeira vez no Brasil uma feira de internet e entretenimento. Todos os maiores portais e sites do país, gravadoras, selos e lojas juntos em um só lugar.

<Palco principal> dois grandes shows por dia
Palco <Novos Talentos>
<Talk Shows> no Web Café
Praça de <Autógrafos>
<Correio> Elegante

Pista <Dance>
Feira <24 horas>
Mercado <Alternativo>
<Desfiles>
<Promoções>

Se você já faz parte da comunidade virtual, essa é a sua chance de conhecer novas oportunidades no mundo real. Você precisa se conectar.

Acompanhe novidades e lançamentos no nosso site.

iBest Masters - 18 e 19 de Outubro - na Web Expo Show

Realização: iBest.company
Organização: MANTEL.com
Para maiores informações: Tel: 21 558-4878

Promoção: FAGGA EVENTOS
Filiada a UBRAFE

Para maiores informações:
Fagga Eventos Internacionais
Rio - Tel.: 21 537-4338 Fax: 21 537-7991
São Paulo - Tel.: 11 283-1866 Fax: 11 283-1156
E-mail: webexposhow@webexposhow.com.br
www.webexposhow.com.br

Rádio Oficial: JP

Apoio Internet: 2PG
Apoio: AMI

Os Beatles conhecem Dylan (*y otras cositas más*)

Tanto um quanto outro saíram mudados depois que se encontraram: o quarteto inglês passou a valorizar mais as letras, o trovador americano descobriu o pop de guitarra

Os fãs de Dylan e dos Beatles andavam em lados opostos. O primeiro era cultuado por universitários que sentavam silenciosos em seus shows, ouvindo cada sílaba do menestrel. Era o tipo de gente que não se juntaria às adolescentes que lotavam estádios para gritar ao som do grupo inglês. Para eles, guitarras e músicas nas paradas de sucesso não passavam de oportunismo. Mas, em 1964, até os Beatles sucumbiram aos encantos de Dylan. "Quando ouvimos seu discos, ficamos loucos", declarou John Lennon.

Embora seus colegas desprezassem o grupo de Liverpool, os instintos do trovador de Minnesota (EUA) indicaram que algo muito forte estava acontecendo. "Os Beatles estavam fazendo coisas únicas. Muita gente falava que você tinha de tocar folk ou rock. Vi que não precisava ser assim", disse Dylan. Ele ficou abismado com a versão roqueira de "The House Of The Rising Sun" (tradicional canção folk que gravara em seu primeiro LP) feita pelos Animals. E logo comprou uma coleção de guitarras elétricas.

Os Beatles voltaram à América para a turnê de verão de 1964. Tocaram em Nova York, ficando hospedados no badalado Hotel Delmonico. Finalmente, no dia 28 de agosto, eles tiveram a chance de conhecer Dylan cara a cara. O encontro foi armado por um amigo em comum, o crítico musical Al Aronowitz, a pedido de Lennon. Nessa ocasião histórica, Dylan apresentou a maconha para os Beatles. Apesar de meio receosos, os quatro experimentaram o fumo. Mas a influência dele sobre a banda foi muito além disso. O próprio Lennon afirmou: "Não achava que as letras valessem alguma coisa. Até que Dylan veio para mim e falou: 'Preste atenção nas palavras, cara!'."

Coube ao grupo The Byrds unir os dois universos. Formado por veteranos da cena folk, o quinteto californiano assistiu ao filme *A Hard Day's Night* e percebeu que o futuro do pop estava nas guitarras elétricas. Assim, gravou "Mr. Tambourine Man", do amigo Dylan, usando harmonia e instrumentação no estilo dos Beatles. Nascia o termo "folk rock".

Assim, no verão de 1965, todos passaram a levar o rock a sério. Graças a Dylan e a outros renegados, o gênero recebeu uma injeção de poesia e protesto social. Muitos astros pop, como Turtles, Manfred Mann e Sonny & Cher, vasculharam o catálogo do americano atrás de possíveis hits e canções de qualidade. De repente, todo mundo "tinha algo a dizer".

Enquanto isso, Dylan também estava mudando drasticamente seu som. No festival de Newport, também em 1965, ele despertou a ira dos radicais fãs de folk ao entrar no palco empunhando uma guitarra elétrica e acompanhado por uma banda de rock. Foi vaiado e chamado de Judas. Ele se vingou imediatamente, quando "Like A Rolling Stone" (um velado ataque aos conservadores) subiu como um foguete na lista dos compactos mais vendidos. Em seguida, soltou dois discos devastadores: *Bringing It All Back Home* e *Highway 61 Revisited*.

Ele foi acusado de traidor por eletrificar seu som

De volta à Inglaterra, a primeira canção dos Beatles a trazer uma levada inspirada por Dylan foi "I'm A Loser", de Lennon. A harmonia folk e a letra pessimista não escondiam isso. Em *Help!*, o guitarrista destilou mais amargura na faixa-título e em "You've Got To Hide Your Love Away". Essa transição foi sintetizada em *Rubber Soul*. Basicamente acústico e cheio de inventividade, o disco trazia comentário social ("Nowhere Man") e mensagens utópicas ("The Word"). Já em "Norwegian Wood", Lennon usava uma linguagem oblíqua à Dylan. Ninguém sabia se ele estava falando de maconha, de um caso amoroso ou se era puro besteirol.

Dylan entendeu o recado e gravou no LP *Blonde on Blonde* (1966) uma paródia de "Norwegian Wood" chamada "4th Time Around". Anos depois, Lennon comentou: "Éramos muito paranóicos em relação a tudo o que ele fazia. Não sabíamos se iríamos conseguir gravar algo no mesmo nível". Depois disso, a influência mútua passou a ser mais "conceitual" do que sobre algum estilo musical específico. Mas, acima de tudo, Dylan mostrou aos Beatles que eles poderiam fazer o que quisessem, do jeito que desejassem.

Paulo Cavalcanti

Antes, os Fab Four nem ligavam para a mensagem das músicas

KOZA

STEREO | www.sbleisure.com

SUPREME BEINGS OF LEISURE

o trip hop nunca mais será o mesmo

primeiro álbum do quarteto norte-americano, incluindo "Strangelove Addiction"

nas melhores lojas

www.trama.com.br

PALM

TRAMA